



Lenine Angelo Presidente da Sociedade de Cardiologia na Paraíba alerta para os cuidados com o coração. [Página 4](#)

Economia

Demanda por desconto em compras virtuais cresce 20%

Comércio disputa atenção do consumidor oferecendo cupons de desconto e, com "vouchers", plataformas registram aumento de até 400% em pedidos. [Página 17](#)



Exclusivo Yamandú Costa fala sobre a vida em Portugal e revela detalhes do próximo disco. [Página 9](#)

Em plena era do "streaming", JP ganha terceira loja de discos

Aberta há um mês, Estilhaços Discos reúne LPs, CDs, DVDs e livros sobre música, mostrando que a mídia física ainda está longe de acabar. [Página 12](#)

Paraíba

Paraibanos criam pastas veganas com sabor de carne

Pesquisadores da UFPB também desenvolveram bebidas alcoólicas à base de mel: é a engenharia de alimentos inovando para melhorar a qualidade de vida. [Página 7](#)

RADAR ECOLOGICO Diversidade

Caranguejo goiamum, uma espécie ameaçada de extinção

A degradação do habitat natural, bem como a captura predatória estão entre os fatores que poderão levar o crustáceo ao desaparecimento. [Página 19](#)

Colunas

/// O planeta Terra está virando um lixão. O remédio está nas bactérias, nos fungos, nas bufas-do-cão. [Página 2](#)

Sitônio Pinto

/// A vida está aqui, está ali, está acolá, em todo lugar e em diversas circunstâncias, no tempo, no modo e na possibilidade de suas formas. [Página 11](#)

Hildeberto Barbosa Filho

Pandemia fez surgir o lado empreendedor do povo paraibano

Número de microempreendedores individuais no estado saltou de 128 mil em janeiro de 2020 para 158 mil em fevereiro deste ano, um crescimento de 23% no setor. [Página 18](#)



Foto: Evandro Pereira

Onde moram os sonhos de uma vida melhor

Local em que nasceu a cidade de João Pessoa, Porto do Capim chama por melhores dias, moradores pedem a sua revitalização e Prefeitura acena com projeto para área. [Página 5](#)

Foto: Divulgação/IBGE



Memória A história por trás do Parque Solon de Lucena, a eterna "Lagoa", cartão postal que é o coração de João Pessoa. [Página 25](#)



Pensar Caderno especial mostra como os diferentes povos encaram a morte e vivenciam o luto, os rituais de despedida e o papel da religião

FEVEREIRO Laranja
Leucemia

FEVEREIRO Roxo
Fibromialgia
Alzheimer
e Lúpus

Apoie estas causas e ajude na prevenção e conscientização

Editorial

Desacertos

A transitoriedade, a imperfeição e a incompletude de tudo o que há no mundo ou na vida, seja simbólico, seja material, são consideradas realidades insofismáveis, isto é, são condições inerentes ao universo. Tudo se transforma, nada é perfeito, coisa nenhuma é completa. Não há pedra nem reputação humana que dure para sempre, asseguram certos filósofos.

Isso, no entanto, não é motivo para nihilismos, desesperanças ou acomodações, pelo contrário. Faz-se necessário aceitar essas circunstâncias, no sentido de valorizar a vida, no mais amplo sentido da palavra. Se a natureza é fugaz, que se contemple e se preserve o meio ambiente. Se o ser humano é efêmero, que se cuide bem do corpo e da alma; se valorize a existência.

Há de se respeitar aqueles que em nada creem. Por outro lado, aqueles que acreditam em vida após a morte precisam cultivar a espiritualidade; desenvolver suas crenças, fazendo de seus atos a extensão de suas palavras e de seus pensamentos. Dicotomias e contradições entre teorias e práticas não podem sobrepor-se indefinidamente à coerência.

A pandemia do novo coronavírus favorece a observação dos comportamentos humanos. Milhões de pessoas manifestam apreço pela vida, obedecendo fielmente aos protocolos de segurança contra a covid-19. Outros milhões dizem celebrar suas presenças no mundo negando exatamente as normas estabelecidas para preservá-las de um doloroso crepúsculo.

Algumas pessoas que andam pelas ruas sem máscaras parecem querer dizer, com essa postura equivocada, que o importante é viver o aqui e agora. Mas aproveitar o momento ou o dia não significa que tudo o que não gera prazer imediato deva ser desprezado. Apreciar o presente é potencializar a consciência para o milagre que é o ser e estar no mundo.

Tais pessoas parecem entender que a covid-19 é uma versão atualizada do Evolucionismo, portanto, se presta a tirar de cena os velhos e os doentes, para que os jovens e os adultos sejam construídos e desfrutem de uma nova era, que, mesmo que aconteça, será talvez mais transitória, imperfeita e incompleta do que esta que elas imaginam quarto minguante.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

O exame de admissão

Durante quarenta anos, o sistema de ensino no Brasil estabeleceu a obrigatoriedade do estudante se submeter ao exame de admissão ao ginásio, após ter cursado o primário. Até 1971, as crianças na faixa etária entre 10 e 12 anos viviam o clima de nervosismo, que tomava conta diante da necessidade de vencer esse processo seletivo para ingresso no curso secundário.

Era uma espécie de vestibular, ou ENEM, usando uma comparação mais atual. As vagas no curso ginasial eram limitadas, por isso se aplicavam provas de conhecimentos gerais para avaliar o aprendizado obtido no curso primário, selecionando na conformidade do número de vagas. Portanto, não era fácil dar continuidade aos estudos, a não ser que se mostrasse bem preparado para fazê-lo.

Tendo saído do Seminário, onde fiz os últimos anos do primário, transpuse com relativa facilidade essa etapa da minha vida estudantil. A escola de formação dos padres católicos sempre foi reconhecidamente uma boa experiên-

cia de aprendizado. Ainda no primário já estudávamos latim, o que facilitava um melhor domínio da língua portuguesa. O Seminário foi então uma base importante para a minha capacitação ao exame de admissão.

Ao me convencer de que não possuía vocação sacerdotal me dispus a prestar o exame de admissão no Colégio Pio XII, que também pertencia à Arquidiocese da Paraíba e ficava instalado ao lado da Igreja de São Francisco. O Seminário funcionava por trás da igreja.

O exame de admissão consistia em provas escritas e orais das disciplinas Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Todo mundo ficava com os nervos à flor da pele. Nós, os concorrentes, e os familiares, na torcida para ver os filhos darem prosseguimento na vida escolar.

Ainda bem que no início da década de setenta o governo resolveu dispensar a estudantada pré-adolescente dessa aflição, extinguindo a exigência do exame de admissão ao ginásio.

/// O Seminário foi então uma base importante para a minha capacitação ao exame de admissão ///

Foto: freepik.com



Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

As milagrosas bufas-do-cão

Tempo desses, descobriram na Amazônia uma bactéria que come plástico. Trata-se da pestalotiopsismicrospora. O retrato na Internet revela uma bela bactéria, mas tem jeito de fungo. Parece com os cogumelos que chamávamos, quando meninos, de bufa-do-cão. Atribuía-se um bocado de ruindades às bufas-do-cão: matavam, pois eram venenosos. Medravam no lixo, nos troncos em decomposição de árvores mortas. Evitávamos o contato com as ditas bufas. Sempre achei que elas tinham um jeito suspeito. Quem devorou meus brinquedos de plástico? Será que foram as bufas-do-cão? Eu não sabia que meus brinquedos eram poluentes, naquele tempo nem havia poluição.

Quem está devorando o poliuretano? Um fungo ou uma bactéria?

Os cogumelos são fungos, bem maiores que as bactérias, que são microscópicas. A Net muitas vezes publica informações equivocadas. A bactéria – doravante microspora, pois é mais fácil de dizer e escrever – foi descoberta por estudantes da Universidade de Yale, na Amazônia equatoriana. Eis duas notícias boas numa só manchete. Uma, da bactéria que devora um dos plásticos mais resistentes: o poliuretano; outra, que foi descoberta por estudantes. Há muitos estudantes no mundo, e eles podem descobrir outras coisas úteis à vida. Que a descoberta da turma de Yale sirva de estímulo aos estudantes do mundo. Uni-vos.

Seja lá quem for que rói o poliuretano, fungo ou bactéria, seja bem-vindo. O poliuretano não deve ser queimado, pois sua fumaça vai poluir ainda mais a atmosfera. A microspora é uma esperança de salvação para os lixões, presentes em quase todas as cidades, e os oceanos. Ambos, lixões e oceanos, estão ameaçados pela avalanche de lixo que o bicho homem produz. Haja bactérias, haja fungos para comer o sobejo do homem. Quem será mais rápido? O homem ou a bactéria?

Uma das vantagens da microspora é que ela é anaeróbica, o que lhe possibilita viver sem o oxigênio de todos nós. Assim, ela pode atuar nas camadas inferiores dos depósitos de lixo, comendo o poliuretano por baixo, como o velho fogo de monturo – e sem fazer fumaça. Há bactérias assim, que podem sobreviver sem o popular oxigênio. Tem uma que está comendo a sucata do Titanic, debaixo do mar. Trata-se da halomonastitanicae. Destino muito triste o do Titanic. Depois da tragédia do naufrágio, está sendo devorado por uma bactéria. Será que as halomonas estão devorando também os navios afundados em Pearl Harbor? E os mercantes brasileiros torpedeados nas duas guerras mundiais?

Ainda bem que existem as halomonas e as microsporas para comerem o resíduo histórico do bicho humano. Elas vão salvar os sete mares, os milhares de lixões do mundo. Só no Brasil se recolhe mais de 125 mil toneladas de lixo domiciliar por dia. Parte dessa imundície vira chorume – aquele caldo preto que escorre do lixo acumulado. O chorume se infiltra no solo e vai dar no lençol freático, poluindo as reservas aquíferas. A burguesia que bebe água de poços subterrâneos não sabe que está degustando chorume. Nas cidades em que não há tratamento de esgoto, o chorume recebe o reforço do líquido das fossas domésticas – que também escorre até o freático. E vai parar nas geladeiras domésticas. Não adianta comprar água mineral: ela também é atingida pela poluição que vai bater nas profundas.

O planeta Terra está virando um lixão. O remédio está nas bactérias, nos fungos, nas bufas-do-cão. Procura-se bactérias, precisa-se de bactérias que devorem lixo. Precisa-se de estudantes para procurar bactérias na floresta amazônica, nas profundezas do mar, onde repousa o Titanic, amém.

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Novas gerações concebidas durante a pandemia da covid

Mesmo em tempos de restrições e medidas sanitárias, casais não abandonaram o sonho de ampliar a família

Sara Gomes
sara.gomes@epc.pb.gov.br

O medo de contrair a covid-19, das suas complicações ou suas implicações na vida prática motivaram algumas mulheres a adiar o sonho da maternidade; outras, no entanto, preferiram planejar a gravidez, mesmo com a pandemia; e um terceiro grupo, muito tempo em casa com seus companheiros, engravidou sem projetar um novo integrante na família. São diversas as circunstâncias da vida e dos seus frutos, bebês gerados nesta época de pandemia, que começaram a nascer no fim de 2020 e começo de 2021.

No portal de Transparência do Registro Civil os números da Paraíba relatam 53.151 mil nascimentos ano passado. E, neste ano, só em janeiro, 4.434 certidões de nascimento foram emitidas. Apontando uma pequena redução sobre 2020, quando foram registrados 4.697 nasci-

mentos no mesmo período. Agora em fevereiro, até o dia 18, a plataforma computou 1.987 registros, o equivalente a 50,72 % dos nascimentos do ano anterior. Ou seja, a tendência é de que haja nova redução.

A ginecologista e obstetra, Sheva Rovenina, atende no Instituto de Saúde Elpídio de Almeida (Isea) e na Clínica Santa Clara, em Campina Grande. Na avaliação dela, a pandemia não foi um impeditivo para as famílias. "Teve muita mulher que engravidou na pandemia e até as que não conseguiam engravidar procuraram o ambulatório do hospital para assistência ao casal infértil. Pouquíssimas pacientes preferiram esperar a pandemia acabar para planejar a gravidez", afirmou.

A médica Daniele Lins Braga, 41 anos, preferiu adiar a gravidez do segundo filho por ser profissional de saúde. Em janeiro do ano passado, tinha começado a planejar a gra-



Empresário e produtor de conteúdo, Ricardo Oliveira e a esposa Rayssa Soares planejaram filho para 2020

vidade, mas em março foi surpreendida com a pandemia. "Como eu dou plantão na emergência de clínica médica, começamos a receber pacientes com covid-19. Por estar muito exposta seria arriscado ter um segundo filho nessas circunstâncias", analisou.

O empresário e produtor de conteúdo Ricardo

Oliveira e a designer de interiores Rayssa Soares já planejavam ter um filho em 2020, independente da pandemia. "Minha esposa está no terceiro mês da gestação. Estar no meio da pandemia não tem nenhuma relação direta com a gravidez. Continuamos seguindo todos os protocolos de segurança sanitária

e o fato de ambos trabalharem home office é uma prevenção a mais contra o coronavírus. Só saímos final de semana, ou para resolver alguma demanda externa do trabalho", afirmou Oliveira.

A faixa etária de grávidas na pandemia é entre 20 e 35 anos. As principais cidades com maior regis-

tro de nascimentos, em 2020, na ordem decrescente, segundo do portal de Transparência do Registro Civil foram: João Pessoa (11.874); Campina Grande (7.718); Patos (1.451); Sousa (1.188); Bayeux (991); Cajazeiras (863); Guarabira (715); Cabedelo (658); Sapé (607) e Monteiro (495).



Foto: Arquivo Pessoal

Amanda Cristina é enfermeira, engravidou em junho de 2020 e segue rotina para evitar contaminação

"Novo normal" exige medidas ainda mais controladas

Enfermeira, Amanda Cristina de Lima, 31 anos, está com nove meses de uma gravidez, que também foi planejada mas que tem exigido bastante do casal. "Fiz o planejamento com a minha médica e engravidei em junho, mas lá para agosto tomei consciência da seriedade da pandemia, quando os casos começaram a aumentar. Os meus pais são a única visita que recebo pois me auxiliam nos cuidados. Meu esposo quando chega do trabalho já vai logo tomando banho, a roupa dele já fica na máquina de lavar. Sigo todas as medidas de prevenção à covid-19 e passo repelente pra prevenir o vírus da zika, pois sabemos as consequências de uma microcefalia", disse.

Por outro lado, muitas grávidas não apresentam tanto medo da covid-19 e levam uma vida mais próxima do "normal". "Tem muita grávida que se considera protegida por estar de máscara e acaba batendo perna em todo lugar, inclusive, com aglomerações. Outro fator que justifica o aumento de gestações na pandemia, pelo menos na rede pública, é um maior descuido com os métodos contraceptivos durante a pandemia, já que as mulheres ficaram muitos meses isoladas com seus companheiros. Os bebês frutos da pandemia já começaram a nascer", avaliou Sheva.

A ginecologista e obstetra, Anita Leopoldina Nunes, 34 anos de profissão,

atende em João Pessoa e em Pernambuco. Ela revela o perfil das pacientes "A maioria das grávidas da pandemia são jovens, que estão na primeira gestação ou queriam o segundo filho", afirmou.

Em relação ao medo da covid-19, suas pacientes ficaram receosas de estar gestantes em meio à pandemia. Apesar de serem grupo prioritário, a médica não as aconselha a tomar a vacina. "A gravidez baixa a imunidade e elas precisam estar com a imunidade boa. A vacina foi liberada, mas sabemos que a resposta imunogênica da grávida é bem mais baixa que a população em geral. Então, meu conselho é tomar a vacina antes ou depois da gravidez", recomendou.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PARTICIPAÇÃO POPULAR: GESTÃO AMPLIA ENVOLVIMENTO DAS PESSOAS PARA IDENTIFICAR DEMANDAS DA CAPITAL

A participação popular nas gestões públicas tem se consolidado como instrumento singular para dar resolução às demandas administrativas. Na Paraíba, a título de ilustração, temos o 'Orçamento Democrático', do Governo do Estado, que permite à população eleger prioridades para os investimentos governamentais em todas as regiões. No âmbito da prefeitura de João Pessoa, há exemplo similar que tem cumprido também esse papel de dar voz às pessoas, no que tange à aplicação dos recursos públicos na cidade: o 'Orçamento Participativo'. Essas duas experiências, esses modelos que compartilham os processos decisórios com a população, vieram para ficar, como se diz popularmente. E agora, de modo pertinente, a Prefeitura de João Pessoa está ampliando esse canal de diálogo com as pessoas, por meio da Secretaria Executiva de Participação Popular, que realizou o segundo encontro com conselheiros de bairros e comunidades, com o intuito de aproximar a gestão das pessoas que estão na ponta e, assim, ter uma radiografia mais precisa dos problemas da cidade. "As demandas que os conselheiros trazem são as demandas do povo. Queremos dar uma repaginada no processo de participação popular", explica o vice-prefeito Léo Bezerra (foto), que participou do encontro, ao lado do prefeito Cícero Lucena.

Foto: Divulgação



A TOGA E A FARDA

"O que vemos é a ditadura da toga". Do deputado estadual Cabo Gilberto (PSL), criticando a prisão do seu correligionário, deputado federal Daniel Silveira, que gravou vídeo com ataques à honra dos ministros do STF. Cabe uma pergunta: o que o parlamentar paraibano acha da 'ditadura da farda', uma vez que Silveira defendeu a volta do AI-5?

SEM PRESENÇA DE PÚBLICO

Nesta próxima terça-feira, o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP) participará da sessão de retomada das atividades legislativas na sede da Câmara Municipal, confirma o presidente da casa, vereador Dinho Dowsley (Avante). "Infelizmente, não haverá a presença do público", disse, referindo-se às medidas preventivas contra a covid-19.

REMOTAS E PRESENCIAIS

As sessões deliberativas na Câmara Municipal de João Pessoa serão realizadas às terças-feiras e quintas-feiras, de acordo com Dinho Dowsley, enquanto que às segundas-feiras e quartas-feiras ocorrerão as reuniões das comissões temáticas, de modo presencial e remoto. A cada 15 dias, o quadro será avaliado pela Mesa Diretora.

REUNIÃO EM CAJAZEIRAS

O ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, confirmou para o dia 11 de março, em Cajazeiras, encontro com os governadores da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Na pauta principal, estará a assinatura de um pré-acordo para o uso, pelos estados, das águas da transposição do Rio São Francisco.

PAUTA DA TRANSPOSIÇÃO

Reconduzido à condição de presidente da Comissão de Desenvolvimento, Turismo e Meio Ambiente da ALPB, Jeová Campos (PSB) informa à coluna que voltará, no âmbito do colegiado, a fazer o debate sobre a conclusão das obras de transposição do Rio São Francisco, que estão paradas há cinco anos. "Vamos retomar essa pauta cobrando essa finalização", afirmou.

RANIERY: "VENEZIANO TEM HISTÓRIA DE FUTURO"

O MDB projeta disputar em 2026 o Governo do Estado na cabeça de chapa, com o apoio do governador João Azevêdo, que será candidato à reeleição no próximo ano. Nas entrelinhas de uma declaração do deputado Raniery Paulino, vice-líder do governo na ALPB, esse projeto se desnuda: "Veneziano tem história de futuro, inclusive para governar um dia a Paraíba".

Lenine Angelo Alves da Silva,
presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia - Regional Paraíba (SBC-PB)

“Cuidados com o coração devem começar antes do nascimento”

Médico cardiologista destaca a importância de uma dieta balanceada e da prática de exercícios físicos tanto na vida adulta, quanto na fase da infância



Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Ao contrário do que muitos pensam, os cuidados com o coração não devem começar somente quando houver algum sintoma ou com o avanço da idade. O acom-

panhamento deve ter início antes mesmo do nascimento, com exames específicos a exemplo da ultrassonografia morfológica. A atenção deve ser mantida durante a infância com uma dieta balanceada e a prática de exercícios, hábitos que devem ser man-

tidos durante toda a vida.

Fácil não é, e se tornou um desafio ainda maior durante o período de isolamento social que, além de fazer com que muita gente se afastasse dos consultórios médicos, levou ao sedentarismo, ao etilismo e ao consumo

desenfreado de fast foods, gorduras e açúcares. O resultado diante desse cenário foi o ganho de peso e o risco aumentado do surgimento ou agravamento de doenças cardíacas.

O presidente da Socieda-

de Brasileira de Cardiologia - Regional Paraíba (SBC-PB), Lenine Angelo Alves da Silva, alerta que, além dos efeitos que o coronavírus pode causar ao coração, o comportamento das pessoas tem um grande peso na manutenção da saúde desse órgão ou no

aparecimento de doenças como a insuficiência cardíaca que em dez anos - de 2009 a 2018 - provocou 7.292 mortes na Paraíba, de acordo com o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB).

A entrevista

Em tempos de pandemia, a saúde, de forma geral, sofre os efeitos da covid-19. Como a doença afeta especificamente o coração?

■ De uma maneira mais técnica, o acometimento cardiovascular se dá de três formas. A primeira é por hiperinflamação decorrente de uma resposta imunopatológica exacerbada; a segunda, por agravamento de doenças cardiovasculares pré-existentes, especialmente devido à falência respiratória com hipoxemia (baixa concentração de oxigênio no sangue); a terceira, causando doença diretamente no coração, a exemplo das miocardites (inflamação no músculo do coração). A consequência prática para o coração se traduz nas arritmias cardíacas, infarto do miocárdio, insuficiência cardíaca e no tromboembolismo.

As pessoas se tornaram mais sedentárias e muitas deixaram de procurar os consultórios por conta do isolamento social em razão do medo de contrair a covid-19. Quais os efeitos negativos da pandemia na prevenção das doenças cardíacas?

■ A pandemia tem sido danosa não somente pelo que a doença pode ocasionar, mas principalmente porque não estávamos preparados para reagir. Assim a assistência à saúde cardiovascular perdeu qualidade em todos os aspectos: os pacientes deixaram de realizar tratamentos importantes e que mudariam suas vidas por medo do risco de contaminação. Hospitais, clínicas e postos de atendimento tiveram suas atividades interrompidas ou fecharam. A assistência à saúde se voltou quase que exclusivamente à covid-19, o que terminou, talvez de forma equivocada, por negligenciar a gravidade dos outros milhares de

agravos à saúde. A atividade física ficou interrompida. A alimentação saudável deu lugar ao confinamento associado ao 'fast food' e 'delivery'. Etilismo e tabagismo viraram falsas válvulas de escape à tensão da pandemia. Por último, a obesidade se tornou uma realidade mais próxima, senão vejamos: quem não conhece alguém que ganhou peso durante a pandemia? Resumindo: a pandemia adoeceu a sociedade, que ficou desorientada, estressada e mais sedentária.

Quais os riscos do sedentarismo para o coração?

■ O sedentarismo é um hábito que gera e agrava as doenças cardiovasculares,

///A assistência à saúde se voltou quase que exclusivamente à covid-19, o que terminou, talvez de forma equivocada, por negligenciar a gravidade dos outros milhares de agravos à saúde ///

em especial por favorecer a obesidade, agravar a hipertensão e o diabetes. O sedentarismo é um campo fértil para agravar a dislipidemia (doença do colesterol) e favorecer vícios como etilismo e tabagismo. A pandemia contribuiu para a interrupção de hábitos saudáveis e favoreceu o recrudescimento de doenças outrora controladas. Essa foi a tempestade perfeita para o aumento do risco cardiovascular.

De modo geral, e não só durante a pandemia, quais os cuidados básicos para manter o coração saudável?

■ A primeira atitude deve ser manter a mente sau-

dável. Repito, não estávamos preparados para essa pandemia e a cabeça foi quem mais sofreu. O medo do desconhecido tirou nossa capacidade de raciocinar. Nossa mente se tornou campo fértil para a tormenta de informações que passamos a receber. De repente todo mundo se tornou especialista em uma doença que ninguém conhecia e ainda não entende bem. O medo nos paralisou. Então é preciso colocar a cabeça no lugar e manter a calma. Tomar os cuidados necessários para nos protegermos da contaminação e evitarmos também propagar a contaminação. A atividade física é essencial para melhorar a resistência de nosso organismo, e quando falo em resistência, também me refiro à imunidade. O caminho para a vida saudável vai na direção da boa alimentação, manter-se bem hidratado, evitar o tabagismo, o etilismo e o uso de drogas.

Como a alimentação influencia na saúde do coração? O que priorizar e o que devemos evitar?

■ Soa muito clichê, mas você é o - reflexo daquilo - que você come. Absolutamente tudo na vida cobra o seu preço. Açúcares e gorduras em excesso levam ao diabetes e à obesidade e favorecem a doença aterosclerótica. Boa parte da população não prioriza uma dieta balanceada, não faz uso de saladas, legumes e verduras em seus pratos. A moda é usar suplementos, comprar whey protein, vitamina D, polivitamínicos, zinco, coenzima Q10, etc. Esquecem que o mais importante está no equilíbrio de suas refeições, nas quantidades de calorias ingeridas e consumidas durante o dia. A Matemática da Biologia não falha, entrou mais do que gastou, acumulou.

As crianças atualmente se alimentam de forma errada e, por isso, muitas estão obesas. Essa realidade aumenta o risco de doenças cardíacas?

■ Sem dúvida, mas cabe muito mais aos pais a responsabilidade de guiar a criança pelo caminho dos hábitos saudáveis. Os filhos normalmente não conhecem seus limites e costumam refletir os hábitos dos pais. Quando não há firmeza no posicionamento de pais e mães ou bons exemplos a serem seguidos, as crianças invariavelmente saberão se posicionar para conseguir o que querem, seja aquilo saudável ou não.

Qual a importância dos exames periódicos, os principais exames e com que frequência devem ser realizados?

■ A realização de exames periódicos deve ser decidida durante a consulta. O histórico familiar cardiovascular e a presença de sintomas é que servirão de norte para a realização de exames. Para o paciente pediátrico a consulta também deve ter um caráter educativo, pois o sedentarismo é uma realidade no mundo tecnológico que vivemos hoje. O pediatra é capaz de identificar alterações de ritmo e problemas endocrinológicos ou cardiovasculares que requeiram avaliação especializada de um cardiologista. Pacientes cardiopatas não devem ter o seu seguimento cardiovascular interrompido por receio da pandemia. Há que se criar uma rotina de atendimento que permita trazer mais segurança durante a consulta.

Existem grandes ferramentas, muito simples que agregam grande valor à consulta cardiológica, o eletrocardiograma, a ecocardiografia e a ergometria são bons exemplos.

A partir de que idade deve ser iniciado o acompanhamento da saúde do coração?

■ A medicina evoluiu muito e graças a essa evolução muitas vidas foram salvas. Hoje a avaliação cardiovascular se inicia ainda na vida intraútero com a ultrassonografia morfológica e a ecocardiografia fetal, capazes de detectar malformações cardiovasculares e orientar terapêuticas mais apropriadas e planejamentos para o parto e puerpério. São disponíveis exames sanguíneos para identificação de doenças autoimunes que podem ocasionar malformação cardiovascular mecânica ou elétrica. Em todas as idades a necessidade de um acom-

///O coração é uma bomba eletromecânica responsável por abastecer todo o organismo de combustível num sistema hidráulico fechado ///

panhamento cardiovascular dependerá exclusivamente da identificação de doenças cardíacas ou de doenças que podem afetar o coração. Os pacientes idosos merecem especial atenção, pois geralmente são mais frágeis e recebem polifarmácia (vários medicamentos ao mesmo tempo), portanto são mais susceptíveis às interações medicamentosas. O princípio da medicina é primeiro não fazer mal. Um acompanhamento cardiovascular cuidadoso do paciente idoso fará muita diferença na vida e na qualidade de vida do paciente e de sua família.

O exercício físico é importante na prevenção de

várias doenças, inclusive cardíacas. Porém, muitos atletas, que treinam constantemente, já morreram de infarto, mal súbito, ou seja, o risco é para todos. Que outros problemas de saúde ou maus hábitos podem influenciar ou desencadear um problema cardíaco, mesmo sendo uma pessoa com hábitos saudáveis?

■ Verdade, o risco é para todos, mas não na mesma proporção. Além de tudo o que falamos, existe ainda a influência da genética na geração e predisposição às doenças cardiovasculares. Não devemos esquecer que o homem é um produto do meio, portanto se os maus hábitos não forem corrigidos e a genética não for favorável, o risco cardiovascular aumentará. O coração é uma bomba eletromecânica responsável por abastecer todo o organismo de combustível num sistema hidráulico fechado. Fazemos uma analogia com os carros de corrida de Fórmula 1: até os melhores motores do mundo, como os das Ferraris, quebram. É importante que fique claro que os hábitos saudáveis sempre serão bons, isso não significa que por treinar constantemente você esteja fazendo tudo de forma correta. É preciso um equilíbrio entre a necessidade de atividade física, a vontade de realizar a atividade e a capacidade de tolerar o estresse relacionado ao exercício. Assim, a avaliação cardiovascular adequada, com a correta anamnese, exame físico bem feito e a realização dos exames complementares mais adequados, sem dúvida, lhes conduzirão a uma vida mais plena e saudável. Para alcançar o objetivo de envelhecer de forma saudável deveremos fazer escolhas que nem sempre serão as mais fáceis, ao final você verá que valeu a pena, pois viver é sempre bom.



Porto do Capim e a rotina do abandono histórico

Moradores lamentam a situação a deterioração da área e pedem revitalização; prefeitura prepara projeto para a região

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Nas ruas estreitas do Porto do Capim, no bairro do Varadouro, em João Pessoa, moram sonhos de uma vida melhor, uma moradia digna, infraestrutura e de valorização do lugar onde nasceu a cidade, mas que é tão pouco valorizado diante de sua importância histórica. Gestões após gestões, promessas de melhorias nunca foram cumpridas. A esperança, porém, permanece embalando o desejo de que, um dia, o lugar seja reconhecido por seu significado. A aposentada Maria Adianiz Costa de Oliveira, de 71 anos, sabe do valor inestimável do lugar e, da janela de casa, observa o mangue. No olhar, a

vontade de testemunhar a transformação do Porto do Capim, desejo que vem desde 1970. São 50 anos de uma espera que pode estar perto de acabar.

O Porto do Capim está inserido no projeto macro da Prefeitura de João Pessoa que prevê a revitalização do Centro Histórico, incluindo a Praça Anthenor Navarro, os casarões, galpões, a antiga alfândega. Ainda não há prazos, mas as discussões foram iniciadas e outras ações estão em andamento. Já há, inclusive, edital publicado envolvendo o espaço do antigo Lixão do Roger, que é uma área adjacente ao porto, e que será transformado no Parque Socioambiental de João Pessoa, através do Plano de Ação

João Pessoa Sustentável.

“Quando cheguei aqui, minha casa era de taipa e tudo era muito difícil. Eu tinha um bom terreno, mas faltava condição para construir. Consegui fazer a casa de tijolo com a ajuda do governo daquela época e ficou boa. Só que tem muita coisa para melhorar, como saneamento básico. Esse lugar é importante demais para ficar esquecido assim”, declarou a idosa, que é uma das moradoras mais antigas da comunidade.

O aposentado Cosme de França, 71 anos, compartilha o mesmo desejo. “Moro há 40 anos no Porto do Capim, mas conheço esse lugar desde criança. Fiz minha vida aqui, casei, tive meus filhos e vi muita coisa acontecer. Lembro que o porto era lá

em cima, onde tem uma gameleira. Invadiram a área, construíram lá. Aqui embaixo, eu ajudei a construir o trapiche, que era todo de madeira. Só depois, os gestores fizeram de cimento armado”, contou.

Para ele, o tempo não ajudou a melhorar a localidade, que só foi se deteriorando. Hoje, restam as lembranças do tempo em que o Rio Sanhauá tinha águas limpas, livres de poluição. “Eu era pescador profissional e dava para pescar aqui. Tinha curimã e outras espécies de peixe. Hoje só tem esgoto, sujeira. É uma tristeza”, constatou. Os exemplares adultos do chama-maré, espécie de caranguejo que vive no mangue, crescem pouco, e os que conseguem sobreviver em meio a

toda imundície lançada no rio (Rio Sanhauá), têm as carcaças manchadas pela sujeira.

A dona de casa Niedja Oliveira dos Santos nasceu no Porto do Capim e não pensa em deixar o lugar, mas afirmou que a situação do lugar é lamentável. “É muito triste ver como está e saber de tudo que poderia ser feito”. Ciente dos projetos anteriores que previam a retirada dos moradores, ela acredita que é possível solucionar os problemas sem afastar as pessoas. “No meu caso, são 30 anos de vida aqui. Outros moram há mais tempo e todos estão acostumados com esse lugar, apesar da realidade difícil. Espero que agora façam alguma coisa por nós”, disse.

+ Restauração pode desenvolver o comércio e o turismo

É preciso pensar o lugar em todos os aspectos, desde ações em benefício de quem mora próximo ao mangue, que tem as casas invadidas com a cheia da maré, até o incentivo ao turismo, com passeios a partir do trapiche. A opinião é do pequeno comerciante Paulo de Souza, que mora há sete anos no Porto do Capim, desde que casou com Niedja Oliveira. Na opinião dele, ações que movimentem o local iriam atrair turistas e moradores da cidade para conhecer o lugar e navegar nas águas do Rio Sanhauá.

“Atualmente, acontecem alguns passeios de caiaque promovidos por turistas nos finais de semana, mas é algo particular, não é uma coisa organizada, que realmente chame a atenção das pessoas para o Porto. Para nós, moradores, uma

transformação aqui iria mudar a vida de muita gente, melhorando o comércio, valorizando o lugar e reconhecendo a importância histórica que tem essa área. Infelizmente, a esperança vai diminuindo quando a gente vê que as coisas não acontecem”, lamentou.

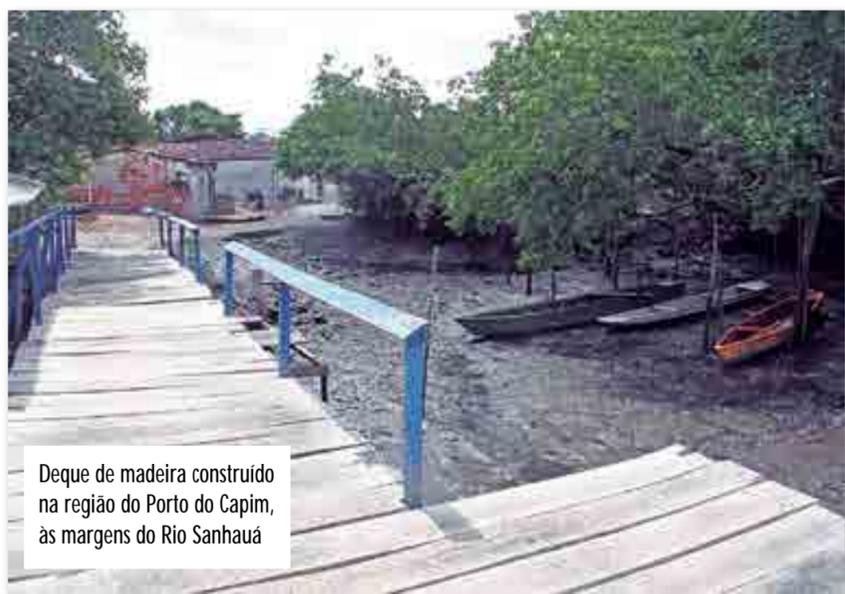
Histórico do projeto

O projeto que prevê melhorias para o Porto do Capim se arrasta desde 2009. A intenção seria revitalizar o local com a proposta do Parque Sanhauá. Na gestão do prefeito Luciano Cartaxo, foram iniciadas algumas ações, como a demolição de casas na Vila Nassau. No entanto, os demais moradores discordaram da metodologia.

No Porto do Capim, além da Vila Nassau, há a Praça 15, e os moradores



Região possui várias construções de grande valor histórico, que necessitam urgentemente de restauração



Deque de madeira construído na região do Porto do Capim, às margens do Rio Sanhauá

chegaram a receber uma proposta de auxílio-aluguel para, posteriormente, serem relocados para um condomínio construído pela prefeitura na comunidade Saturnino de Brito, no bairro de Cruz das Armas. Porém, os planos de intervenção na área não avançaram.

Algumas mudanças foram feitas no projeto original previsto para o Porto do Capim, incluindo a revitalização de imóveis históricos na região, a exemplo da Alfândega. Em 2013, foi anunciado que o projeto do Complexo do Porto do Capim contaria com recursos do Governo Federal através do Programa de Aceleração do Crescimento do Centro

Histórico (PACCH). Na época, o projeto estava orçado em R\$ 106 milhões.

O projeto do Parque Ecológico Sanhauá foi apresentado em 2019, inclusive com autorização do início das obras, que previa a retirada de algumas famílias para permitir o andamento do projeto, o que gerou protestos dos moradores. Entre outras mudanças, estava prevista a construção de uma praça e um mirante. O Ministério Público Federal (MPF), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep), Defensoria Pública da União (DPU) e do Estado (DPE) entraram na discussão, mas as ideias nunca saíram do papel.

A PMJP planeja revitalizar, além do Porto do Capim, o restante do Centro Histórico, incluindo a Praça Anthenor Navarro, os casarões, galpões e a antiga alfândega.

Exemplos de solidariedade que aproximam as pessoas

Dificuldades causadas pela pandemia fizeram com que muitas pessoas passassem a ajudar vizinhos e amigos

Sara Gomes
saragomes@epc.pb.gov.br

O sentimento de solidariedade aflorou no início da pandemia. Grupos sociais se mobilizaram para arrecadar alimentos e donativos para pessoas em situação de vulnerabilidade, vizinhos se ofereceram para fazer a feira de idosos e o número de doações para a causa animal duplicou. Além disso, foi possível acompanhar nacionalmente uma rede de apoio aos pacientes de Manaus, no Amazonas, onde estados acolheram pacientes acometidos de covid-19 devido à falta de oxigênio nos hospitais. Na Paraíba, 32 pessoas foram acolhidas.

É fácil encontrar pessoas que vivenciaram essas experiências. O administrador de condomínios, Inaldo Dantas, observou esse comportamento no início da pandemia. Os moradores, por exemplo, se ofereceram para fazer as compras no supermercado e outros serviços, disponibilizando o número do telefone nos elevadores.

“Uma síndica de um prédio que presto assessoria se ofereceu para dar assistência a um morador diagnosticado com covid-19 que vivia sozinho, para que ele não precisasse sair de casa nem circular pelas áreas comuns.

Já na ‘segunda onda do coronavírus’, acredito que as pessoas estão mais preocupadas em se proteger. Mas quem gosta de ajudar o próximo é prestativo em qualquer época do ano”, afirmou.

O morador do José Américo, Ginaldo Galdino, 75 anos, é muito querido na vizinhança. Viúvo há dois anos e com os filhos morando fora, seus vizinhos sempre procuram prestar alguma assistência. Com a pandemia, esse sentimento de solidariedade aflorou ainda mais. Toda vez que vai ao supermercado ou a farmácia, o bancário Carlos Hugo, 54 anos, pergunta se o idoso está precisando de algum produto e procura visitá-lo com frequência.

“Ele é meu vizinho há 22 anos e o considero uma pessoa da minha família. Com o falecimento de sua esposa, a vizinhança se fez ainda mais presente, mas infelizmente a pandemia afastou o convívio social de todos. Sinto-me bem em poder ajudá-lo”, afirmou.

Para a psicóloga Simône Lira, o vínculo construído entre seu Ginaldo e Carlos Hugo representa a essência da solidariedade. “Ser solidário, principalmente em um processo de luto, é ser prestativo a partir do que o outro necessita e não do que a gente acha que pode oferecer a ele. Um grande exemplo de solidarie-



Foto: Arquivo pessoal



Fotos: Arquivo pessoal

Carlos Hugo costuma ajudar o vizinho amigo Ginaldo Galdino; e Ana Cristina e Rosenilda Figueiredo, vizinhas de apartamento e solidariedade

dade é ajudar as pessoas em tarefas mais práticas, como acompanhá-lo no médico, uma feira de supermercado. Nesse contexto é ajuda-lo no que precisa, respeitando suas subjetividades”, explicou.

Rosenilda Figueiredo, 59 anos, também tem muita sorte com os vizinhos, atualmente reside em um condomínio no Altiplano. Ela mora no 22º andar e uma de suas melhores amigas no 7º. Se o açúcar

acabar, por exemplo, Luciana Menezes envia o mantimento pelo elevador. “Sempre que ela faz uma comidinha gostosa me oferece. Se tivermos precisando de qualquer coisa, enviamos pelo elevador.

Como meu marido é grupo de risco, meus filhos começaram a fazer as minhas compras de supermercado e as da minha vizinha Ana Cristina. Aqui todo mundo se ajuda”, revelou.

Manauaras elogiam hospitalidade da Paraíba

O segundo colapso do sistema de saúde do Amazonas evidencia a negligência política na pandemia diante da falta de oxigênio nos hospitais, ausência de leitos na UTI's e o esgotamento dos profissionais de saúde. Esse cenário caótico provocou comoção nacional, inclusive, nos artistas que doaram cilindros de oxigênio aos hospitais. No entanto, a situação ainda permanece crítica, pois o número de internações e de novos casos continua elevado. Para amenizar a crise, o Governo Federal transferiu mais de 400 amazonenses para algumas cidades do Brasil. O advogado Geraldo Júnior, 26 anos, é um entre os 32 amazonenses que vieram se tratar da doença na Paraíba.

“Eu vim para outro estado sem nenhum familiar, só eu e Deus. O sentimento era de angústia e incerteza, mas foi a decisão que salvou a minha vida. Você tem que ter um psicológico muito bom para aguentar toda a pressão de ficar internado, depen-

dendo de outras pessoas até para realizar necessidades básicas”, relembrou.

Para o advogado, o acolhimento dos profissionais de saúde e solidariedade em cada gesto foram fundamentais para a recuperação dos pacientes.

“Tanto eu quanto os meus conterrâneos somos muito agradecidos à Paraíba. Tivemos a devida atenção diante da gravidade da doença. Psicólogos, enfermeiras, copeiras, médicos forneceram todo o suporte necessário para a nossa recuperação, não só clinicamente, mas também do ponto de vista psicológico. Trabalhamos a ausência, a saudade, a falta de casa. A equipe nos recebeu maravilhosamente bem, sempre com um sorriso no rosto e disposto a ajudar. O sentimento que carrego no peito é de gratidão”, falou emocionado.

Apesar de ter conhecido João Pessoa em circunstâncias tão ruins, o manauara pretende voltar em breve a Paraíba como turista.



Foto: Ascom HULW

+ **Psicóloga chama atenção também para a falta de solidariedade**

Na avaliação da psicóloga Simône Lira há duas questões que devem ser levadas em consideração quando se fala de solidariedade durante a pandemia.

“No primeiro momento ocorreu uma mobilização muito intensa de todos, no sentido de ajudar ao próximo e o cuidado com o outro para evitar a exposição ao vírus. Por outro lado, observamos que as pessoas não estão mais respeitando às medidas preventivas”, apontou.

Ela citou que “no Carnaval vimos várias reportagens de festas clandestinas, incentivando a aglomeração. Estar em uma festa não é ser solidário com os profissionais de saúde, com os familiares enlutados, nem com os idosos que permanecem há meses isolados”.

Uma rede de solidariedade foi formada na Paraíba para acolher e tratar os pacientes com covid-19 vindos de Manaus

“Eu vim para outro estado sem nenhum familiar, só eu e Deus. O sentimento era de angústia e incerteza, mas foi a decisão que salvou a minha vida. Você tem que ter um psicológico muito bom para aguentar toda a pressão de ficar internado, dependendo de outras pessoas até para realizar necessidades básicas”

Engenharia de Alimentos inova para melhorar a vida das pessoas

Pesquisadores da UFPB criam pastas veganas com sabor de produtos de origem animal e bebidas alcoólicas à base de mel



Fotos: Divulgação/UFPB

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Assim como em diversas áreas das tecnologias, a Engenharia de Alimentos também vem criando novidades para melhorar a vida das pessoas. Na Universidade Federal da Paraíba, os pesquisadores do Laboratório de Análise Senso-

rial de Alimentos inovam na produção de pastas alimentares totalmente veganas, mas com sabores semelhantes aos alimentos derivados de animais, como camarão e queijo. Também estão sendo desenvolvidas pesquisas no curso que resultaram na fabricação de bebidas alcoólicas à base de mel.

O professor Ricardo Moreira, coordenador do laboratório explica que a pequena quantidade de produtos veganos no mercado, em relação aos de origem animal, culminou na criação dos cremes comestíveis. “Cada vez mais cresce o número de pessoas que deixam de comer alimentos derivados dos

animais. Os veganos, vegetarianos e flexitarianos (que se alimentam de vegetais, mas também comem alimentos do reino animal), então a indústria de alimentos está bem atenta a essas mudanças de hábito”.

A pesquisa está sendo realizada pelos alunos do 9º período de Engenharia

de Alimentos, Cecília Monteiro e Victor Barros, com a participação da técnica de laboratório Katharina Sassi. “O número de consumidores com restrições alimentares, intolerâncias e até mesmo novas formas de cuidar do meio ambiente e de se alimentar tem aumentado cada vez mais. Portanto, pensa-

mos em criar alimentos para essa população. Nossa intenção é oferecer as mesmas sensações de sabor e aroma que os alimentos feitos de animais possuem, bem como com o seu valor nutricional. Utilizamos exclusivamente produtos naturais e saudáveis para o preparo”, destaca a universitária.

+ Pasta de “camarão” e “queijo” à base de leite de coco

Os estudantes desenvolveram as pastas veganas com sabores de camarão e queijo, produzidas à base de leite de coco, especiarias e levedura que criam as características sensoriais e coloração iguais aos de camarão. Já a pasta com sabor de queijo tem como ingredientes principais a castanha de caju e o orégano, que fornecem a textura e propriedades sensoriais bem semelhantes ao alimento de origem animal.

Segundo a pesquisadora Cecília, os produtos veganos já foram testados por 50 voluntários – sendo 30 onívoros (pessoas que se alimentam de vegetais e de animais) e 20 que são veganos, vegetarianos e flexitarianos – e a aceitação está sendo bem favorável pelos voluntários que participam da pesquisa. “O estudo tem como objetivo principal avaliar os significados do teste de aceitação e, possivelmente, estudar as características que precisam ser melhoradas e aperfeiçoadas para, assim, garantir o desenvolvimento e a comercialização no mercado desses alimentos”, explica.

O professor Ricardo Mo-

reira destaca que nas próximas etapas serão analisadas as propriedades de derretimento das pastas e a quantidade de proteínas, de forma que o produto vegano se aproxime da quantidade encontrada no queijo de origem animal. Também serão feitas análises para a adição de outras matérias primas vegetais que possam permitir uma maior durabilidade na embalagem de armazenamento do produto. “Esses cremes veganos podem ser utilizados para recheios de pães, pizzas, torradas, cereais e massas. Nossa expectativa é que possam ser comercializados com preço acessível e praticidade às pessoas que procuram qualidade no preparo de suas refeições e lanches”.

Equipe

Já a produção de bebidas alcoólicas à base de mel, e derivadas do hidromel, são produzidas através de pesquisa realizada pelo professor do curso de Engenharia de Alimentos Marcelo Muniz com a ajuda de seis estudantes do curso e uma técnica de laboratório da UFPB. De acordo com o pesquisador, a ideia de fa-

bricar essas bebidas com sabores inéditos é uma forma de inovar e agregar a matéria-prima do mel na vida das pessoas. Nesse caso, em momentos festivos, já que a bebida pode ser consumida da mesma forma que se toma um espumante, pois as características das duas se assimilam.

“A venda das bebidas só será realizada depois que for recebida a certificação para venda da INOVA/UFPB, a agência de inovação tecnológica aqui da universidade”

O hidromel é uma bebida alcoólica fermentada, considera a mais antiga no mundo e que desde a antiguidade foi muito apreciada pelas pessoas, inclusive ficou conhecida como a ‘bebida dos deuses’. Aqui na Paraíba, ela está sendo produzida de forma inovadora. Já foi patenteada com o nome de melomel e inicialmente a

bebida é feita nos sabores de maracujá, limão e abacaxi. “Os melomeis são produzidos a partir do próprio mel, que vem da cidade de Itapororoca, no Litoral Norte paraibano, com adição de leveduras (microrganismos) e das frutas. Logo em seguida são transformados em um fermentado. Toda essa etapa tem um período de duração. Após essa etapa a gente adiciona o açúcar e aguarda uma média de mais cinco dias. O período do processo para que a bebida fique pronta é de 11 dias e seu teor alcoólico varia entre 8,9% a 11,5%”, explica o pesquisador.

Sobre a comercialização das bebidas, o professor informa que até o momento, também por conta da pandemia, ainda não existe uma produção fora da UFPB. “A venda só será realizada depois que for recebida a certificação para venda da INOVA/UFPB, a agência de inovação tecnológica aqui da universidade”, comenta Marcelo.

Estudos

A professora do departamento de Engenharia de Alimentos, Marciane Magnani,

destaca que os alunos do curso têm a oportunidade de desenvolver pesquisas relacionadas em diversos setores da alimentação. São estudos na área da microbiologia de alimentos, pesquisas relacionadas aos aspectos tecnológicos de produtos cárneos e lácteos, com enfoque no desenvolvimento de novos produtos e processos. Além dos estudos voltados para preservação como refrigeração, secagem e otimização dos alimentos.

“Nosso curso é um dos que forma profissionais e pesquisadores que possam contribuir para melhorias no processamento de alimentos e de sua qualidade, além de permitir que cada vez mais sejam produzidos alimentos mais saudáveis e com tecnologias biossustentáveis. A pesquisa é o que dá suporte às tecnologias de processamento, fazendo a otimização de processos e os resultados gerados contribuem para ampliar as opções de mercado e atender as demandas mais focadas por alimentos específicos, sem que haja o comprometimento da qualidade de vida das pessoas”, pontua a pesquisadora.



Os produtos veganos já foram testados por 50 voluntários – sendo 30 onívoros (pessoas que se alimentam de vegetais e de animais) e 20 veganos, vegetarianos e flexitarianos – e a aceitação está sendo bem favorável pelos voluntários que participam da pesquisa

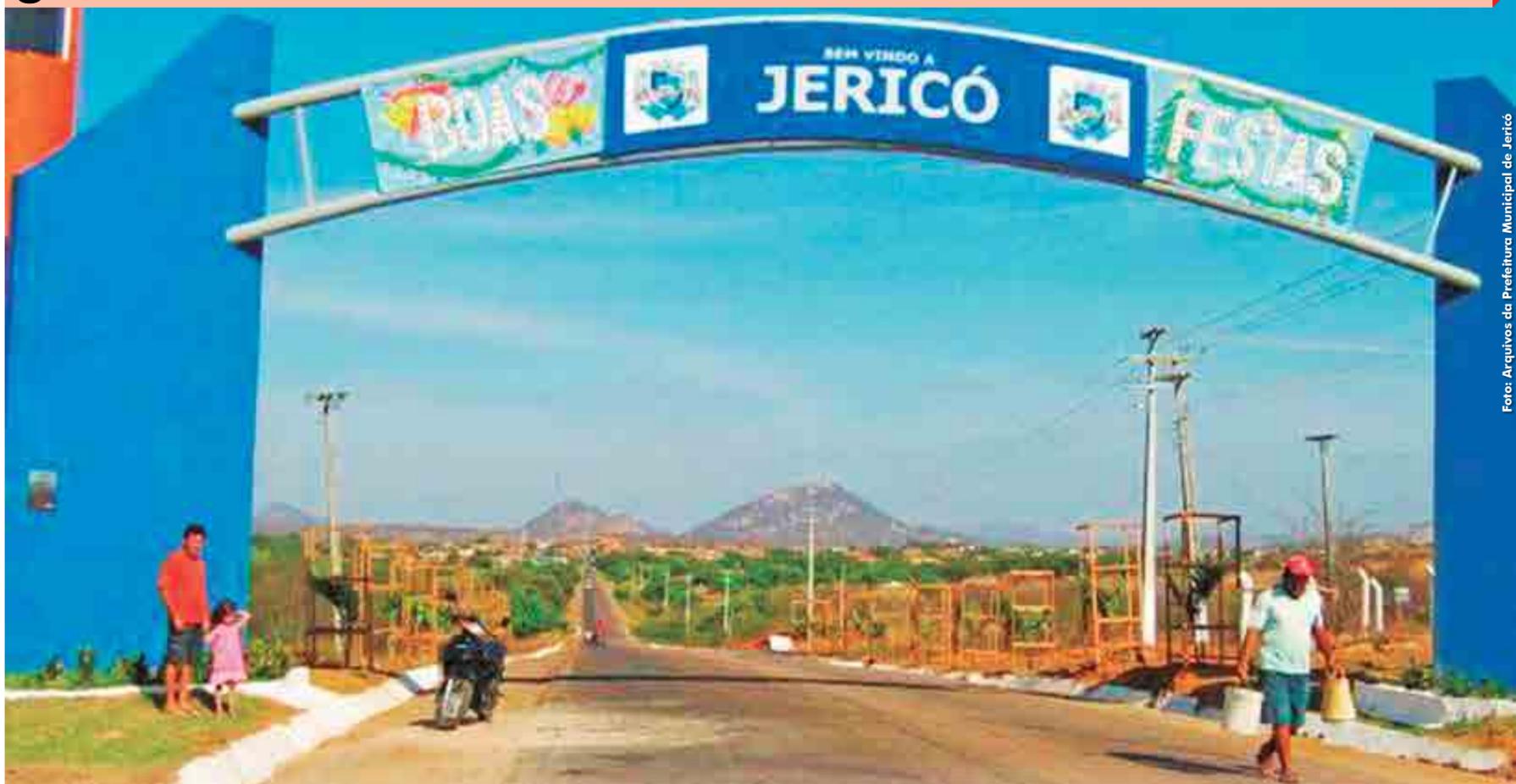


Foto: Arquivos da Prefeitura Municipal de Jericó

Jericó tem rica história que une passado e presente no Sertão

Área onde está localizado o município, emancipado em 1959, começou a ser ocupada durante a colonização portuguesa

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O Capitão José Fernandes da Silva, que era capitão de cavalos da companhia do fundador de Pombal, Teodósio de Oliveira, recebeu do rei português em 24 de setembro de 1705 o título de concessão das datas das Caiporas, às margens do Riacho Quixó Penoso. Lá, onde construiu a sede de sua fazenda, foi o ponto de partida de formação do povoado que viria a se tornar a cidade de Jericó, na região imediata de Catolé do Rocha, no Sertão paraibano. Antes de se chamar Jericó, o município foi nomeado também de Caiporas e Itacambá. A emancipação política da cidade, que inicialmente era considerada um distrito de Catolé do Rocha, aconteceu em 8 de maio de 1959.

A Lei Nº 5 de 26 de maio de 1835, que estabeleceu Catolé enquanto vila, formou a freguesia consagrada a Nossa Senhora dos Remédios e também determinou a criação de três distritos, sendo eles: o da sede municipal,

Conceição e Caiporas - onde atualmente é Jericó. De acordo com o blog local "Memórias de Jericó Ontem e Hoje", o primeiro governador a pisar nos sertões visitou a cidade em 1860, hospedando-se em dois lugares diferentes de Caiporas: na fazenda Pau Ferro e na própria povoação.

O fim do século 19 e início do século 20 foi marcado por diversas construções e instalações na povoação de Caiporas. Por exemplo, em 1872 foi construído o primeiro cemitério, através do padre Ibiapina. Três anos depois a primeira igreja matriz foi erguida pelo Frei Herculano, além da considerada primeira escola, que era destinada aos homens locais. Em 1877, a cadeira de ensino primário para o sexo masculino foi encerrada, mas em 1884 foi reaberta, dessa vez aberta para meninos e meninas. A primeira agência dos Correios chegou em Jericó, já chamada assim, no ano de 1906, mas a primeira funcionária só viria a ser contratada quatro anos depois.

A representação política na equivalente à Câmara Mu-

nicipal de Catolé só chegaria em 1909, quando o vereador Manoel de Sousa Pedrosa foi empossado como representante de Jericó no conselho do município. Após quatro anos, foi determinado que o distrito teria dois representantes municipais e, sendo assim, tomaram posse Manoel Vieira de Freitas e Natanuel Maia. "Na legislatura entre 1921/24, Jericó teve três vereadores fazendo parte da Câmara de Vereadores de Catolé do Rocha: Manoel Vieira de Freitas; Cirilo José de Freitas e José Paz de Lima", conforme informações locais.

Em 1922, o povoado de Jericó sofreu uma invasão por parte dos cangaceiros e, no mesmo ano, houve a instalação de um telégrafo. Cerca de 30 anos depois, a iluminação pública chega ao distrito, inicialmente por meio de vapor, mas em 1959 a energia elétrica é instalada. No mesmo ano, pela Lei Estadual Nº 2097, em 8 de maio, o distrito passa a ser considerado município e, portanto, desmembrado de Catolé do Rocha.



Natureza, economia e turismo

Atualmente, em razão da vegetação verde natural do leito Riacho Carneiro, a cidade de Jericó é considerada uma Cidade Verde. O riacho, responsável por banhar as margens ribeirinhas da parte baixa da região urbana do município, se constituiu como uma das belezas naturais presentes lá. "Temos como pontos turísticos também o Açude Carneiro, a Serra Lisa, a Igreja Alto da Conceição e outros pontos sendo desenvolvidos", explicou o assessor de Comunicação da Prefeitura Municipal de Jericó, Alberto Lopes.

A economia da cidade se sustenta, principalmente, através da agropecuária, como a cultura do gado, produção leiteira, produção de peixes - sendo a tilápia um dos principais. "Como investimento, estamos fomentando parceria com a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Humano, Sebrae, Banco do Brasil e Banco

do Nordeste com a finalidade de desenvolver o Programa de Geração de Emprego e Renda Urbana e Rural, além do fortalecimento do Turismo Municipal", ressaltou Alberto.

Outro ponto forte de Jericó são as festividades que acontecem anualmente, em um cenário sem a pandemia da covid-19. Dentre as principais festas, estão o São João, a vaquejada, as comemorações natalinas que possuem um calendário de 30 dias de programação, o Encontro de Motociclismo, o Encontro dos Filhos Ausentes de Jericó e a Festa do Idoso. Ainda dentro da programação natalina, acontecem comemorações como: o Auto de Natal, Festa da Noite de Natal, Festa da Ressaca, etc. Segundo Alberto Lopes, há uma forte preocupação com o fortalecimento do Turismo e do Amor Telúrico, "ou seja, a terra onde nasceste", complementou o assessor.

Projetos futuros e amor à terra

Para o futuro de Jericó, a nova gestão já articula juntamente com o Governo do Estado parcerias e inovações para as áreas de saúde, infraestrutura, agricultura, educação e social e desenvolvimento humano. De acordo com Alberto Lopes, assessor de Comunicação da Prefeitura Municipal, "a importância desse apoio irá fomentar projetos de política públicas e, consequentemente, melhorar a qualidade de vida para todos e principalmente para os que mais precisam".

Um filho da terra com muito orgulho, Alberto reitera àquelas que julga serem as principais qualidades do mu-

nicipio. "Jericó é uma cidade verde, pacata, acolhedora e de um povo trabalhador. Eu sou daqueles que têm um amor muito forte pela terra em que nasci. Nasci aqui, cresci aqui, fiz meus cursos de especialização e graduação, mas moro aqui, como forma de ajudar e fortalecer o desenvolvimento desta cidade de Jericó, cidade que amo", finalizou Lopes.

População e área

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Jericó possui uma área territorial de 177,356 km². A população estimada em 2020 foi de 7.745 habitantes, com

uma densidade demográfica (2010) de 42,04 hab/km². A taxa de escolarização da cidade é de 98,1% entre 6 a 14 anos (dados de 2010). O Produto Interno Bruto (PIB) de Jericó é de, aproximadamente, R\$ 8.388,30, conforme dados de 2018. Além disso, números de 2017 demonstram que o município teve R\$ 17.555,24 (x1000) em receitas realizadas e R\$ 14.457,83 (x1000) em despesas empenhadas.

Luta conta a covid

Na luta contra o novo coronavírus, o município de Jericó registrou 333 casos confirmados, 5 óbitos e 422 casos descartados. Além



A beleza do Açude Carneiro, considerado um dos pontos turísticos do município de Jericó

Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, marco da fé e religiosidade da população do município



disso, foram 326 recuperados na cidade, enquanto dois seguem em isolamento. Conforme a plataforma do

Ministério da Saúde com dados da imunização contra a covid-19, na cidade já foram 165 pessoas vacinadas com a

primeira dose do imunizante, sendo 113 deles profissionais da saúde e 52 pessoas com 80 anos ou mais.



Foto: Divulgação

Foto: Rodrigo Lopes/Divulgação



“Continuo dando valor ao tempo de cada projeto”

Vivendo em Portugal, violonista gaúcho Yamandu Costa fala sobre o seu novo disco e como explora os formatos virtuais

Com o álbum ‘Festejo’ (2020) para lançar em LP e finalizando ‘Caminhantes’ para maio, o artista investe também no seu canal no YouTube, divulgando vídeos inéditos toda semana

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

Da região central de Lisboa, em Portugal, onde mora há mais de um ano, o compositor e violonista gaúcho Yamandu Costa explora os lançamentos em diferentes formatos. O álbum mais recente, *Festejo* (2020, indicado ao Grammy Latino), deve ser lançado em breve no formato de vinil e, além dele, está sendo finalizado o *Caminhantes*, com previsão de lançamento nas plataformas digitais para maio. Driblando a ausência de shows presenciais, o artista investe também no ambiente virtual, principalmente no seu canal no YouTube, divulgando vídeos inéditos toda semana.

“Caminhantes” tenta traduzir um pouco essa mistura entre povos, Buenos Aires, Porto Alegre e Lisboa. São instrumentos muito fortes e as músicas te remetem a lugares muito específicos

No cenário pré-pandemia, Yamandu se via viajando bastante para a Europa para realização de apresentações e, somando aos fatores políticos e sociais no Brasil, ele decidiu se mudar com a esposa e filhos para a capital portuguesa por não “ver sentido” na vida que levava no Rio de Janeiro. “Viemos parar em Portugal, que está nos acolhendo muito bem”, conta ele ao *Jornal A União*.

Chegando no novo país, Yamandu começou a articular as ideias para algo que fundisse diferentes culturas, misturando alguns elementos. Para isso, convidou Martín Sued, um músico bandoneonista, que representa as origens gaúchas e a tradição do tango argentino, além de Luís Guerreiro, que toca guitarra portuguesa. “Tento juntar esses sentimentos do porto, de povos que se influenciaram. A cultura da música ibérica chegou muito forte na América Latina, como Venezuela e Colômbia. No Sul, o tango também foi muito influenciado pelas músicas espanhola e italiana. Os fados chegaram ao Brasil através do choro das serestas e a nossa maneira tradicional de tocar violão lembra

muito os fados. *Caminhantes* tenta traduzir um pouco essa mistura entre povos, Buenos Aires, Porto Alegre e Lisboa. São instrumentos muito fortes e as músicas te remetem a lugares muito específicos. Foi um desafio enorme”.

A dinâmica dos tempos atuais leva Yamandu a perceber cada vez mais um consumo desenfreado de música nas plataformas digitais. “Desde a época do CD essa coisa descartável começou a crescer até chegarmos nesse mar sem fim do *streaming*, que é uma grande incógnita para nós”, reflete o músico, que permanece focado em estratégias técnicas para os discos, como a ordem das faixas, por exemplo. “Eu prezo muito por isso e continuo fazendo. Estamos na fase de mixagem de *Caminhantes* e estamos fazendo com muito cuidado. Depois a masterização vai ser em um lugar de alto nível. Mesmo que o trabalho tenha esse deságue no mundo infinito do *streaming*, nessa nova configuração, eu continuo dando valor ao tempo de cada projeto. Acho que isso deixa claro o carinho com cada coisa. O mundo está muito a galope, as coisas não são digeridas, é tudo muito frágil e

uma demanda muito louca de quantidade de informações. Eu fico tonto com essa dinâmica”, critica Costa.

Completamente inserido nesse contexto, como avaliado por ele mesmo, Yamandu Costa analisa as alternativas do ambiente digital e busca formas de uma divulgação paralela que não se resume às *lives*, mas em vídeos previamente editados e com conteúdos diversos. “Faço um vídeo por semana para o canal e reconheço que foi o que sobrou para a gente atuar como artista e se manter vivo, para que também o público consiga acompanhar o que você está trabalhando”.

Como medida emergencial, Yamandu chegou a fazer algumas *lives*, mas reconheceu que o formato não foi o ideal. Por isso, faz o canal no YouTube e do perfil no Instagram plataformas para interação com o público de outras maneiras. “Em 2020, fiz algumas *lives*, acabei me virando e acredito que em 2021 a gente vá continuar com essa dinâmica, sem poder fazer shows. Esperamos que a vacina tenha força para travar um pouco a predominância do vírus e que consiga voltar a viajar e a tocar para as pessoas. Muito

além de se sentir querido, ali é o nosso momento de compartilhar música, de visitar o público, de se sentir uma figura útil, é um sentimento muito importante para nós”.

No YouTube, Yamandu Costa investe em diferentes *uploads* com frequência. Em *As Histórias do Violão*, por exemplo, ele cria conteúdo baseado em diferentes locais e coleções de músicas, com quem divide experiências que acontecem na estrada de forma intimista e espontânea. “Eu vi a plataforma como um lugar onde posso mostrar a minha obra com qualidade de vídeo e catalogar em tempo real. Enxergo o canal como um espaço de conteúdo e, ao mesmo tempo, isso vai se desdobrando em outras coisas”, destaca.

Na próxima sexta-feira (dia 26), o quadro ganhará participação de Antônio Zambujo e Carminho, em vídeo que abordará a guitarra portuguesa. Além desse, deve estreiar em março *Vivências*. “Será uma mistura entre aulas, experiências e dicas, passando por temas como família, viagens e shows. Penso em transformar essa série em um podcast no futuro, e depois em livro. São links de coisas que aparecem

no caminho, possibilidades que vamos se adaptando para alcançar as pessoas”.

A dinâmica desenfreada de lançamentos leva os artistas a buscarem outras formas de atingirem seu público. Segundo Yamandu, “isso é uma incógnita que faz parte da nossa vida. É necessário buscar novas formas de fazer música e que chegue nas pessoas. Por isso tem que fazer de todo o coração, acreditar na arte”.

As incertezas sobre os futuros shows, que estavam marcados em países como França, Alemanha e Rússia, levam Yamandu Costa a lamentar o momento. “A sensação de tocar para as pessoas é incomparável, mas, enquanto isso não acontece, eu vou produzindo por aqui”.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial de Yamandu Costa no YouTube

+ Instrumentista fala sobre as suas influências do Nordeste

Focado na música tradicional de diferentes regiões, a exemplo do disco *Caminhantes*, a relação de Yamandu Costa com o Nordeste também influencia sua forma de ver a música contemporânea.

Ele reforça a importância de se conhecer a música tradicional de cada região do Brasil e reconhece os principais elementos que resultam na música atual. Com passagens pelo Nordeste em família desde criança, o compositor e violonista gaúcho recorda de diferentes momentos em que esteve na região.

“Tenho uma história de família com o Nordeste. Morei no Recife (PE) quando era bebê, passei meu primeiro ano de vida por lá. Na década de 1990, fui com meu pai e ficamos praticamente um ano em Maceió (CE). Eu fui criado com esse respeito e admiração pela música nordestina. Tudo o que faz parte, a cultura do

São João era uma paixão do meu pai, que vivia cantando as músicas”, recorda.

Outra lembrança para Yamandu se refere à quando tocou com Dominginhos (1942-2013), cujo estilo o gaúcho já conhecia. “Quando conheci Dominginhos não era algo inédito para mim, eu sempre fui apaixonado por essa linguagem. A oportuni-

dade de ter gravado com ele foi incrível porque foi a junção de dois Brasis”, acrescenta. “Futuramente, se tiver que voltar ao Brasil, certamente seria para o Nordeste”.

Em relação ao violão tradicional, Yamandu reforça sua admiração pelo que foi difundido a partir de João Pernambuco (1883-1947). “É o nome mais importante dos

primórdios do violão brasileiro. Quem tem vontade de tocar violão brasileiro vai passar por ele. O Nordeste, a cultura nordestina foi quem moldou o que a gente conhece como violão brasileiro”.

Yamandu recorda ainda sobre a importância de Luiz Gonzaga (1912-1989) e relata a proximidade da família com o Rei do Baião. “Tenho fotos da

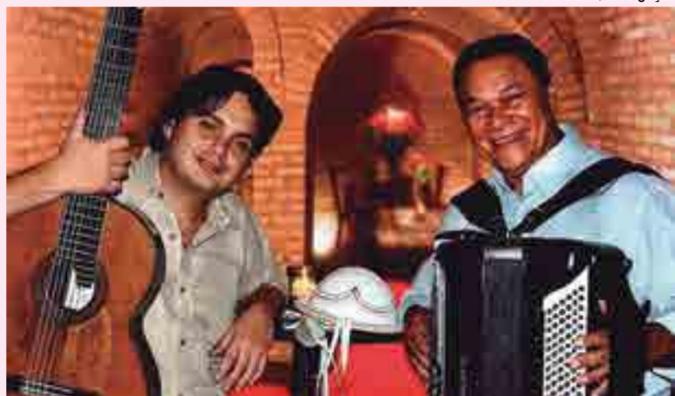
minha mãe dançando com ele e meu pai no fundo tocando pé-de-bode”, recorda. “Canhoto da Paraíba é outra influência. E tantos queridos nordestinos, como o próprio Chico César, meu querido amigo”.

Yamandu Costa menciona ainda nomes como Lula Queiroga, Fagner, Waldonys. “Quando vou ao Nordeste é uma farrá”, brinca.

Foto: José de Holanda/Divulgação



Foto: Joel González/Divulgação



Nomes como Chico César (foto à esq.) e Canhoto da Paraíba são inspirações para o violonista Yamandu Costa, que chegou a gravar com o sanfoneiro Dominginhos (foto à dir.)

Artigo | Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Flamengo x Inter

Hoje podemos conhecer o campeão brasileiro de futebol da temporada 2020. Para isso basta uma vitória simples do Internacional sobre o Flamengo no Maracanã. O último título do campeonato brasileiro do Inter foi conquistado em 1979.

É um dos maiores jejuns entre os grandes clubes nacionais. Uma conquista colorada imortalizaria a equipe comandada por Abel Braga, além de representar uma virada na carreira do treinador multicampeão.

A sua última passagem pelo Flamengo, em 2019, foi conturbadíssima. Virou lugar-comum entre comentaristas de futebol, e na grande maioria da torcida rubro-negra, a imagem de um treinador ultrapassado.

O que se agravou com a passagem espetacular do seu substituto, o português Jorge Jesus, batendo recordes e acumulando títulos importantes. Uma possível vitória do Inter no Maracanã será marcada por muitos componentes simbólicos.

O Flamengo vem de uma temporada irregular, depois da saída de Jorge Jesus. O time foi eliminado da Libertadores e da Copa do Brasil e acumula duas trocas de treinadores. Os resultados são frustrantes, se considerarmos a exuberante temporada de 2019, e o fato do rubro-negro ter o melhor elenco do Brasil. Caso vença o Inter, o Flamengo assumirá a liderança do campeonato



Foto: Divulgação
Embate entre rubros-negros e colorados poderá definir campeão do Brasileirão

Jorge Jesus. Rogério Ceni conseguiu dar mais equilíbrio ao sistema defensivo ao deslocar o volante William Arão para a zaga e apostar na retomada de bola rápida no ataque, pressionando a saída de bola.

O Flamengo chega com um time cheio de talentos individuais, jogadores experientes que acumulam títulos importantes na carreira. A meu ver é a equipe favorita nesse confronto, apesar das oscilações durante o campeonato. O mesmo pensam os apostadores. As cotações nas casas de aposta também dão uma vantagem razoável para o Flamengo.

Mesmo assim, uma vitória do Inter não é nada improvável. Os jogadores colorados lutam por um feito de extrema significação histórica. Fazem uma excelente campanha e enfrentarão um time que mostrou bastante instabilidade. A disputa está aberta.

faltando apenas uma rodada para o final.

O time de Abel tem uma maior consistência defensiva e joga muito bem explorando os contra-ataques. Não tem craques na equipe, mas bons jogadores e um conjunto que dá liga. O Flamengo, por outro lado, tem vários jogadores acima da média como: Arrascaeta, Éverton Ribeiro, Gabigol, Pedro e Gérson, entre outros.

O time atualmente se mostra mais consistente na defesa, setor que foi um problema desde a saída de

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Razão, experiência e intuição

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), ao escrever o livro *Crítica da Razão Pura* (1781), idealizou uma síntese entre o racionalismo e empirismo. O racionalismo tem suas origens com a filosofia grega e impõe a concepção de que as ideias têm origens inatas, porque elas já nascem com o ser humano e em nosso intelecto, e que todo o conhecimento humano surge da racionalidade e do intelecto.

Os racionalistas afirmam que “as ideias” são descobertas pelas pessoas que fazem o melhor uso da razão. Elas são a formação do princípio da causalidade e tem o objetivo de teorizar o modo de conhecer dos seres humanos, também formam os conhecimentos com base nas leis universais da razão, e a realidade exterior – do ser humano – não influencia aos conhecimentos. A explicação para que uns tenham conhecimentos mais desenvolvidos do que outros é porque eles exercitaram o próprio intelecto, descobriram nele as ideias que sempre estiveram lá contidas. Os racionalistas se fundamentam no conjunto de leis racionais e se legitimam na indução como método filosófico e encontra na matemática a causa e a defesa de suas teorias.

Os racionalistas mais estudados e autores de vários livros são estes filósofos, físicos e matemáticos: Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.) é autor de vários livros; René Descartes (1596-1650) escreveu *Meditações Sobre Filosofia Primeira* (1641); Baruch de Spinoza (1632-1677) apresentou suas teses no livro *Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras* (1675); Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) escreveu *A Monadologia e outros textos* (1714).

Os empiristas declaram que todo o conhecimento humano advém da experiência prática que temos cotidianamente e que as ideias somente surgem, em nossas mentes ou nas estruturas cognitivas, somente por meio da vivência e das apreensões dos sentidos, de modo que, quanto mais diversificada, excessiva e vigorosa as experiências humanas, mais profundo e legítimo torna-se o conhecimento. Na modernidade, os empiristas que mais contribuíram para fundamentar essas teses e autores de vários livros são estes filósofos: Thomas Hobbes (1588-1679), escreveu *Leviatã* (1651) e *Do Cidadão*



Foto: Divulgação
Filósofo e físico alemão Immanuel Kant (1724-1804)

(1651); John Locke (1632-1704), é autor do livro *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* (1689); David Hume (1711-1776), apresentou suas teses no seu livro *Investigação Acerca do Conhecimento Humano* (1748).

O filósofo, matemático e físico Immanuel Kant, ao escrever *Crítica da Razão Pura*, criou o racionalismo crítico e construiu uma síntese entre o racionalismo e empirismo. Nesse livro, Kant demonstra a tese de que a “razão” regula nossas ações e apresenta três ideias para afirmá-la, que são estas que seguem: a Ideia psicológica (da alma); a Ideia cosmológica (do mundo como totalidade) e a Ideia teológica (de Deus). Kant nos diz que o “juízo”, que é a nossa capacidade de julgar, consiste na conexão de dois conceitos, dos quais, um “conceito” cumpre função de sujeito e o outro “conceito” a de predicado. No livro *Crítica da Razão Pura* (1781), Kant, a fim de fundamentar suas teses, conceitua três princípios que são estes: os “Juízos Analíticos” – são juízos em que o predicado pode estar contido no sujeito e, por isso, é extraído por pura análise. Isso significa que o predicado explícita o sujeito (considere este exemplo: “Todo triângulo tem três lados”); os “Juízos Sintéticos a Posteriori” – são aqueles em que o predicado não está contido no sujeito, mas relaciona-se a ele por uma síntese e é empírico, não sendo universal e necessário, portanto, não servem para a ciência (tendo como

exemplo: “Aquela casa é verde”); os “Juízos Sintéticos a Priori” – são juízos em que também o predicado não é extraído do sujeito, mas que pela experiência forma-se como “algo novo”. Essa construção permitiu a possibilidade da repetição da experiência, isto é, a aprioridade, que quer dizer “independente da experiência”, também é entendida como a possibilidade formal de construção fenomênica, que permite a universalidade e a necessidade dos juízos. Nesse contexto, a experiência não é a composição de fenômenos na mente em razão da sequência das percepções, entretanto é a organização da mente numa unidade sintética daquilo que é recebido pela “intuição”. A partir dessa afirmação, pode-se concluir com a tese de Leibniz ao afirmar que “nada há na mente que não tivesse passado pelos sentidos, exceto a própria mente”.

A “razão” deve buscar na natureza a veracidade que ela apresenta. Os a priori são a antecipação da forma de uma experiência possível, e o transcendental refere-se às estruturas a priori da sensibilidade e do intelecto humano, e, nesse sistema do racionalismo crítico, “só é possível a experiência diante dos objetos”. E a condição de intuibidade e pensabilidade permitem a condição de construção de todo conhecimento, na “possibilidade” de que o sujeito põe nas coisas o próprio ato de conhecê-las. Por isso, algumas ideias não podem ser conhecidas pelos homens porque, apesar de serem objetos pensáveis, o que trata da ideia de Deus, Alma e o Mundo – como totalidade – não constituem coisas, mas regulam as ações do homem. Essas ideias são estudadas na Ética, não na Ciência, por serem norteadores que causam ilusões nos juízos científicos.

■ Na extensão desse texto, sintam-se convidados para a audição do 306 Domingo Sinfônico, deste dia 21, das 22h às 0h, na Rádio Tabajara FM 105.5 ou baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o violinista Jascha Heifetz (1901-1987). Ele vai interpretar o romantismo que trata dos impulsos estéticos para com o amor à vida; também, as peças que apresentam a sensibilidade a partir da criação espontânea, liberdade e paixão.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O retrato de Osmar

Osmar Santos não é um gênio da fotografia, nem sei se existe isso. Se pensarmos em Sebastião Salgado, seu nome e sua arte, teremos milhares de imagens, que nunca foi a praia de Osmar.

Gênio não é aquele que é mais ou melhor do que todos. Genialidade já é a vida que nos gera e que é gerada em nós.

Quem deu vida a Osmar foi a Blow Up Fotografia (1968), espaço que ficava na ladeira do Viaduto Miguel Couto (vizinho a uma funerária), no centro da cidade. Não chamava atenção pelo nome, a arte de Osmar, que ao longo dos 50 anos de Blow Up, se especializou na cobertura fotográfica de formaturas, casamentos... A Blow Up andou – passou pela Avenida General Osório, depois Hotel Tambaú e hoje está na Praça Dom Ulrico, no Centro Histórico.

Esse trabalho dele, de fotografar casamentos e formaturas, 15 anos e festas nos clubs da cidade, se estendeu por muito tempo, mas Osmar não ficou só nisso. Ele vem lutando pela vida e a morte que nos habitam.

Na década de 1970, eu morava na avenida General Osório e passava quase todos os dias em frente a Blow Up. Antes, eu entrava na Livraria de Bartolomeu (Avenida Duque de Caxias), para ver as promoções, e quando ia almoçar passava novamente em frente ao espaço de Osmar, que o via de longe e não entendia o nome. Eu perguntava: você sabe o que quer dizer *blow up*? “É um blues bem alto”, disse uma moça zarolha. Eu sambei na ladeira.

Sempre achei que Osmar não era senso comum, sequer artístico, já que ele praticamente estava em todas e eu nunca o via. Acho que o vi de perto e o cumprimentei, no final daquela (70), fazendo o que se dizia até ontem, “a cobertura” de um casamento na Catedral, acho que Lúcia Helena Wanderley e Hermes Sá. Um casamento, que parou a cidade e Osmar disparava nos cliques.

Mas a fotografia é antiga, não é de Osmar, sequer o lambe-lambe. Lembro de fotos de meus avós na parede da nossa casa no Sertão, em molduras ovais, com as imagens coloridas. Aquilo era a arte da época, uma espécie de pintura, que valia mais que o preto branco.

Ninguém ou poucos sabiam o que queria dizer *blow up*, algo assim como explodir. Era essa a sacada de Osmar Santos, explodir nos mais fantásticos momentos da sua carreira. Osmar bombava.

Osmar perdeu um filho pequeno afogado numa piscina. Acho que essa imagem destruiu sua ascensão, sua vida, seu rumo e não deve ser fácil perder um filho.

Osmar nunca desistiu. Ainda hoje ele está em todas as festas de aniversários, eventos sociais, o seu ganha pão, mas a pandemia e o isolamento destruiu sonhos...

Osmar faz as fotos das mulheres elegantes e depois entrega em suas casas em envelopes e recebe o pagamento.

Osmar hoje vive do instante de se reinventar, da urgência, de algo que busca acontecer. É na urgência, na necessidade da sobrevivência, que se define essa extensão infinitamente breve e cruel do tempo, a fotografia.

O tempo urge, Osmar. Essa expressão aparentemente nefasta, na verdade pode ser mais bela, quando está na fotografia e é, no fundo, o mesmo que *carpe diem*.

Agarre urgentemente esse tempo, Osmar, e transforme-o finalmente no que ele é: o instante.

Um clique, uma luz, um diafragma. Uma lente, uma máquina, a máquina que substituiu o papel, tudo on-line, muito embora o mundo não seria o mesmo sem as tais fotografias.

Osmar está em todo lugar, já parece invisível, mas ele surge, para mostrar que está vivo. E permanecerá. Obrigado, Blow Up, pela permanência de Osmar.

Kapetadas

1 - Nas olimpíadas este ano os atletas vão competir tudo on-line? Cartas para Mãe Delamare.

2 - *To* com tanta fome que *to omendo* até as *alavras*.

3 - Som na caixa – “Meu retrato ainda na parede / Meio amarelado pelo tempo / Como a perguntar por onde andei”, Roberto Carlos.



Foto: Divulgação

Osmar Santos, da Blow Up Fotografia, localizada no Centro Histórico da capital

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Paladino do rádio deixa nobre legado à Paraíba

Peço vênia aos quantos me assistem aos domingos nos assuntos de cinema, para – em meu nome, de minha esposa Lili e filhos – compartilhar nossos sentimentos de pesar com a família do amigo Otinaldo Lourenço de Arruda Mello, falecido recentemente, deixando admirável legado humano e profissional a todos que o conheceram. Trajetória essa agora impressa em “letras de fôrma” para a história do rádio paraibano, através de **A União**.

Na primavera passada, mesmo sob o infausto momento sanitário em que ainda hoje vivemos, recebo do parceiro José Octávio de Arruda Mello (irmão de Otinaldo) mais um de seus importantes rebentos literários. Naturalmente, não terá sido algo mais da sua habitual verve histórica sobre a Paraíba. Mas, de um certo modo, vendo bem o conteúdo do seu novo livro (*A Arapuan e o Rádio Paraibano – Uma biografia dual*) ele diz também, e muito, da vida do nosso rádio e de fatos que jamais desmerecem a História da Paraíba.

Não é sem razão que, albergando nomes altivos da radiofonia paraibana, o saltério de Zé Octávio presta uma honrosa homenagem não só ao seu irmão Otinaldo Lourenço e família, tornando-se ainda um singular e extraordinário apêndice à Historiografia paraibana de todos tempos.



Capa do livro 'A Arapuan e o Rádio Paraibano', de José Octávio de Arruda Mello

Nas palavras do autor, a participação de muitos nomes foi fundamental para a realização da obra, quando afirma: “Uma biografia dual inspira, pois, duplo preparo, sendo este o caso de *A Arapuan e o Rádio Paraibano* cuja elaboração dividimos, fraternalmente...” – Assertivas que me inclui também, mais ainda, quando lembro de minhas participações na Rádio Sociedade de Santa Rita, posteriormente na Rádio Correio da Paraíba, lá pelo final dos anos 1960, na inauguração da nova emissora no Ponto de Cem Réis. Foi

onde conheci um parceiro-irmão, também radialista Moacir Barbosa de Sousa, e lançamos os programas *Curta-Metragem* (diário) e *Cine Projeção* (aos domingos).

Atualmente, antes mesmo do agravamento da atual pandemia, lá para os idos de janeiro e fevereiro do ano passado, fui incitado pelo parceiro Zé Octávio para mais uma de suas pesquisas citadinas. Coube a mim atender ao velho costume do mestre historiador, registrando em imagens a urbanidade da nossa capital João Pessoa. Ao molde das outras vezes, seria um peregrinar pelos ancestrais rastros radiofônicos “arapuanenses”, largados no centro da cidade, revisitando e gravando em imagens prédios anteriormente ocupados pela Rádio Arapuan.

Isso posto, não sem razão fiquei honrado, quando nas primeiras páginas do livro sou citado nominal e fotograficamente pelo autor, em sua companhia e do amigo Otinaldo, justamente em um de nossos encontros na Associação Paraibana de Imprensa.

Assim, *ipsis verbis*, quero ratificar a minha admiração e respeito àquele que, como poucos, conseguiu dar uma nova feição, um diferencial mais do que singular à radiofonia paraibana – o nosso amigo Otinaldo Lourenço de Arruda Mello. – Nossas “coisas de cinema”, proximamente, também no blog: www.alexssantos.com.br.



'Fanpage' da APC-Group

Atualize-se com o Cinema na ordem do dia. Isso é o que vem tentando imprimir o acadêmico Carlos Meira Trigueiro, ocupante da Cadeira 48 da nossa Associação Paraibana de Cinema (APC).

Acompanhe as opiniões, informes, lives e imagens exclusivas sobre o cinema paraibano, brasileiro e do exterior, na fanpage APC-Group no Facebook, com mais de 300 fiéis seguidores. Acesse e faça parte dessa rede cinematográfica!

O endereço é: www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema/

Em cartaz

ESTREIA

TOM E JERRY (EUA. Dir: Tim Story. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Adaptação do clássico desenho animado da Hanna-Barbera, retornando às origens da história e mostrando como Tom e Jerry se conheceram. Depois de anos vivendo na casa de um casal de idosos que o trata como um animal de estimação, Jerry precisa se virar para sobreviver quando descobre que existem novos locatários no local. E pior do que isso: eles trouxeram consigo um gato. CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h45 - 17h45 - 19h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h45 - 17h45 - 19h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h30 - 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 16h - 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (dub.): 15h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h45 - 18h15.

PRÉ-ESTREIA

MONSTER HUNTER (EUA. Dir: Paul W.S. Anderson. Ação, Fantasia e Aventura. 14 anos). Baseado no jogo da Capcom homôni-

mo, por trás do mundo que conhecemos, existe um perigoso universo, com bestas gigantes e monstros perigosos que governam com total feracidade. Quando uma tempestade de areia transporta a Tenente Artemis (Milla Jovovich) e sua unidade para esse mundo, os soldados ficam em choque, descobrindo que o novo ambiente é o hostil lar de diversas criaturas perigosas, imunes ao seu poder de fogo. Batalhando por suas vidas, a unidade precisará de um milagre para se salvar da fúria desse inóspito novo local. CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 16h30 - 18h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 - 16h30 - 18h30 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 14h (samente sáb. e dom.) - 16h30 - 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (MacroXE): 15h (dub.) - 17h30 (leg.) - 20h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h (samente sáb. e dom.) - 16h30 - 19h.

CONTINUAÇÃO

MULHER-MARAVILHA 1984 (Wonder Woman 1984, EUA. Dir: Patty Jenkins.

Aventura e fantasia. 12 anos). Diana Prince/Mulher-Maravilha (Gal Gadot) está em 1984, durante a Guerra Fria, entrando em conflito com dois grande inimigos: o empresário de mídia Maxwell Lord (Pedro Pascal) e a amiga que virou inimiga, Barbara Minerva/Cheetah (Kristen Wiig). CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h30.

PINÓQUIO (Pinocchio, Itália, França, Reino Unido. Dir: Matteo Garrone. Drama e fantasia. 10 anos). O solitário marceneiro Gepeto (Roberto Benigni) tem o grande desejo de ser pai, e deseja que Pinóquio (Federico Ielapi), o boneco de madeira que acabou de construir, ganhe vida. Seu pedido é atendido, mas a desobediência do jovem brinquedo faz com que ele se perca de casa e embarque em uma jornada repleta de mistérios e seres mágicos, que o levará a conhecer de fato os perigos do mundo. CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (leg.): 18h.

Serviço

• Funescc [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambaí [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Eu e o mundo

Embora nunca seja tarde para aprender, certas coisas, no entanto, a gente só aprende tarde. Pelo menos comigo foi assim. Passei boa parte de minha vida pensando que o mundo era apenas o meu mundo e adorava aqueles versos de Carlos Drummond de Andrade, do primeiro poema de *Alguma poesia*: “(...) Mundo mundo, vasto mundo,/mais vasto é meu coração”.

À parte as interpretações do poema, pensava assim mesmo. Dito de maneira popular: pensava que o mundo era o meu umbigo, que eu era o centro do universo, o ponto máximo na escala social, uma raridade da espécie humana. Quanta tolice! Quanta ilusão! Quanto narciso!

Depois fui ver, no mesmo Drummond, num dos poemas de *Sentimento do mundo*, que o coração do poeta, ou melhor, do eu lírico, encurtara suas cercanias, e o mundo crescera além de seu pequenino e estreito círculo: “Não, meu coração não é maior que o mundo. / É muito menor”.

Pois bem: comigo, a partir daí, a coisa tomou jeito e começou a mudar, principalmente depois que li este título de Milan Kundera: *A vida está em outro lugar*. Claro, a vida, aqui, pode ser o mundo. Creio, porém, que o escritor tcheco radicalizou, não importa a beleza do achado.

Sem dúvida, a vida está em outro lugar, mas também está aqui. Só que não está somente aqui como eu imaginava. A vida está aqui, está ali, está acolá, em todo lugar e em diversas circunstâncias, no tempo, no modo e na possibilidade de suas formas, concretas e imaginárias. “A vida é sonho”, não dizia Calderón de Lar Barca? Sonho, sonho e também realidade. A vida é vasta e, segundo Ferreira Gullar, tudo nos oferece, mas “não basta”.

E nem carece de se atirar às grandes viagens, a Áfricas e Europas, para se perceber, ou melhor, se sentir, o quanto o mundo é vário, disperso, incontrolável, surpreendente. Mundo mundo vasto mundo, bem pequenino é meu coração, poderia parodiar o poeta de Itabira.

Certa feita, embrenhado na paisagem agreste e deserta de Solidão, cidade do sertão pernambucano, vi, bem de perto, o segredo da vida, a interminável cordilheira do mundo se estendendo pelo firmamento de minha subjetividade. Vi, claramente, como se me fora dada a glória de uma silente epifania, que não era nada diante da imensidão daquele vazio, que aquele vazio deixava-se preencher pelo milagre que se dá quando nada acontece no dorso do mundo.

Ali, eu era a mínima poeira cósmica e, só por isto, possuía os fundamentos da existência, alguma razão superior que me encaixava na lógica indezível do sistema natural. Aquilo foi bom. Aquilo me trouxe definitivamente para o meu lugar. O lugar onde a vida, onde o mundo existe independente de mim, sendo maior que as criaturas, que as ciências, que as artes, que as religiões.

Um outro dia vagava pela feira livre de Seretânia, dentro do vale do Moxotó, também em Pernambuco, tocando por dentro no pulso da vida. O sol, os bichos, os feirantes, os pedintes, o comércio e seus múltiplos varejos me atraíam para a familiar e estranha esfera do convívio humano.

Quem era eu, anônimo e desconhecido, no interior daquele burburinho? Era apenas mais numa coletividade ao mesmo tempo real e absurda. Todos e tudo estava ali, aquém e além de mim, a seguir os decretos implacáveis do acaso e da necessidade. De certa maneira fui compreendendo que aquilo era a vida, que aquilo era o mundo. Vivo ou morto, nada mudaria.

O matuto acarinhava seu cavalo; o padre pedia chuva na igreja; a mocinha namorava no banco da praça; dois amigos enchiam a cara na bodega da esquina; o ceguinho tirava sua prosa com o dono da farmácia; algum vagabundo era arrastado pelo guarda; populares acompanhavam um enterro; na casa de Matilde nascia mais um menino; alguém se deixava enforcar no galho da baraúna, e magros meninos jogavam pelada na beira do açude.

Uma tela de Goya? Um poema de Baudelaire? Um drama de Ionesco? Não. O mundo, a vida, sempre ali, sempre aqui, sempre acolá, ministrando a mim e a você, caro leitor, lições de partir e de chegar, de ser e não ser, com a indiferente didática de sempre.

Nova loja de discos na capital aposta no resgate da nostalgia

Em plena era dos 'streamings', Estilhaços Discos é a terceira loja dedicada ao comércio de mídia física em JP

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

Em meio à era do *streaming*, João Pessoa se torna uma plataforma para mídias físicas ganhando mais um espaço de vendas. A loja Estilhaços Discos abriu no começo do mês, promovendo o encontro de gerações que buscam resgatar uma nostalgia provocada pelos CDs, vinis, DVDs e livros de música, resultando no trio de estabelecimentos, formado também pelo Música Urbana e Óliver Discos.

O casal Victor Duarte e Laura Medeiros tem formação em Direito, mas não atua na área. Eles decidiram abrir o estabelecimento a partir de um sonho de Victor, que sempre pensou em ter uma loja de discos. "Eu tenho uma coleção de LPs e, em uma viagem para Recife, vimos algumas lojas do ramo e pensei que abrir uma loja caberia no orçamento", explica Victor. "O mercado está voltando a crescer porque promove uma experiência nostálgica de pegar no disco, de parar para ouvi-lo".

Na loja é possível encontrar desde parte da ex-coleção do dono, que está se desfazendo de algumas relíquias, até estantes alimentadas por fornecedores. "Escolher, pegar o disco, abrir a capa, olhar a ficha, ver as músicas, colocar para tocar e ficar curtindo o som, parar um tempo do dia para se dedicar a ouvir a música é um momento de paz", enumera Victor, que também é adepto do *streaming*. "Também saio para trabalhar ouvindo a *playlist* das plataformas. Acredito que fazer as atividades do dia ouvindo música também é uma experiência válida, mas é algo diferente e acredito que seja possível ser adepto aos dois momentos".

Na inauguração, no dia 1º, já tinha colecionadores e amantes da música esperando na porta, segundo o proprietário. "Tinha um pessoal no nosso Instagram (@estilhacosdiscos) interessado nos serviços", completa. "Assim que abrimos,



Aberto no começo do mês, estabelecimento possui um acervo tanto de novidades, como da coleção do proprietário Victor Duarte (na foto à dir.), que está se desfazendo de algumas raridades

já recebemos clientes que levaram discos para casa. Também temos um espaço para café, para tomar uma cerveja, comer um salgado e testar algum disco que queira ouvir".

Victor Duarte, que também é cliente de Óliver Discos e da Música Urbana, reflete: "Não existe um único perfil de consumidor. Tem o pessoal que curte mais música clássica, tem quem compre apenas disco novo, lacrado. Tem gente que não chegou a vivenciar o auge dos LPs e está se interessando agora, tem também quem cole-

cionava antes e agora está voltando a comprar".

Sobre frequentar as outras lojas pessoenses de discos, ele conta que sua relação é de consumidor. "Eu me sinto honrado em fazer parte disso, porque eles fazem parte da história da música da Paraíba. Acredito que sejamos um suporte uns para os outros, e caso não tenha algo aqui eu recomendo as outras possibilidades".

Outros moicanos

Um dos "últimos dos moicanos" na capital, Óliver Dis-

Foto: Marcos Russo



Robério Almeida (E), proprietário da Música Urbana, e Óliver de Lawrence (D), que administra a Óliver Discos



Foto: Divulgação

cos é outro protagonista na rota de mídias físicas em João Pessoa. O próprio Óliver de Lawrence analisa e concorda com Victor Duarte acerca do perfil consumidor. "Vendemos para um público desde adolescentes de 14 anos até o pessoal de 80. Não há um nicho específico, mas são pessoas saudosistas. São pessoas diferentes, não por prepotência, mas que buscam uma experiência diferente".

O consumidor de mídias físicas não segue um padrão, como já indicado por Duarte. Segundo Robério Almeida,

que gerencia o Música Urbana, a média dos consumidores da loja é em torno de 30 anos, mas há público de todas as idades. São pessoas que não abrem mão do *streaming* para ouvir música na rua, mas que em casa preferem a mídia física. "A maioria já trabalha, já tem uma renda fixa e por isso tem uma fidelidade à loja, permitindo que nos aproximemos e conheçamos o gosto musical de cada um. Dessa forma, ao chegar algo novo na loja eu já entro em contato com o possível cliente antes mesmo de expor, porque a maioria tem o perfil de colecionador mesmo".

Uma mudança em relação ao consumo de duas décadas atrás é a intenção do consumidor. Segundo Óliver, a maior parte chega na loja sabendo o que quer consumir. "Diferente de anos atrás, hoje existem menos clientes garimpando a loja", analisa. "Mas acredito que o mercado de discos, por ter um público bem menor, provoca a inflação dos produtos. A subida do dólar resulta em importações mais caras, então não existe mais aquele cliente que leva 10 discos de uma vez. A pessoa vai focada no que quer levar".

Em quase 35 anos desde a inauguração, o olhar de

Óliver de Lawrence sobre o estabelecimento percebe que o público atualmente passa menos tempo no local. "Hoje em dia há uma realidade diferente, e parte disso tem relação com o preço final dos discos ser bastante alto, fazendo com que a loja tenha pouca venda. Mas continuamos vendendo".

O novo consumidor de mídias físicas não segue um padrão de comportamentos, como apresentado, mas compartilha o sentimento nostálgico do toque material e da pausa para se dedicar à arte. "São pessoas que buscam novas experiências, no caso dos jovens até 27 anos. Dos 28 em diante eu percebo como uma espécie de nostalgia. Há nisso também os clientes de mais de 60 anos que resgatam isso, são pessoas que buscam algo que as atraia novamente por uma atividade de prazer, de resgate de um sentimento bom", finaliza Óliver.

A Estilhaços Discos está localizada na Avenida Maria Rosa, 574, no Manaíra. A Óliver Discos fica na Avenida Senador Rui Carneiro, 648, Sala B, no bairro de Tambaú. Por fim, quem for visitar a Música Urbana, o endereço é na Avenida Visconde Pelotas, 138, no centro de João Pessoa.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Não quero a estética, nem também peço a estática

Passei uma noite relendo e recitando *Mora na filosofia*, sabendo que uma minoria não muito oculta continua a perguntar cantando "pra que rimar amor e dor".

Enfim, é vulgar, muito vulgar, gritar que os olhos do meu ex-amor são as estrelas mais fora do céu? Dizer que o céu despenca sobre o lado do meu coração?...

Gostaria de poder grafitar o muro mais visível da avenida Epitácio Pessoa depois de escrever e divulgar um manifesto 2021.

Prefiro e quero estar sintético, como na mais pura, oculta, platônica, misteriosa, delirante, perpétua paixão. Poeta não é para sofrer? Jornalista e cronista também? Compositor e meio-mundo de gente? Dizem até que há um bem-estar do sofrimento.

Tive uma visão, depois de acordar, de que até o brilho sofre, com seu fogo, para poder iluminar os restos dos que esperam não mais sofrer.

■■■■■■■■■■

Uma coisa que sempre m'incomodou,

mas nunca m'acomodou, é a língua, em todos os sentidos.

Línguas de fogo, com elas já sonhava temerosamente na infância, quando mamãe tentava me fazer pouco a pouco católico.

Aí veio a língua portuguesa, da qual sempre fui aplicado aluno, também por causa de mãe Antonieta (uma mulher fantástica que nunca errou na gramática).

Também por causa de mamãe, depois veio a língua francesa, a espanhola, a inglesa (esta, minha grande paixão). Sempre gostei de falar "baby", "blues", "red, hand, something, fury, sound".

■■■■■■■■■■

Nunca fui santo, nem mesmo quando perdidamente apaixonado por Brizola e pelo socialismo moreno.

Um dos meus sonhos é entrar num pub londrino pedir qualquer coisa. Só não cheguei a ter "aquela vontade felpaduta de ser americano", pois a vida inteira nunca quis ter pátria e a América tem uma vocação direitista que não me entra.

Ainda entrou, nesta história, um pro-

fessor de latim, no Colégio Pio X, que olhava pra mim e dizia "rosa, rosae"... Eu tinha 13 anos e a impressão de que ele queria me violentar. It's true!

■■■■■■■■■■

Caetano Veloso tem olhos de Fórmula Um. Se Caetano pegasse um carro numa pista como aquela do circuito de rua de Mônaco, seria arraso total. Depois da corrida, ele faria um disco tipo néo-qualquercoisa. Insisto em audições de 'Estrangeiro', que Caetano gravou em 1989. É preciso escutar 'Outro retrato', em que Caetano afirmou que sua música tem a poesia de um poeta que não gosta de música (João Cabral de Melo Neto) e que sua poesia tem a música de um músico que não gosta de poesia (João Donato).

Com 39 anos de idade, 'Estrangeiro' é audição sempre conveniente, apesar da burrice aguda tipo C que vem contagiando alguns críticos e intelectuais da pós-anti-pós-modernidade. As vezes

me acho parecido com o lado pernambucano da obra do artista plástico Delima. Como

ele, corro do pseudovanguardismo como, em algumas semanas como esta, quando quase não chove nada.

Não quero a estética, não peço a estática. Apenas quero alguém como a cantriz Bette Midler, do filme *A rosa e de Cenas em um shopping*, em que atua ao lado de Woody Allen.

Ou então uma bem antiga gravação de Carmen Miranda (*ilustração*). Até hoje, nenhum artista brasileiro teve tanta projeção internacional como ela.

Meu sonho não acabou e não pareço com Bob Dylan. Nasci na Paraíba e moro em Cruz das Armas.



Imagem: Divulgação



Foto: Marcos Santos

Quociente eleitoral e o fim das coligações condenam 'nanicos'

Situação que pode extinguir partidos pequenos tem preocupado políticos e especialistas na área da Justiça Eleitoral

Vereador Bosquinho, do Partido Verde em João Pessoa, diz que a disputa pela busca de votos ficou mais acirrada dentro dos próprios partidos, deixando figuras de peso sem mandato



Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Se as próximas eleições proporcionais em 2022 (para deputados estaduais e federais) vierem a ocorrer nos mesmos moldes da eleição de 2020 (para vereadores), sem a possibilidade de coligações e com os mesmos cálculos de quociente eleitoral, as casas legislativas (Assembleias Estaduais e

Câmara dos deputados) tendem a ficar com representação partidária cada vez menor e dominada pelas grandes legendas, isso porque os chamados "partidos nanicos" correm risco de caminhar para o desaparecimento.

Essa é a leitura que, poucos meses depois do pleito municipal, alguns políticos e técnicos da Justiça Eleitoral já começam a fazer. Como é o caso do vereador pessoense Bosquinho, do Partido Verde (PV), e do pesquisador Wálter Félix, membro da Comissão Científica da Escola do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB).

"Não trabalhamos defendendo A nem B. Nossa função é outra e voltada exclusivamente para números e para cálculos. Mas qualquer pessoa que analisa essas mudanças, pode perceber que as coligações realmente ampliavam mais chances para os partidos peque-

nos", afirma Wálter Félix, ao admitir a possibilidade de, assistindo às dificuldades enfrentadas pelos vereadores nas últimas eleições, os deputados e senadores podem voltar atrás – à situação anterior da legislação –, ou buscarem outras alternativas.

Ele explicou que, objetivamente, as contas e os cálculos são simples e, tomando por base as últimas eleições de João Pessoa, em regra geral, eles funcionaram assim: como o total de votos válidos foi de 362.976, para fazer um vereador, um partido precisava atingir 13.444 votos, que representa o resultado do total de

votos válidos dividido pela quantidade de cadeiras que tem na Câmara de João Pessoa, no caso 27 vagas para vereador.

"Nas eleições anteriores, explica Wálter Félix, quando as coligações eram permitidas, eram elas que precisavam atingir o quociente. Com o fim das coligações, cada partido é que tem que se virar sozinho para conseguir isso. E assim ficou mais difícil para os pequenos, que normalmente têm menos votos", completou.

Na opinião do especialista do TRE paraibano, acabar com as coligações foi como se o legislador, no caso os deputados e senadores, ao invés de extinguir os partidos pequenos diretamente, deixou que o processo, a eleição, fizesse isso com eles. "E continuando assim não haverá saída: eles tendem mesmo a se extinguir e a representatividade parlamentar predominar com as grandes legendas", completou.

Nas eleições anteriores a 2020, as coligações eram permitidas e busca pelo quociente eleitoral era menos difícil

Vereador aponta: em toda rua, um candidato

"Além de dar um tiro de misericórdia nos partidos pequenos, o fim das coligações acirrou a competição e a disputa entre os candidatos a vereador. Nossos colegas e amigos de legenda passaram a ser os nossos principais adversários, mais do que os candidatos dos outros partidos".

Revela, em tom de lamentação, o vereador Bosquinho, reeleito em João Pessoa com mais de quatro mil votos, mas numa legenda que, apesar de ser a do então prefeito Luciano Cartaxo, a rigor é pequena e, juntamente com as novas mudanças, só fez mais outros dois, Milanez Neto e Emano Santos, dos 27 vereadores; e triturou a reeleição de vereadores "de peso", como era o caso de Lucas de Brito e Humberto Pontes.



Raissa Lacerda, Marcos Vinicius e Lucas de Brito são exemplos de candidatos que foram bem votados, mas não se elegeram



Fotos: Secom-CMJP

Essa mesma guerra entre colegas vereadores se deu e também fez vítimas em várias outras legendas, a começar pelo PL do derrotado Marcos Vinicius (hoje secretário da Comunicação da Prefeitura de João Pessoa); Avante, do Professor Gabriel, Helton Renê e Raissa Lacerda (hoje também nos quadros de auxiliares do prefeito Cícero Lucena, do Progressistas);

e da ativista da causa animal Fabíola Rezende (Cidadania), que obteve 3.350 votos e ficou de fora do plenário, ocupando a primeira suplência do seu partido. Esses nomes integram um time que obteve votação acima dos 3.500, mas que, no final das contas do quociente, teve de assistir, por exemplo, Coronel Sobreira (MDB) ser eleito com 1.909 votos.

Outro complicador provocado pelo fim das coligações, segundo o vereador Bosquinho, foi o aumento expressivo de candidatos. É que, isolados, os partidos precisam apresentar a mesma quantidade de candidatos que as coligações (quando eram vários partidos juntos) apresentavam antes.

"Foram muito mais candidatos a vereador do que

// Isso só... não vale. É um jogo que também exige esperteza e sorte também do candidato sobre onde e como ele se coloca para disputar a eleição //

nas eleições passadas e o resultado é que, em quase toda rua que a gente chegava tinha um", afirma, sorrindo, o vereador Bosquinho, ao fazer questão de lembrar que, em 2016, João Pessoa somou pouco mais de 500 candidatos a vereador e, no ano passado, foram bem mais de 600.

Bosquinho concluiu confessando que, em cinco eleições disputadas, integrando legendas pequenas, já chegou a ser jogado em algumas "coligações assassinas", com muitos nomes de peso na disputa, mas que

nunca viu tantos problemas e complicações para tantos candidatos, mesmo que eles tenham voto.

"Isso só... não vale. É um jogo que também exige esperteza e sorte também do candidato sobre onde e como ele se coloca para disputar a eleição", resume o vereador, ao admitir que pode haver mudança na legislação e ao considerar que, depois de tudo isso, entendeu porque diziam que os deputados e senadores haviam feito os vereadores de "cobaias" na primeira eleição sem coligação proporcional.

Tem cidade na Paraíba onde todos os vereadores são da mesma legenda

As regras do quociente eleitoral são mesmo uma espécie de "fantasma" para quem disputa as eleições, e não é somente pelas dificuldades de serem entendidas, mas também pelos resultados surpreendentes e até esquisitos que elas provocam. Nas últimas eleições, em São José do Sabugi, município que fica ao lado de Santa Luzia e a 277 quilômetros de João Pessoa, todos os sete vereadores eleitos são de um mesmo partido, do Democratas (DEM).

E o inusitado começou logo na campanha. É que o prefeito reeleito, Segundo Domiciano

(Democratas), foi candidato único e isso só contribuiu para que os candidatos a vereador pelo PT e pelo PSDB não conseguissem atingir o quociente eleitoral (resultado da divisão do total de votos válidos pelo número de cadeiras na Câmara), e nem mesmo a "média das sobras" dessa divisão.

Ou seja, hoje, na Câmara Municipal de São José do Sabugi, não existem bancadas. Existe somente a bancada do Democratas. É que os votos válidos somaram 3.218 que, divididos por sete (número de cadeiras na Câmara) deixou o quociente em 459 votos, total não conse-

guido por nenhum candidato a vereador do lado da oposição.

É que os quatro primeiros vereadores eleitos conseguiram atingir o quociente ou a média da sobra, e os três restantes que mais se aproximaram disso eram do mesmo partido. Resultado,

Na Câmara Municipal de São José do Sabugi, não existem bancadas. Existe somente a bancada de um único partido

pela ordem, a Câmara ficou composta por Letinha (428 votos), Paulinha (350), Joelson (303), Paulo Andrade (302), Valdira (269), Doutor Markson (252) e Cássio (220 votos), todos do Democratas.

Para se eleger sem depender de cálculos, os mais votados da oposição, Antônio Domiciano (PSDB) e Mineiro (PT) precisariam atingir o quociente que foi de 459 votos. Mas o problema é que eles só obtiveram 273 e 204, respectivamente, superando somente os três últimos vereadores do partido do prefeito.

O cálculo e a classificação

por média de sobra dos votos válidos são tão mais complicados que os do próprio quociente bruto que, em São José do Sabugi, se a Câmara tivesse mais três vagas, eles ainda seriam do Democratas e não do PT e nem do PSDB.

"São essas coisas que tornam o processo muito complicado e, de certa forma, muito pesado para muitos candidatos", afirma o vereador Bosquinho que, de tanto se preocupar e estudar o quociente eleitoral em cinco eleições que já participou, já fala sobre o assunto mais parecendo um especialista do que apenas um vereador.

Brasileiro passa a comer mais industrializados na pandemia

Pesquisa do Unicef indica que aumento do consumo aconteceu principalmente em casas com crianças e adolescentes

Brasil 61

A pandemia do novo coronavírus teve impactos sem precedentes no Brasil. Além da covid-19, o país teve que lidar com outra realidade que foi ainda mais evidenciada nesse período: o aumento no consumo de alimentos não saudáveis, especialmente nas camadas mais vulneráveis. Para entender sobre os impactos da covid-19 na vida de crianças, adolescentes e suas famílias, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) elaborou a pesquisa "Impactos primários e secundários da covid-19 em crianças e adolescentes". Com duas rodadas de entrevista (uma em julho e outra em novembro de 2020), realizadas pelo Ibope Inteligência, as entidades conversaram com 1,5 mil famílias brasileiras para conhecer a situação do antes e o depois da pandemia.

Os itens abordados na pesquisa foram renda familiar, segurança alimentar, educação e saúde mental. Entre os entrevistados, 53% eram mulheres e a idade geral variou entre 18 e 55 anos

ou mais – esse último grupo correspondeu a quase 30% do total.

Entre os entrevistados, 46% se declararam como brancos e o restante se dividiu entre pardos (40%) e negros (10%). A maior parte das entrevistas se concentrou na região Sudeste (44%), seguido das regiões Nordeste (26%), Sul (15%), Centro-Oeste (8%) e Norte (também com 8%). Em relação à condição socioeconômica, a maioria se declarou pertencente à classe C (46%), com ganho entre um e dois salários-mínimos (30%).

Entre os dados que mais chamaram atenção, estão os que envolvem famílias com crianças e adolescentes. Cerca de 44% dos participantes da pesquisa disseram morar com crianças e/ou adolescentes com idade entre 0 e 17 anos. Num comparativo entre julho e novembro, o consumo de alimentos industrializados aumentou nas casas dos brasileiros, período da pandemia. E foi observado que o aumento no consumo desses tipos de alimentos segue maior entre residentes com crianças e adolescentes.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Segundo o Unicef, 29% das famílias entrevistadas relataram ter aumentado o consumo de produtos industrializados

"Não temos dúvidas de que os alimentos industrializados estão cada vez mais baratos e mais acessíveis. Nos últimos anos, de acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE), quando se fala sobre os gastos da po-

pulação brasileira com alimentação, vemos que tem aumentado muito o gasto com os industrializados também porque eles têm diminuído o valor ao longo do tempo. E isso ocorre em detrimento do consumo de alimentos mais

saudáveis", alerta a oficial de Saúde do Unicef no Brasil, Stephanie Amaral.

De acordo com a pesquisa, em novembro, 54% dos participantes relataram mudanças nos hábitos alimentares em casa – em julho, esse

número era de 49%. Entre os entrevistados em novembro, 21% declararam ter aumentado o consumo de alimentos preparados em restaurantes fast food, e 29% aumentaram o consumo de alimentos industrializados. Nas famílias com crianças e adolescentes, o consumo destes alimentos foi ainda maior, chegando a 36%. Com refrigerantes e bebidas açucaradas, o fenômeno foi semelhante: 29% responderam que aumentaram o seu consumo durante a pandemia, enquanto nas residências com crianças entre 0 e 17 anos o número chegou a 34%.

"Essa mudança no hábito alimentar a gente já vinha percebendo, ela não é de agora. É uma mudança que, infelizmente, faz parte de uma epidemia global de aumento de peso e da obesidade por conta da alteração no consumo de alimentos. As pessoas estão migrando cada vez mais para alimentos ultraprocessados, com muito sal, gordura, açúcar, aditivos e pouquíssimo nutriente", explica a chefe de Saúde do Unicef no Brasil, Cristina Albuquerque.

+ Insegurança alimentar: 5,5 milhões ficaram sem dinheiro para comprar comida

Outro dado preocupante trazido pela pesquisa do Unicef é que muitos brasileiros ficaram sem comer por falta de dinheiro. Cerca de 8% da população com crianças e adolescentes em casa, o que corresponde a 5,5 milhões de pessoas, deixou de comer porque não havia mais dinheiro para comprar.

Jackson de Toni, economista do Ibmec/DF, classifica como complexo o tema da insegurança alimentar no Brasil e acredita ser um desafio enfrentado há muitos anos no país. "Como qualquer país desigual e em desenvolvimento, o Brasil possui uma parte da população muito vulnerável. E a insegurança alimentar atinge exatamente a população de baixa renda."

"Sempre quando há crise econômica, problemas de de-

semprego em massa, a grande preocupação que os governos devem ter é exatamente garantir o mínimo para a sobrevivência da população de baixa renda, que gasta a maior parte do que recebe em alimentação", enfatiza o economista. Para corroborar com essa constatação, o economista também cita a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do IBGE, realizada em 2017-2018, que indicou que cerca de 60% do orçamento das famílias com até dois salários-mínimos vão para a alimentação.

Os recentes dados da POF também apontam para uma mudança nos hábitos alimentares dos brasileiros. Houve uma redução no consumo de alimentos considerados básicos, como o arroz e feijão: o consumo de feijão variou de 72,8% em 2008-2009

para 60,0% em 2017. O arroz também passou de 84,0% para 76,1%.

"Quando pensamos nessas famílias que tiveram uma renda diminuída, que não têm acesso a alimentos saudáveis, é desafiador para eles ter uma alimentação assim em tempos de crise. Precisamos pensar para além desses tempos de crise", completa Stephanie Amaral, do Unicef.

"O que posso dar"

A manicure Nercília de Melo, 37 anos, é moradora do bairro Jardim Violeta, em Fortaleza (CE). Na casa dela, a alimentação tem que ser dividida entre dois adultos e quatro crianças, com idades entre 5 e 15 anos. "Eles podem comer o que posso dar", relata.

A rotina alimentar dela e da família, especialmente na pande-

mia, é trabalhar com o que tem. "De manhã, é um café com pão, depois vem o almoço. E o que sobra do almoço eu dou na janta."

Nercília confessa que o consumo de industrializados é uma realidade em casa, especialmente entre os filhos. "Eu não como tanto, mas eles gostam muito de mortadela. É mais em conta, né? Mortadela, salsicha. Compro esses produtos porque são mais baratos, não vou mentir. A mortadela dá para comprar e fatiar, então dá para todos. É mais barato para mim que sou mãe."

E relatos assim não são uma exceção. Stephanie Amaral explica que muitas famílias vulneráveis, especialmente as que moram nas favelas, vivem no que os estudos chamam de "desertos alimentares". "São áreas em que é difícil o acesso a alimentos fres-

cos, como frutas e verduras. E isso é muito mais predominante em áreas de maior vulnerabilidade, em bairros periféricos. É mais fácil a gente encontrar lojas de conveniência, que vendem alimentos industrializados, do que encontrar uma feira, um sacolão. Isso significa que uma pessoa que mora em bairros assim precisa se deslocar para ter acesso a alimentos saudáveis."

Com a pandemia, segundo a nutricionista, esse acesso ficou mais difícil ainda, especialmente pela necessidade de distanciamento e isolamento social. "A pandemia alterou nossa possibilidade de deslocamento, já que a gente precisa ficar em casa. São fatores que colaboram para haver essa mudança no padrão de alimentação e para que as pessoas consumam mais industrializados".

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Resistência na Rádio Tabajara

Eu sou um cara da cultura alternativa. O que vem a ser isso? Mais ou menos é o elemento que produz arte num espaço marginal como as rádios comunitárias, os fanzines do tempo do mimeógrafo ou o teatro amador de periferia. Brigo pelo direito à liberdade de expressão, pelo humor e a valorização das coisas simples. Subverter a lógica do mercado, não só nos conceitos estéticos. É assim que eu me vejo e é nessa trincheira que me engajo, nessas utopias onde a gente até sonha que está sendo levado pela torrente das tais forças progressistas, como eternos ingênuos que sempre seremos.

Longa é a arte e breve é a vida, diziam os gregos. Por que estou escrevendo isso? Por nada. É que estou atrasado na atualização da Toca, e resolvi escrever essas coisas, falar do nada e do tudo. "Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo". Isso é do Guimarães Rosa, um sujeito definitivo na literatura de todos os tempos no Brasil.

Se estou desencantado? Tantinho assim. Cada ano que se passa, a gente vê o deslocamento do foco de nossa luta. Não luto mais contra o poder burguês. Minha briga agora é contra a força da gravidade que vai correndo as cartilagens do meu joelho. E o pior: com a velhice, vamos nos tornando autoritários, repressores mesmo. Ditar leis e querer que todo mundo seja igual a nós é uma tendência geral, com o passar

dos anos. Velhinhos intolerantes manejando suas bengalas por aí, esquecendo que passou a vida toda querendo pleno direito para o ser humano, buscando uma sensibilidade maior nas relações humanas.

Apesar do poder coercitivo do sistema que sempre pretende controlar a galera, a gente ainda acredita em propostas não oficiais de cultura, ocupando espaços onde der, nesse corpo a corpo maluco feito minha mania de levar livros para espaços públicos, na esperança de que as pessoas venham a ler. Ato isolados como produzir programas de rádio web com equipamentos toscos e esquemas de divulgação ridículos, quem sabe, para dar alguma chance de pautar temas de e sobre as periferias silenciosas e invisíveis.

É este o propósito do programa "Alô comunidade" que eu faço todo sábado, às onze horas, com Dalmo Oliveira, Marcos Antonio Nascimento, Bento Filho e Marquinhos Fernandes na Rádio Tabajara AM. O programa está sendo ancorado por Bento e Marquinhos, os únicos com menos de 60 anos e, portanto, dentro das exigências do protocolo da empresa para enfrentar esses tempos pandêmicos. Pois chegou o dia, a data, a hora, o ano em que tudo deu errado. Sempre chega. Na onda da pandemia, acabei me mudando para Bananeiras. Estou deixando esses mares, já estudando os mapas para

novas aventuras, sem frustração, sem indignação. Adianta se revoltar contra um agente infeccioso? Vou então centrar o astrolábio em novas coordenadas. É só o tempo de ajustar as velas e tocar o barco de novo.

O programa tem sequência com novas figuras, sempre na perspectiva de luta pelo direito à comunicação do povo, em aliança com os movimentos populares de resistência, como as rádios comunitárias. Jovens estudantes fazendo rádio popular, aprendendo a colher gerânios em jardins improváveis, nesse pantanal cheio de jacarés de sonhos minúsculos. E sem vacina.

Meu livro "Retrato molhado" ta uma gracinha e vai sair, para o bem de todos e felicidade geral da nação dos improváveis. Está sendo produzido na forma de cooperativa: cada leitor compra seu exemplar antecipadamente e ganha seu nome na folha de rosto do livro. Eu confesso que usei e abusei da boa vontade de meus amigos e amigas, pedindo a colaboração, mas vou retribuir a atenção, convidado a todos para tomar vinho comigo no lançamento, que será em outubro vindouro. Se rolar vacina.

Parque Tecnológico incentiva a 'tríplice hélice da inovação'

Relação entre governos, universidades e empresas é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas científicas

Renato Félix
Especial para A União

O Parque Tecnológico Horizontes de Inovação ainda não está ocupando o antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, onde será instalado pelo Governo da Paraíba, mas seus trabalhos já começaram. Representantes de entidades que trabalharão juntas no funcionamento do equipamento no Centro Histórico de João Pessoa estão fazendo reuniões virtuais para as discussões a respeito dessa implantação. A segunda Oficina On-line sobre Ecossistemas de Inovação, com o tema "Ressignificando Territórios", realizada pela Secretaria Executiva da Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEC&T) aconteceu na quinta passada.

O evento contou com convidados relacionados ao ecossistema de inovação da Paraíba: UFPB, UFCG, Se-

brae, Extremotec, Cagepa e a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB) são algumas das entidades que estão participando das discussões. No segundo evento, a palestra de abertura foi de Daniella Bandeira, coordenadora da Coordenação do Patrimônio Cultural de João Pessoa (Copac-JP), que falou sobre os desafios para a inovação urbana no Centro Histórico da capital paraibana.

Um dos objetivos do Parque Tecnológico é aumentar a intensidade do conceito chamado de "tríplice hélice para a inovação" na Paraíba. O modelo teórico foi desenvolvido por Henry Etzkowitz e Loet Leydesdorff na década de 1990 para definir a relação entre governos, universidades e empresas para promover a inovação tecnológica. Há experiências na Paraíba que procuram estreitar essa aproximação.



Equipamento que irá fomentar a pesquisa na Paraíba será instalado pelo Governo do Estado no antigo Colégio das Neves, localizado no Centro Histórico de João Pessoa

Foto: Evandro Pereira

+ PB é destaque entre unidades Embrapii com 169 projetos em desenvolvimento

A Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), financiada pelo Governo Federal, tem 61 unidades pelo Brasil para apoiar instituições de pesquisa tecnológica. Na Paraíba, são duas unidades em funcionamento: uma no IFPB, em João Pessoa; outra na UFCG, em Campina Grande. Só no estado, são 169 projetos realizados, R\$ 120 milhões investidos. 71 empresas de outros estados desenvolveram projetos com as unidades da Paraíba.

A unidade da Universidade Federal de Campina Grande funciona no Centro de Engenharia Elétrica e é voltada para software e automação. A unidade do Instituto Federal da Paraíba se dedica a sistemas para manufatura e teve 33 estudantes participando dos projetos de formação de recursos humanos da Embrapii.

"Nos primeiros 3 anos foram

17 projetos. Nos credenciamos para mais 3 anos em dezembro de 2020", conta Erick Melo, e diretor geral do Polo de Inovação do IFPB, do qual faz parte a Unidade Embrapii de João Pessoa, da qual ele também é coordenador. "Por termos nos destacado dentre as outras uni-

dades no Brasil na capacitação de estudantes na metodologia de aprendizado baseado em projetos, fomos convidados pela Embrapii para apresentar o nosso caso de sucesso durante evento do Mês Nacional da Ciência, Tecnologia e Inovações".

Das 61 unidades do país,

apenas 12 estão em institutos federais. "Dentre as unidades que são da rede dos institutos federais, nos destacamos no processo de capacitação dos alunos nos projetos em parceria com grandes empresas como a Huawei", afirma o coordenador.

A unidade de João Pessoa recebe um aporte padrão de 3 milhões para serem disponibilizados as empresas parceiras que têm interesse na pesquisa, desenvolvimento e inovação dentro da área de sistemas para manufatura com foco na indústria 4.0. Um ponto importante: o investimento não é reembolsável.

"Isso significa que a empresa pode arriscar desenvolver algo novo pra sua cadeia produtiva sem se preocupar no risco tecnológico envolvido que inerente aos projetos de PD&I", explica Melo, referindo-se à sigla de "Pesquisa, desenvolvimento & inovação". "Você pode ir por

dois, três anos ali trabalhando e não chegar ao resultado que se espera. Encontra outro problema e sabe que aquele caminho não pode ser mais seguido. Isso faz parte demais do processo de PD&I. Esse processo contínuo que envolve um risco tecnológico muito grande".

As empresas não atuam diretamente no projeto em desenvolvimento na Embrapii de João Pessoa, mas há um acompanhamento. Inclusive, como a maior parte das empresas são de fora da Paraíba, esse acompanhamento é remoto até o momento da apresentação do protótipo do produto final. "Quem desenvolve o que ele desejam somos nós, através do nosso banco de especialistas: servidores, alunos e colaboradores externos", enumera Erick Melo. "Mas quanto mais interação com o cliente, melhor o produto que você vai ofertar a ele".



Uma das unidades Embrapii do Estado fica na sede do IFPB em João Pessoa

Foto: Divulgação

Universidades paraibanas lideram ranking de registro de patentes no Brasil

Essa triangulação entre governos, universidades e empresas é importante, mas não minimiza a importância do financiamento público às pesquisas científicas. "Com a covid-19, os governos, de maneira geral no Brasil, desenvolveram um conjunto de ações voltadas para a valorização da ciência, enquanto mecanismo de fomento à pesquisa e desenvolvimento", afirma Vinícius Moreira, professor da graduação e mestrado em Administração da UFCG e assessor de cooperação internacional da FapesqPB. "Quando a gente investe em P&D, que é pesquisa e desenvolvimento, isso envolve muito risco. É muita grana aportada em projetos sobre os quais a gente tem a expectativa de que o resultado seja positivo. Mas a gente tem uma curva de aprendizagem até que a gente consiga de fato ter um produto efetivo – e quando eu digo 'produto', é o resultado que a gente tanto espera. O papel do estado é financiar essas ações, entrar com o capital para instigar essas ações".

"As universidades devem sempre ter um financiamento público", concorda Cleverton Rodrigues Fernandes, diretor de Propriedade Intelectual da Inova UFPB, agência da Universidade Federal da Paraíba. "O privado é importante, mas tende a criar distorções. O financiamento público pode favorecer uma maior liberdade entre os pesquisadores para criar coisas realmente inéditas – muitas vezes não pensadas pela indústria. Quando o financiamento é privado, o foco é muitas vezes apenas o problema específico da empresa ou do consumidor".

Mas ele também acredita que a participação das empresas no processo é até inevitável. "Nenhuma tecnologia criada pelos pesquisadores, em qualquer lugar do mundo, está 100% pronta para ganhar o mercado", afirma. "Então precisa de investimentos da empresa, ainda, para ganhar o mercado, tornar aquele produto comercial. O cenário atual de cortes não justifica a busca de investimento privado em detrimento do público, mas o in-

cremento privado nas pesquisas públicas vem agregar - inclusive pra motivar os pesquisadores".

Um passo para isso é a patente, ao final da pesquisa. "É um registro de garantia da invenção", explica Vinícius Moreira. "Eu ganho o reconhecimento de que aquele processo foi desenvolvido por mim e que vou ter um certo tempo para explorar de forma exclusiva os caminhos que me levaram àquele resultado. Isso protege um pouco o investimento de tempo e capital que foi dedicado àquele produto".

"A patente vai resguardar seu direito como sendo proprietário durante um período – aqui no Brasil pode ser variar entre 15 e 20 anos", complementa Fernandes. "Então a empresa associada teria um tempo bacana para ser a única a comercializar aquele produto e, tendo esse monopólio temporário, teria um ganho que a faria recuperar os riscos de colocar aquele produto no mercado".

As universidades federais paraibanas têm se destacado nacionalmente no ranking de

patentes. A UFPB ficou no primeiro lugar em 2018 e 2019. E a UFCG emplacou o segundo lugar em 2019. Para a lista de 2020, ainda não divulgada, a expectativa é de nova vitória. "A UFCG possivelmente será a primeira este ano", diz Fernandes. "Isso dá visibilidade. As empresas veem isso. Esses dados compõem os indicadores de inovação de uma região e de um país".

"Essa liderança vem muito em função de um trabalho árduo dos núcleos de inovação tecnológica e das agências de inovação", diz Moreira. "Estamos agora numa outra fase que é uma busca desse diálogo com o mercado. Então a gente precisa agora é tentar fazer com que essas nossas invenções, nossas inovações, possam chegar até o mercado".

A agência Inova UFPB tem buscado trabalhar nesse sentido. O órgão é um Núcleo de Inovação Tecnológica, criados pela Lei de Inovação de 2004, mas recuperando um trabalho de registros de propriedade intelectual na UFPB que havia existido nos

anos 1980, mas estava inativo. A agência foi criada em 2013.

Depois da patente registrada, a equipe da Diretoria de Transferência da agência entra em contato com empresas para tentar fechar parcerias. "Para ver as demandas que a empresa já tinha. E ver se aquilo ali casa com as demandas delas...", explica Fernandes. "Vamos supor que deu certo: vai ser firmado então o licenciamento, a empresa vai 'alugar' aquela tecnologia. Aquilo já vai gerar rendimento para a universidade, retorno para os pesquisadores de outras formas".

"No momento que estamos vivenciando agora da pandemia, acho que ficou claro para a sociedade a relevância de investimentos em torno da ciência", resume Vinícius Moreira. "É a ciência é feita de tentativas e erros o tempo todo. Não é um passe de mágica, não existe isso na ciência. Ela é feita de pesquisa intensiva para se encontrar a verdade dos fatos, ou o caminho para chegar a um resultado mais efetivo".

Aos domingos com **Messina Palmeira**



1. O reitor da UFPB, Valdiney Gouveia, a vice-reitora, Liana Filgueiras e parte de sua equipe visitaram a Asip / Associação dos Inativos e Pensionistas da unidade superior de ensino, para homenagear a atual diretoria. Na foto de Rogério Almeida, estão Liana Filgueira, Valdiney Gouveia, o pró-reitor de planejamento Paulo de Tarso Henriques e Edmilson Azevedo, segundo vice-presidente da Asip.
2. O Centro Cultural São Francisco está promovendo exposição em comemoração aos setenta anos do artista plástico Flávio Tavares. Com curadoria do diretor da instituição, Augusto Moraes, e acervo do colecionador Luiz Medeiros, a mostra tem entrada gratuita e estende-se até o dia 25 de abril.
3. O Hospital Napoleão Laureano, referência em oncologia na Paraíba, vai comemorar 59 anos, durante evento a realizar-se no próximo dia 24. A Fundação Laureano, que tem como foco a humanização do paciente, é presidida pelo Dr. Antônio Carneiro Arnaud (foto).
4. O jornalista e escritor Wills Leal, representado por sua irmã Ana Leal (na foto, com Juca Pontes), recebeu homenagem da Fundação Casa de José Américo, por conta do seu vasto legado às letras paraibanas e por haver tido o privilégio de convivência com o escritor que dá nome à fundação.
5. O governador João Azevêdo recebeu em audiência, na semana passada, o presidente da Confederação Brasileira de Automobilismo, Giovanni Guerra; o tricampeão de Fórmula 1, Nelson Piquet; o controlador da Stock Car, Lincoln Oliveira e Angelo Correa, CEO da Turismo Nacional. Na pauta, estudos objetivando a vinda para a Paraíba da Stock Car, um projeto capitaneado pelo deputado Ricardo Barbosa.
6. A secretária de turismo de Conde, Marília Melo (na foto, com o executivo Saulo Barreto) está visitando algumas cidades paraibanas para apresentar o potencial da Costa do Conde, local paradisíaco, que é um dos preferidos por turistas brasileiros e estrangeiros.
7. Ainda que tardiamente, parabenizo o odontólogo Dr. Evaldo Honfi (foto) em razão das comemorações, no dia 13 de fevereiro, do Dia Internacional do Cirurgião Bucocomaxilofacial.
8. Na programação alusiva aos cem primeiros dias do seu mandato, o prefeito José Aldemir, brevemente deverá entregar aos seus municípios o Espaço Cultural de Cajazeiras, que sediará a Secretaria de Cultura Municipal, a Academia de Letras/ACAL e Instituto Histórico, que funcionará no prédio do antigo Hotel Oriente (foto). A informação é do prof. Francelino Soares.
9. De 5 a 8 de maio, o Sebrae-PB realizará, digitalmente, o evento "O Mundo da Palma da Mão", mais uma feira internacional de negócios e criatividade colaborativos. Regina Medeiros (foto) é que estará à frente desse importante evento.
10. Patrícia Cantalice, Morgana Macena (Na foto com o secretário da Agricultura e Pesca, Jorge Seif Júnior), Mariene Vasconcelos, Gioconda Lucena Rabêlo, Eudes Rocha, Flora Agra, Juliana Rabelo Miranda, Leonardo Medeiros e Wendell Rodrigues são os aniversariantes da semana.



Saneamento básico

Regulamentação lenta ameaça marco legal

Amanda Pupo
Agência Estado

A demora do governo Jair Bolsonaro em editar um dos decretos que regulamentam o marco legal do saneamento acendeu um alerta sobre a viabilidade dos prazos previstos na lei e uma eventual pressão para aumentá-los no Congresso. O movimento exigiria uma revisão do texto legal, o que já gera receio entre membros da equipe econômica, que querem evitar essa brecha a todo custo. O novo marco entrou em vigor em julho do ano passado com a promessa de universalizar os serviços de saneamento no país.

As regras que ditarão a capacidade financeira das empresas do setor - e poderão excluir companhias do mercado - ainda não saíram, mesmo com a data final para os grupos comprovarem que têm estofo para fazer os investimentos

necessários se aproximando. O Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR) defende que o prazo definido na lei - março de 2022 - é suficiente, sem necessidade de prorrogação.

Mas esse não é o discurso de parte do setor, principalmente das companhias públicas. Já entrou no radar da Associação das Empresas Estaduais de Saneamento Básico (Aesbe) uma eventual movimentação no Congresso para dilatar prazos. Segundo o presidente da Aesbe, Marcus Vinicius Neves, o assunto deve ser debatido na próxima assembleia da entidade, prevista para o início de março. Por ora, não há uma posição fechada. Neves também comanda a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa)

O imbróglio envolve a decisão do ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, de publicar o aguardado decreto

somente após deputados e senadores analisarem se derrubam ou mantêm os vetos do presidente Jair Bolsonaro a trechos do novo marco legal, o que é mal visto pela Aesbe. Sob orientação do MDR e da Economia, Bolsonaro barrou do texto a possibilidade de as companhias estaduais de saneamento renovarem por mais 30 anos os contratos para prestação de serviços nos municípios, fechados sem licitação. Pela nova lei, o processo concorrencial é regra. A ação do presidente irritou líderes do Congresso, empresas públicas e governadores.

Como já mostrou o Estádio/Broadcast, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado, a escolha é uma estratégia informal da pasta. O MDR não quer editar o decreto agora com receio de que as normas afetem o humor das bancadas e dos che-

fes estaduais, arriscando a manutenção do veto pelo Legislativo. A avaliação é de que a prorrogação dos contratos das empresas públicas estaduais - caso o veto caia - atrasaria a universalização. Hoje a prestação dos serviços é dominada pelas companhias estaduais, cuja capacidade de investimento é questionada. No Brasil, uma parcela de 46% da população ainda vive sem acesso a rede de esgoto e 16% não são atendidos por rede de abastecimento de água.

Quanto a esse ponto, o Ministério da Economia

tem a mesma posição. Mas membros da equipe de Paulo Guedes ouvidos reservadamente não acreditam que o decreto possa aguardar essa deliberação pelo Congresso. A área econômica queria ver o ato publicado

ainda em janeiro, com receio de que o atraso dê força ao argumento de que os prazos estão curtos. O medo é de que o trabalho desenvolvido durante o ano passado no Parlamento vá por "água abaixo".

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Cabrito da Silva, 221
ALTIPILEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

"Engrenagem paralisada"

O presidente da Aesbe afirma que o processo de adaptação ao novo marco é como uma "engrenagem". Com uma delas paralisada, todo o resto é afetado. Os aditivos com as metas de universalização do novo marco precisam ser assinados até 31 de março de 2022. Até lá, o processo de comprovação da capacidade econômico-financeira precisará estar pronto. Outra data-limite, mais próxima, também preocupa. Os Estados têm até julho deste ano para definir as unidades regionais de saneamento. A elaboração

dos planos de negócio das empresas, portanto, já demandaria as regras de capacidade que estarão no ato do Executivo, alega Neves.

Especialista na estruturação e regulação de concessões e PPPs, o advogado Marcelo Rangel Lennertz concorda que os prazos estão apertados. Mas, para ele, ainda é prematuro cravar uma necessidade de alteração. "Se quiserem reinventar a roda, criando requisitos desnecessariamente detalhados e restritivos, isso pode inviabilizar os prazos que estão hoje previstos".

Dra. Jaqueline Marinho
CRO/PPB: 53276

- Aparelho convencional
- Aparelho estético
- Aparelho Autoligado
- Ortopedia Facial/Infantil
- Invisalign Doctor

DR. JAQUELINE MARINHO
Ortopedia & Ortodontia Facial

(83) 3294-2533 | (83) 8857-5111

Consumidor adere aos cupons para reduzir gasto de compras

Algumas plataformas de descontos registraram aumento de até 400% nas solicitações feitas nos últimos meses

Carol Cassoli
Especial para A União

Em busca de adaptação à realidade que surgiu com a pandemia do novo coronavírus, muitos lojistas adotaram o uso de cupons para alavancar as vendas. Vistos como estratégia eficaz tanto para o consumidor quanto para o lojista, os cupons de desconto têm gerado benefícios durante a crise que se abateu no comércio com o isolamento social. Dada a oscilação na economia ocasionada por este cenário, a procura pelos descontos cresceu, em média, 20% no Brasil.

A plataforma Agora Cupom percebeu alta no número de acessos diários a partir do início do isolamento, em 2020. Já o site Cuponomia registrou, desde fevereiro do ano passado, aumento de 200% na procura por cupons. A empresa realizou uma pesquisa que apontou incremento de mesmo percentual nas buscas por taxas de isenção em supermercados e drogarias. O ramo relacionado a animais de estimação também

teve crescimento de pelo menos 50% no período de maior restrição da pandemia. Além disso, os clientes reforçaram a análise e uso de cupons no setor de serviços de delivery em 400%.

Em observação ao comportamento dos consumidores, as lojas buscaram aumentar a variedade de vantagens disponíveis, já que este artifício é elemento decisivo na hora do comprador finalizar a compra. No Brasil há plataformas com mais de dez mil promocodes (códigos promocionais) cadastrados. Sites como Cuponomia, Agora Cupom e Cupom Válido são responsáveis por selecionar, testar e divulgar códigos de desconto dos mais diversos setores.

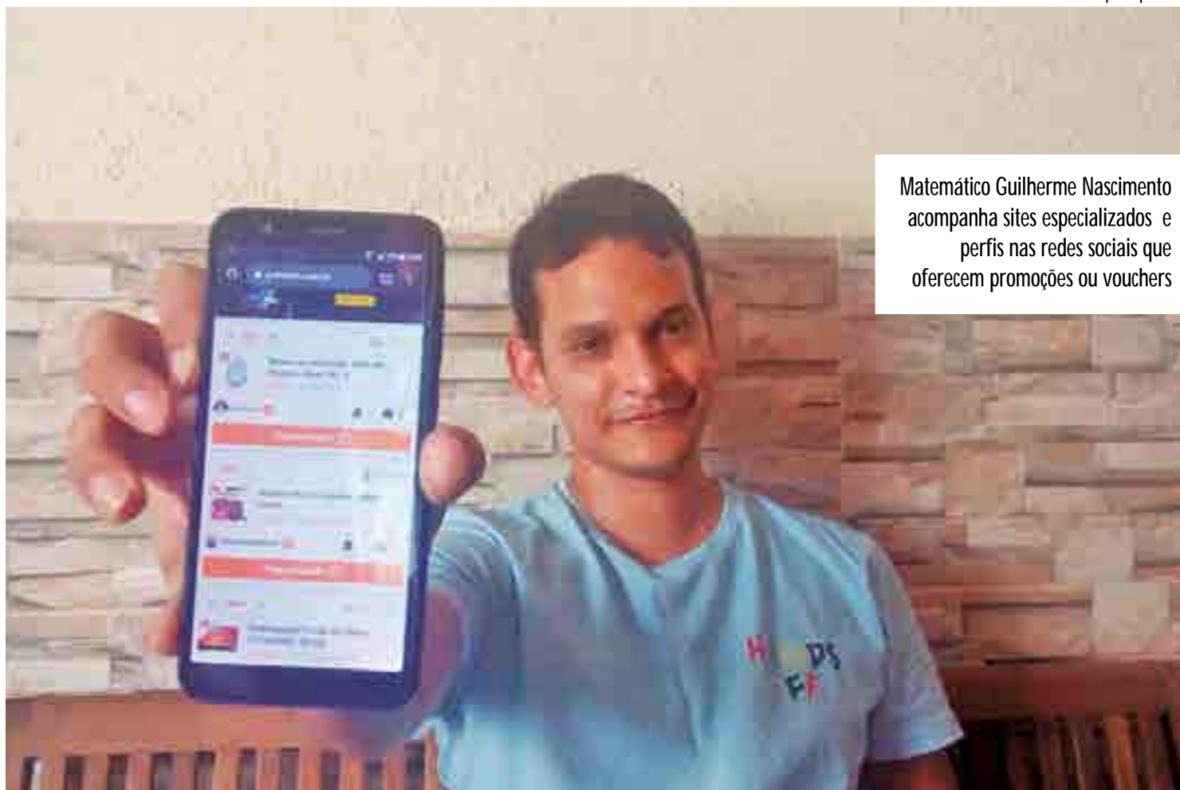
Medida é boa para os negócios

Uma das categorias que mais sofreu com a crise é a de bares e restaurantes, cuja abertura e limite de clientela foram restringidos. A alternativa foi aderir à abertura de canais de comunicação digital. Alguns restaurantes arriscaram na criação de recursos como o “kit home

office”, que oferece a entrega de cinco refeições pré-prontas semanalmente na casa do consumidor. Apesar das circunstâncias, o restaurante de comida mexicana Dona Muchacha, que atende a toda João Pessoa, enxergou a oferta de cupons como uma oportunidade positiva para reforçar os lucros da empresa. “Ofertamos com o intuito de alavancar as vendas. Nós criamos as promoções e o Uber Eats cria uma campanha e realiza a divulgação”, comenta Diva Moraes Gurjão, responsável pelo restaurante.

Ainda que os aplicativos de entrega de alimentos funcionem sob lógica embasada no comportamento do usuário, cabe aos restaurantes optarem por aceitar ou não a oferta de cupons. Com a intenção de lucrar mais rapidamente, no entanto, muitos procuram criar uma política de troca implícita com os fregueses. No Ifood, por exemplo, não é incomum encontrar vendedores que estampem em seus perfis comunicados como “nos ajude a continuar oferecendo desconto, pague no débito”.

Foto: Arquivo pessoal



Matemático Guilherme Nascimento acompanha sites especializados e perfis nas redes sociais que oferecem promoções ou vouchers

Calcular descontos garante bom negócio

O matemático Guilherme Nascimento é consumidor assíduo do e-commerce e procura sempre por cupons que ofereçam vantagens ao finalizar a compra. Guilherme coloca o lucro com descontos na ponta do lápis e aponta que vale a pena se planejar para realizar compras online. “A ideia básica de se comprar pela internet parte da observação de que posso conseguir o produto com até 65% do preço das lojas físicas. Estipulo um tempo de procura e, se o frete compensar, compro pela internet. Se o produto estiver caro, insiro cupons de desconto ou participo de programas de cashback (retorno de parte do valor da compra)”, declara.

Além de acompanhar sites especializados em divulgar vales, o matemático também está sempre atento aos perfis que divulgam, nas redes sociais, vouchers e promoções do comércio local, principalmente de restaurantes. Como aponta Guilherme, existe a possibilidade de que os compradores recebam, além de cupons, os ‘cashbacks’.

Segundo levantamento realizado pelo E-Commerce Radar, cerca de 82% dos carrinhos são abandonados no meio da compra. Observando os produtos deixados pelos clientes, os lojistas confiam aos descontos a retomada da venda, isto através de e-mails e mensagens de texto com abatimentos personalizados. Para fidelizar o cliente, algumas lojas ainda apostam no oferecimento de brindes, frete grátis e programas de pontos //

Fatores como a crescente necessidade de economizar levam os clientes a serem atraídos pela facilidade de acesso e uso destes recursos, a fim de minimizar os gastos com compras online. A depender da plataforma, os cupons são automaticamente aplicados ao carrinho durante a compra. Em outras situações, basta inserir o código ao finalizar a compra e o benefício é empregado no pagamento.

Para fidelizar o cliente, algumas lojas ainda apostam no oferecimento de brindes, frete grátis e programas de pontos //

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Um genuíno exemplo paraibano de desenvolvimento regional

Há 21 anos teve início um Programa de Desenvolvimento Regional aqui na Paraíba, que se denominou “pacto novo cariri”, com a participação de 31 municípios do Cariri paraibano. Participei ativamente desta rica experiência, na época como um dos integrantes da Diretoria Executiva do SEBRAE Paraíba, juntamente com os colegas economistas Arlindo Almeida e Ronald Queiros.

O nosso propósito inicial era encontrar um novo caminho para impactar positivamente o desenvolvimento socioeconômico e ambiental nas regiões mais carentes da Paraíba. A região do Cariri foi a escolhida, por apresentar uma situação de muitas carências, a começar pela questão pluviométrica. Para se ter uma ideia, um dos municípios da região, Cabaceiras, para ser preciso, detém o menor índice pluviométrico do Brasil. A ausência de um parque industrial, de um comércio fortalecido e competitivo, como também de uma agropecuária bem estruturada, era a definição que tínhamos por cenário.

Na época não tínhamos uma metodologia para nortear nossos passos. Tínhamos sim, vontade de acertar, de fazer diferente, de fazer acontecer. Então, seguimos rumo ao nosso objetivo com iniciativas que hoje consigo elenca-las com maior clareza e a elas crédito o sucesso alcançado.

Definimos sete grandes objetivos a serem

trabalhados, que foram os seguintes: Envolvimento da sociedade civil organizada, quebra de paradigmas, formação de parcerias estratégicas, garantia de mercado, organização social dos produtores, tecnologias apropriadas e inovação.

Iniciamos buscando o envolvimento da sociedade organizada, realizando em cada município reuniões com lideranças locais para melhor compreendermos a realidade, validando informações, garimpando conhecimentos sobre as potencialidades que pudessem ser exploradas. Não tínhamos muitas alternativas e elegemos a caprinocultura leiteira como atividade por onde iniciáramos a transformação rumo a um “Novo Cariri”. Identificamos a necessidade de se trabalhar a quebra de paradigmas, que tanto geravam descrenças e atrofias em relação as tentativas de se fazer diferente para alcançar um novo estágio de desenvolvimento na região. Resistências começaram a ser quebradas e novos padrões foram estabelecidos, alicerçando a renovação dos ânimos em prol da exploração da caprinocultura de leite.

Buscamos as parcerias estratégicas, fortalecendo o movimento com o apoio das prefeituras, governo estadual, universidades, órgãos com atuação em pesquisa, ciência e tecnologia,

sistema “S” e entidades privadas com disposição participativa. A partir de então, tínhamos a força necessária para seguirmos em frente. Justifico, portanto, porque sempre uso o “plural” neste relato.

Na sequência, fomos em busca de uma garantia de mercado para o leite caprino e seus derivados. Estávamos preocupados em incentivar pequenos produtores a ingressarem na atividade sem a segurança de que haveria compradores para o leite produzido. Criamos um exitoso programa de compras governamentais. Iniciamos com a adesão de alguns prefeitos que passaram a comprar o leite para as creches e escolas municipais. Depois conseguimos a adesão do Governo do estado que passou a comprar na mesma proporção de todos os municípios juntos.

Necessário se fez trabalhar a organização social dos produtores, que estavam dispersos e isto dificultava o direcionamento das ações necessárias ao fortalecimento da atividade ora estimulada. Foram criadas e ressignificadas dezenas de associações de criadores que deram muita força ao braço produtivo do Pacto.

Para produzir leite e derivados com padrões de qualidade superior ao existente, passamos a utilizar tecnologias apropriadas, principalmente no que se referia ao manejo do rebanho e novas práticas de fabricação. Os resultados foram surpreendentes.

Por fim, destaco o aspecto da inovação. Terminamos por criar um novo caminho para se trabalhar o desenvolvimento. Todas as ações executadas para alcançarmos os grandes objetivos pretendidos, foram recheadas de um novo jeito de fazer.

Saindo praticamente do zero, o Cariri paraibano, em quatro anos, passou a produzir cerca de quinhentos mil litros de leite caprino por mês, injetando mensalmente na economia regional algo próximo a um milhão de reais, irrigando outras veias de produção e consumo. Passou a ser o maior produtor de leite caprino do Brasil, posição que ainda mantém até hoje.

O “Pacto Novo Cariri” virou um case de sucesso, consolidando outros ricos desdobramentos, que têm sido competentemente relatados pelo amigo Consultor Arnaldo Júnior, em todo o país. O Arnaldo, à época, era prefeito de Cabaceiras e foi um dos grandes líderes que fez com que este Pacto se reproduzisse e estimulasse o desenvolvimento do seu município e da região.

Esta experiência tem servido de inspiração para muitas pessoas que atuam no campo do desenvolvimento e neste time me incluo. Que a nossa Paraíba continue a estimular atitudes como estas, que são próprias de “gente que faz”.

Pandemia fez surgir pequenos negócios



Crise gerada pela covid-19 despertou o interesse pelo empreendedorismo na população paraibana

Vontade de empreender levou Augusto César (dir.) e Alessandro Ferreira a investir em uma sociedade na capital

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

As micro e pequenas empresas são protagonistas na geração de postos de trabalho e maioria entre os negócios formais no Brasil. No entanto, o ano passado foi repleto de desafios para elas, devido à pandemia do novo coronavírus. De acordo com um levantamento feito pelo Sebrae-PB, os 226.412 pequenos negócios na Paraíba serão importantes para o aquecimento da economia que é a grande prioridade do mercado de 2021.

Os setores predomina-

tes são o comércio e os serviços e a maior parte dos empresários são microempreendedores individuais (MEIs) como Augusto César e Alessandro Ferreira que há um mês decidiram montar um depósito de bebidas no bairro de Mangabeira, em João Pessoa. O primeiro resolveu desistir por um tempo do seu trabalho como cozinheiro devido à rotina exaustiva e a vontade de ser mais independente financeiramente. Ele passou seis anos sem um restaurante e depois, sozinho, tentou montar uma confeitaria, mas acabou mudando de segmento.

Alexandro, por sua vez,

trabalhava em uma fábrica há quase sete anos e também saiu para investir em algo próprio. "É o primeiro depósito que eu monto. Antes disso eu trabalhava como cozinheiro, mas desisti por enquanto da cozinha, pois queríamos ter um capital sem trabalhar para os outros", conta Augusto.

Assim, inauguraram o estabelecimento acreditando que este era um dos negócios mais lucrativos atualmente, e, portanto, uma excelente oportunidade. "A maioria das pessoas gosta de bebidas alcoólicas. Aproveitando a pandemia, quando muitos não podem ir para bares ou

não saem para se prevenir, eles vão ao depósito, compram e levam para casa", avaliou Alessandro.

Ambos destacam que todo empreendimento atravessa dificuldades, mas acreditam que estas podem ser superadas. "A gente meteu a cara e foi mesmo. Tem os riscos, mas a gente pensou mais nas possibilidades. Todo início é difícil para qualquer empreendedor de qualquer área. Mas, estamos vendo resultados. Tem alguns ajustes pra fazer, e isso é com o tempo. Está dando certo sim", declarou Augusto César.

Hoje em dia, o local tanto atende clientes que desejam consumir no próprio espaço, como vende bebidas, gelo e carvão para quem quiser levar para casa. No futuro, pretendem realizar entregas também. Mesmo com os resultados positivos,

os sócios percebem os desafios em relação a tornar o nome da empresa conhecido e, finalmente, atrair a clientela. "A maior dificuldade é a questão do marketing, a divulgação ter que traçar métodos, essas coisas", finalizou Alessandro Ferreira.

SAIBA MAIS

No observatório MPE (Micro e Pequenas Empresas) do Sebrae, publicado no mês passado, a entidade avalia que diante da alta do fornecimento de alimentação (principalmente devido à pandemia e ao isolamento social), o consumo de bebidas também aumentou. O número de MEIs abertos no segmento "comércio varejista de bebidas" subiu de 38,1 mil para 58,8 mil em 2020.

+ Divulgação é importante nas vendas

A nona edição da Pesquisa Sebrae – 'O impacto da pandemia do coronavírus nos pequenos negócios' – apontou que a maioria das empresas paraibanas segue funcionando com mudanças em meio à covid-19. Se comparado a um mês fora da pandemia, alguns negócios registraram quedas no faturamento mensal e ainda sentem dificuldades em lançar ou comercializar novos produtos ou serviços, por isso, apostam em mudanças na divulgação.

Boa parte dos negócios paraibanos vende pelas redes sociais e aplicativos da internet como Facebook e Instagram, sendo o WhatsApp o mais utilizado, segundo a pesquisa. Na contramão deste processo, empreendedores como a costureira Márcia Souza começaram a divulgar seus serviços de forma tradicional. Mesmo assim ela acredita já ter muitos clientes e uma demanda que está crescendo.

A divulgação é feita com uso de cartazes nas padarias e supermercados perto

de onde mora, no bairro de Quadramares, na capital paraibana. "Comecei ano passado, já na pandemia, e sem divulgar em WhatsApp nem em outra rede social, e estou trabalhando muito", conta. Márcia trabalha em casa com corte e costura, fazendo pequenos reparos e fabrica roupas caso o cliente deseje. Em poucos meses, comprou uma nova máquina para dar conta da clientela com mais agilidade.

Além disso, a profissional também vai buscar e deixar as peças na casa do cliente. "Apesar de eu fazer delivery que é uma tendência, não fui para redes sociais. Não tenho Instagram nem nada. Fui à moda antiga", salienta. Aos 55 anos, a aposentada decidiu apostar no empreendedorismo e passou a incentivar amigas a fazer o mesmo. "Trabalho muito, mas estou muito feliz porque não estou dependendo de ninguém. Não posso reclamar de nada porque não falta dinheiro para eu comprar as minhas coisas todos os dias".

Projetos pessoais ganham fôlego

Durante 16 anos, João Paiva foi motorista de uma empresa privada e, após ser demitido, no ano passado, resolveu investir em um projeto que sonhava há muito tempo. Assim, inaugurou um estabelecimento comercial que vende bebidas, cereais e doces no bairro do Cuiá, em João Pessoa.

Aos poucos, está estruturando o lugar para ser uma futura conveniência e, para isso, investe no seu estoque. "No momento, já tenho o CNPJ e sou MEI. Eu tinha esse projeto há uns dez anos, mas me achava jovem demais. Só que nessa pandemia eu tive que fazer esse ponto comercial na minha casa, aproveitei o terreno e não pago aluguel", comentou.

Com 51 anos, ele revela que a crise modificou seus planos para o futuro. "Meu projeto de vida era me aposentar primeiro antes de abrir a conveniência. Mas, ainda faltava muitos anos. Então, eu abri um dos poucos comércios que não fecharam na pandemia. Esse começo está tranquilo e está melhorando", disse.

A filha, Bruna Paiva, o ajuda a incluir a empresa no meio digital,

colocando o endereço no Google Maps e auxiliando o pai na atualização do Instagram. A meta agora, segundo João, é trabalhar ao máximo para a empresa dar certo. "Estou fazendo de tudo para não trabalhar para ninguém mais. É muito bom trabalhar em algum lugar, mas melhor ainda é trabalhar por conta própria", destacou.

Apoio aos pequenos

Um levantamento realizado pelo Sebrae, baseado no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério da Economia, indicou que no ano passado, as micro e pequenas empresas (MPE) apresentaram saldo positivo de 5.797 postos de trabalho na Paraíba. "Através desses números, a gente vê a importância destas como a base estruturante na nossa economia. Ao mesmo tempo isso também demonstra a necessidade de manter um olhar de apoio para os pequenos negócios de modo que eles continuem avançando, inovando e sendo cada vez mais competitivos", observou a analista do Sebrae Paraíba, Éricka Vasconcelos.

Total de microempreendedores individuais (MEIs) da Paraíba formalizados no Portal Empreendedor



*Valores atualizados até o dia 26 de dezembro de 2020.

Fonte: Estatísticas SIMEI (Receita Federal)

Novos MEIs

De acordo com o observatório MPE do Sebrae, o ano passado teve o maior número absoluto de abertura de MEIs (2.659.798) e um avanço de 8,2% em relação a 2019. Em 31 de dezembro de 2020, 11.316.853 MEIs estavam ativos em todo o Brasil. A Paraíba também apresentou elevação na quantidade de microempreendedores individuais no período. Segundo os dados da Receita Federal, em 31 de dezembro de 2019 o estado contava com 130.102 MEIs optantes do Simples Nacional. Já em 31 de dezembro de 2020, passaram a ser 153.806.

Segmentos

Dos 20 segmentos que mais tiveram aberturas de MEIs no último ano, o setor relacionado aos de 'motoristas de transporte terrestre' teve 58 mil inscrições, uma evolução de 86% em relação ao ano anterior. Tal classificação é geralmente utilizada pelos motoristas de aplicativos. Outras atividades com muitas aberturas em 2020 foram "restaurante e similares" com 74,6 mil novos MEIs e "fornecimento de alimentos preparados preponderante para consumo familiar", com 106,1 mil aberturas. Deste último, fazem parte o fornecimento de marmiteix, cantinas privadas, delivery e bufê.

Goiamum está na lista das espécies ameaçadas de extinção

Degradação do habitat natural e captura predatória podem levar ao desaparecimento do crustáceo

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A perda de habitat pela especulação imobiliária, atividades produtivas desordenadas, a degradação de matas, restingas, apicuns, captura predatória, entre outras práticas, contribuíram para que o caranguejo goiamum entrasse na lista das espécies ameaçadas de extinção. O biólogo e analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Luís Wagner Ferreira Guimarães, explicou que estes animais estão na condição "mais crítica antes de extinta".

Diante desta realidade, no ano de 2014, a Portaria 445 do Ministério do Meio Ambiente determinou que estava proibida a captura e comercialização destes animais em qualquer período do ano. Porém, como o goiamum sempre foi uma das iguarias mais requisitadas nos pratos dos brasileiros, a decisão do MMA passou na época por uma série de pressões do setor pesqueiro (industrial e artesanal) e essas medidas foram adiadas.

Mas segundo Luís Wagner, em 2018, ficou estabelecido que a captura e comercialização desse crustáceo só serão permitidas quando as reservas ou locais de pesca estabelecessem Planos de Gestão Local, os quais prevejam medidas para ordenamento, monitoramento e controle que propiciem o uso sustentável da espécie. Neste caso, os catadores que trabalham com esses animais são cadastrados e os comerciantes devem ter comprovante da origem dos goiamuns adquiridos. Sem a documentação, a oferta do goiamum é considerada ilegal.

Reserva

O analista ambiental acrescentou que, atualmente, apenas as populações tradicionais da Reserva Extrativista de Canavieiras, na Bahia, estão regularizados para fazer a captura deste caranguejo. Portanto, para ser legalizado, o comércio do goiamum no país precisa ter, atualmente, o comprovante de origem da Reserva de Canavieiras. Caso contrário, o vendedor estará sujeito à penalidades. "Esse ano, em ações de fiscalização, o Ibama multou alguns bares por comercializarem goiamum sem a certificação de origem", declarou Luís Wagner. Nestas ações, os animais apreendidos foram soltos próximos à manguezaís da região onde se encontravam.

Fiscalização

As práticas ilegais em relação à captura e comércio do caranguejo goiamum são fiscalizadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos



Foto: Roberto Guedes

Em 2018, ficou estabelecido que a captura e comercialização do crustáceo só serão permitidas quando os locais de pesca estabelecerem Planos de Gestão Local, que permitam o uso sustentável da espécie

Naturais Renováveis (Ibama). Na Paraíba, o órgão informou que, somente em uma operação realizada entre 29 de janeiro a 3 de fevereiro deste ano, em um restaurante no município de Cabedelo, foram apreendidos 400 goiamuns, o que correspondeu a 57 quilos do alimento. A ação resultou em uma multa de R\$ 6.140.

As multas em desrespeito à legislação, porém, vão de R\$ 700 a R\$ 100.000, com acréscimo de R\$ 20 por goiamum apreendido. De acordo com o superintendente do Ibama na Paraíba, Arthur Navarro, todos os órgãos de fiscalização ambiental trabalham em conjunto para tentar preservar esta espécie ameaçada. "É fundamental respeitar a legislação referente ao goiamum, bem como todas as restrições vigentes quanto ao manejo. Só assim podemos garantir a perpetuação da espécie", disse.

O Ibama reforça que a captura e comercialização deste crustáceo estão permanentemente proibidas, exceto em unidades de conservação da natureza mediante plano de manejo, conforme a portaria do Ministério do Meio Ambiente - MMA 445/2014, e suas alterações previstas na Portaria Interministerial Nº 38, de 26 de julho de 2018.

As multas em desrespeito à legislação vão de R\$ 700 a R\$ 100.000, com acréscimo de R\$ 20 por goiamum apreendido

+ Pesquisadores desenvolvem aplicativo

Foto: Arquivo pessoal

A captura ilegal de caranguejos no país pode ser alertada à estúdiosos do meio ambiente. A Rede de Monitoramento de Andadas Reprodutivas de Caranguejos (Remar), que reúne pesquisadores de instituições nacionais, internacionais e unidades de ensino superior a exemplo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e o ICMBio, desenvolveu o aplicativo Remar Cidadão.

A ferramenta permite o usuário observar e relatar eventos de andadas de caranguejos no litoral brasileiro. "O aplicativo é direcionado tanto para caranguejo-uçá quanto o goiamum", destacou o biólogo José da Silva Mourão, professor da UEPB.

Com o Remar Cidadão, qualquer pessoa poderá informar aos pesquisadores a presença de caranguejo no período de andada (quando eles saem da toca para se reproduzir). Nessa fase do ano, muitas espécies não podem ser capturadas devido o período de defeso.

Segundo os organizadores, a contribuição de cada cidadão é fundamental para a avaliação e aprimoramento das previsões de andadas e das normativas de suspensão de captura de caranguejos nos anos futuros.

Como baixar

A versão 2 do aplicativo Remar_Cidadão pode ser baixada no Google Playstore (Palavrade busca: REMAR ou pelo <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.github.hintofbasil.crabblar>).

Recicladores de nutrientes

Conhecido como caranguejo azul, o goiamum ou guaiamum (*Cardisoma guanhumi* Latreille) é consumido no Brasil desde os tempos em que as populações indígenas predominavam no país. Animais onívoros, eles se alimentam de frutos, folhas e matéria orgânica morta. "Exercem o papel de recicladores de nutrientes", destacou o biólogo e



Luís Wagner Ferreira Guimarães é biólogo e analista ambiental do ICMBio

analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Luís Wagner Ferreira Guimarães.

De acordo com ele, a partir do processo de escavação de suas tocas, esses crustáceos ainda removem os nutrientes do solo e os liberam para a natureza por meio da maré. Esse processo de escavação também favorece a oxigenação do solo, enriquecendo-o. Por fazer parte da fonte de alimento e renda de pescadores artesanais, o goiamum ainda tem importância socioambiental.

Mesmo estando na lista de

animais criticamente ameaçados de extinção, o biólogo ressalta que essa espécie de invertebrado tem alta capacidade de reprodução. Por isso, é improvável que ele chegue a desaparecer do planeta. O número reduzido desta população, porém, compromete suas funções ecológicas e sócio-econômica, causando impacto para a comunidade pesqueira e a natureza.

Preservação

O biólogo Luís Guimarães frisou que o cidadão em geral pode se mobilizar para preservar a espécie, suspendendo a compra do goiamum sem certificado de origem, não consumindo o animal quando a carapaça estiver abaixo de 6 cm de largura, e evitando se alimentar de fêmeas. Ao poder público cabe a proteção do goiamum, com a conscientização da população, monitoramento da captura e a fiscalização.

Guimarães ainda salientou que é de responsabilidade de todos garantir que os territórios naturais dos goiamuns sejam protegidos e recuperados. "Mas isso se choca com os interesses dos setores imobiliários e produtivos, principalmente da carcinicultura. Esses interesses têm motivado constantes alterações na legislação ambiental na última década, que facilitaram o uso e a ocupação dos habitats dos goiamuns, principalmente apicuns e restingas".

Foto: Divulgação/ICMBio



As práticas ilegais em relação à captura e comércio do caranguejo goiamum são fiscalizadas pelo Ibama



Sobe

Tem sido excepcional o desempenho do Instituto Butantan, uma das mais renomadas instituições científicas do País, na fabricação das vacinas tão necessárias ao povo brasileiro nesse grave momento de pandemia que contamina e mata milhares de pessoas. Contrariando expectativas de muita gente, o laboratório de pesquisas de São Paulo tem sido o mais importante aliado da saúde da população.

Desce

Não são muito favoráveis as perspectivas do deputado carioca Daniel Silveira, do PSL, que andou ameaçando o STF e pedindo o retorno do AI-5. Independente da decisão da Câmara dos Deputados sobre o relaxamento de sua prisão, o parlamentar vai responder a longo e desgastante processo, pois está enquadrado na Lei de Segurança Nacional por crime contra a democracia e a Constituição Federal.



21 É hoje!

Aniversariando Francisco Evangelista de Freitas, Ana Cláudia Carneiro, Anarlete Gondim Vasconcelos, Bruna Bastos, Degivalba Cabral, Earlen

Amorim, Fábica Cavalcanti, Felipe Kariri, Giuliana Rossi, **Manoel Júnior**, Ilma Pires

Espínola, Jeziel Magno Soares, José Araújo de Oliveira Filho, Josinete Fernandes, Lúcia Lira Braga Nepomuceno, Ludgleydson Fernandes de Araújo, Luiz Carlos Vieira Batista, Marcus Luiz Gomes de Sousa, Marenice Medeiros, Margaret Andrade, Mércia de



Araújo Correia Lima, **Tota Carneiro**, Mery Marsicano, Rosélia Almeida Nóbrega, Sandra Maria Rodrigues Tavares, Sarah Fechine, Uilanete Dantas e Wilson Ramalho.



Tiro no pé

Um amigo da coluna comenta que o deputado Daniel Silveira, do PSL, não foi feliz ao clamar pela volta do Ato Institucional nº 5, instrumento utilizado durante a fase mais dura do Regime Militar implantado no País a partir de 1964. - Foi através dele que vários parlamentares tiveram o seu mandato cassado e direitos políticos suspensos sem oportunidade de defesa. E foi também usando o AI-5 que o presidente Ernesto Geisel fechou o Congresso Nacional deixando deputados e senadores a ver navios". Ao que se observa o truculento deputado deu um tiro no pé que poderá lhe custar a perda do mandato.

Meu amigo Rafa

A escritora paraibana Ana Helena Rotta Soares divide com a sua colega Renata Teixeira Vilam a autoria do livro "Meu amigo Rafa - Um raio de cuecas - Uma reflexão sobre a inclusão Escolar - lançado pela editora Juruá. Este é o segundo livro de Ana Helena que é psicóloga formada pela Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, e PHD pela Fundação Oswaldo Cruz. Seu primeiro livro - "Quando João ficou sem palavras", foi lançado há 3 anos com excelente repercussão.

Expansão

Na esteira do aquecimento no mercado de motos por conta da expansão dos serviços de delivery durante a pandemia e pelo próprio crescimento do transporte individual, ainda mais valorizado pela elevação do preço dos combustíveis, a Novo Rumo Honda, sob o comando de Robinho Cavalcanti, prepara-se para inaugurar uma grande loja na avenida Fernando Luiz Henrique, a mais importante do Bessa.



Fale com Abelardo

JOSÉ MÁRIO ESPÍNOLA - médico cardiologista - A propósito de comentário em sua coluna sobre a vacinação da classe médica, incluindo os aposentados que atuam em seus consultórios, envio tópicos do artigo que escrevi, postado no Blog do Rubão: "O presidente do CRM da Paraíba, Dr. Roberto Moraes, zeloso pela sua categoria, solicitou à Secretaria Municipal de Saúde doses de vacinas e autorização suficientes para imunizar os seus membros maiores de 60 anos contra a Covid-19, doença que está assolando a face da terra, especialmente no Brasil, que partiu muito atrasado

na luta contra a pandemia, por falha justamente de logística, entre outras causas. A SMS, na pessoa do secretário Fábio Rocha, deferiu o pedido e o CRM agendou para vacinar o pretendido grupo de risco na sua espaçosa sede. Nada mais justo. Ocorre que o Ministério Público, sempre zeloso no cumprimento de suas atribuições, porém talvez mal-aconselhado, no caso em tela, vislumbrou o ato como um desrespeito a outras categorias, e notificou a SMS por possível favorecimento indevido. Como havia de ser, a SMS suspendeu a operação que seria realizada no CRM. Pois, justamente, era o que deveria

ser feito, com vantagens para a SMS: ampliar o número de centros de vacinação, incluindo órgãos de classe para vacinarem cada um os seus membros, respeitando como principal critério o conceito de prioridades: Conselho Regional de Enfermagem, de Psicologia, de Fisioterapia, de Odontologia, OAB, Associação do Ministério Público, AMATRA, CREA e, por que não?, o Conselho Regional de Medicina. Será muito mais organizado. Todas essas entidades são órgãos responsáveis, que podem (e devem) ser observados pelos órgãos de fiscalização. E devem ser responsabilizados, quando for necessário.



HÁ MUITOS anos ele tem sido um baluarte na direção de uma entidade decisiva no desenvolvimento econômico do Estado que reúne dois dos órgãos mais importantes do setor no País: o Sesc - Serviço Social do Comércio, e o Senac - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Atuando nos dois extremos da atividade comercial - entre comerciantes e comerciantes - **MARCONI MEDEIROS DE SOUSA**, presidente da Fecomércio tem reconhecimento unânime da sociedade paraibana, prestígio que se estende também a outros segmentos - turismo, cultural e entretenimento - que também são beneficiários de sua gestão eficiente e realizadora. Ao lado de sua esposa, **Marenice Medeiros**, que aniversaria hoje, com quem construiu bela família de filhos e netos, ele terá o domingo para festejar o aniversário de sua grande companheira, com quem divide os êxitos e as dificuldades que enfrentou ao longo de sua brilhante trajetória.

Lançada 2ª edição do livro Cesário Alvim 27

O livro **Cesário Alvim 27 - Histórias do Filho de um Exilado**, de autoria do editor da coluna, chegou à sua segunda edição. A obra, que foi lançada originalmente em 2010 com forte repercussão na crítica, com citações em programas de alcance nacional como Domingão do Faustão e Ana Maria Braga, e que teve lançamentos em Brasília, no Congresso Nacional, e no Rio de Janeiro, foi reeditada pela Universidade Federal da Paraíba através da decisão da ex-reitora **Margareth Diniz, referendada pelo atual reitor Valdíney Gouveia**. O livro, editado pelo jornalista Juca Pontes e



capa assinada por Marcelo Jurema Leal Ferreira, tem prefácio do acadêmico Murilo Melo Filho e contra-capas assinadas pelo senador e ex-presidente

José Sarney. O lançamento desta segunda edição ocorrerá na Academia Paraibana de Letras, em data a ser marcada, tão logo os efeitos da pandemia sejam minimizados com a evolução da campanha de vacinação que está sendo empreendida em todo o País.



Reflexões atemporais

Gosta de quem te aconselha e não de quem te elogia.

Boileau



Federação das Indústrias do Estado da Paraíba
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

Lance Livre

O JORNALISTA Jamarri Nogueira está entre os finalistas do prêmio de Melhor Jornalista de Conteúdo Musical promovido pelo site Toroh Music, um dos mais conceituados do meio artístico.

O ROTARY Internacional comemorou ontem com a entrega do troféu Rotary à médica infectologista Alda Lúcia Costa.

NESTE domingo é dia de almoçar com a família na Tasquinha do Tio, no Mag Shopping, ou no All Garden, em Tambaú.

A PARTIDA de hoje entre Flamengo e Internacional deverá ser o jogo do ano. Fazia tempo que o Brasileiro não promovia essa emoção.

O MÉDICO João Medeiros Filho, presidente da Academia Paraibana de Medicina, vai promover terça-feira, pelo aplicativo Zoom, reunião com o médico Guilherme dos Anjos, do Hospital Emilio Ribas, membro do grupo de pesquisas da Coronavac.



Apresentadora do Mulher Demais, **BRUNA BORGES** vem exibindo o seu talento como cantora em **clip** nas redes sociais



Urgência & Emergência Cardíaca & Neurológica

Destaca Técnica: Dra. Wagoska Lucena - CRM - 5686



AS DAMAS DA CIDADE BY OSMAR SANTOS

Ezilda Rocha **Selda Falconi**

ADQUIRA NOSSOS SERVIÇOS SEM SAIR DE CASA

ATENDIMENTO 24H

Solicite um orçamento: 83 4009-6400 (24h)

PARQUE DAS ACÁCIAS



Foto: Joemarphotopress



Duelo de GIGANTES

Flamengo e Internacional jogam no Maracanã e o time gaúcho tem a chance de ser campeão por antecipação em caso de vitória



De um lado, o Internacional vivendo um jejum de 41 anos sem a conquista do Campeonato Brasileiro e, do outro, o Flamengo, em busca do bicampeonato consecutivo. Dois clubes de muita tradição no futebol brasileiro que, neste domingo, a partri das 16h no Maracanã, brigam pela consagração, no caso do time gaúcho - uma vitória lhe dá o título por antecipação - e o rubro-negro que seguirá na briga, caso não seja derrotado. No entanto, se vencer, dará um grande passo. Na última rodada, o Inter recebe o Corinthians, no Beira Rio; e o Flamengo pega o São Paulo, no Morumbi.

A história das duas equipes é repleta de conquistas e times que marcaram época dentro de campo. Juntos, flamenguistas e colorados somam 10 conquistas de Brasileirão, quatro Libertadores, dois Mundiais, quatro Copas do Brasil e 81 Estaduais.

Nos anos 70, o Inter conquistou seus três títulos de Campeonato Brasileiro,

o último em 1979, com nomes como Figueroa, Falcão, Mauro Galvão, Carpegiani, Valdomiro e Dadá Maravilha em campo. Já na década de 80, o Flamengo conquistou o Brasil e o Mundo com jogadores como Zico, Adílio, Júnior e Nunes no time, e em 2019 encantou o Brasil e a América com um futebol de alto nível ao conquistar o Campeonato Brasileiro e a Copa Libertadores.

Os confrontos diretos entre Flamengo e Internacional prometem grande equilíbrio, já que em um retrospecto de 80 partidas disputadas entre as duas equipes, não existe uma grande vantagem para nenhum dos lados.

Nas 80 partidas disputadas, o time gaúcho levou a melhor em 30 oportunidades. O time carioca, por sua vez, venceu 27 partidas contra os colorados. Consequentemente, as outras 23 partidas terminaram empatadas.

O Brasileirão é a competição que mais teve confrontos. Até aqui foram 63

duelos Flamengo x Internacional e, novamente, quem tem uma leve vantagem no retrospecto é o Colorado, que venceu 25 partidas, enquanto os flamenguistas saíram de campo com 21 vitórias.

A vantagem também é do Inter em termos de gols marcados. Nos 80 embates com o time carioca foram 109 gols marcados contra 95 sofridos.

O equilíbrio no histórico também está nas goleadas, tanto Flamengo quanto Internacional aplicaram e sofreram a maior goleada do confronto. Isso porque a maior goleada é pelo placar de 4 a 0, que ambos já aplicaram sobre o adversário. Por exemplo, recentemente, no Brasileirão de 2014, o Internacional goleou o Flamengo por esse placar no Beira-Rio, com gols de Rafael Moura, D'Alessandro, Fabrício e Alex. Já no Brasileirão de 2009, os rubro-negros golearam os colorados no Maracanã com direto a hat-trick de Adriano Imperador e um gols de Emerson Sheik.

Mas a rodada deste domingo, a 37ª Campeonato Brasileiro não tem somente esse jogo decisivo entre Flamengo e Internacional que certamente vai atrair a maioria dos torcedores no Brasil. Tem briga também na parte de baixo da tabela e um time grande desesperado para se livrar do rebaixamento. O Vasco vai a São Paulo enfrentar o Corinthians na obrigação de vencer. O time cruz-maltino abre o Z4 com 37 pontos e entra em campo preocupado com o seu jogo e de outros concorrentes, como o Goiás que pode ultrapassá-lo se vencer o Bragantino às 20h30, em Goiânia. O Vasco atua mais cedo na Arena Neo Química, às 16h. Os outros jogos deste domingo são Sport x Atlético Mineiro, às 16h, na Ilha do Retiro; Santos x Fluminense, às 18h15, na Vila Belmiro; e no mesmo horário Grêmio x Athletico-PR, na Arena do Grêmio. A última rodada do Brasileirão 2020 será realizada na próxima quinta-feira com 10 jogos.



Gabigol e Thiago Galhardo são as maiores apostas de gol no jogo que pode dar o título de campeão brasileiro ao Internacional, hoje, no Maracanã, diante do Flamengo

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Foto: Ricardo Duarte/Internacional

RESULTADOS DOS ÚLTIMOS 10 JOGOS

- Flamengo 0x1 Internacional - Brasileirão 2015
- Flamengo 1x0 Internacional - Brasileirão 2016
- Internacional 2x1 Flamengo - Brasileirão 2016
- Flamengo 2x0 Internacional - Brasileirão 2018
- Internacional 2x1 Flamengo - Brasileirão 2018

- Internacional 2x1 Flamengo - Brasileirão 2019
- Flamengo 2x0 Internacional - Libertadores 2019
- Internacional 1x1 Flamengo - Libertadores 2019
- Flamengo 3x1 Internacional - Brasileirão 2019
- Internacional 2x2 Flamengo - Brasileirão 2020

CSP segue treinando à espera de competições oficiais da FPF

Rebaixado em 2020 para a Segunda Divisão, a equipe está sem calendário até o final do primeiro semestre

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Centro Sportivo Paraibano (CSP) vive uma realidade diferente em 2021, depois de 10 anos seguidos na elite do futebol no estado, a equipe foi rebaixada no ano passado para a Segunda Divisão do Campeonato Paraibano de Futebol e, por conta disso, além das dificuldades e impedimentos ocasionados pela pandemia da covid-19, o time está sem calendário de competições nesse primeiro semestre e aguarda uma definição da Federação Paraibana de Futebol (FPF) em relação a competições como o Estadual Sub-19 e a própria Segundona que no ano passado não ocorreram.

Enquanto aguarda definições por parte da FPF, o clube segue mantendo seus atletas em treinamento diariamente no campo da Faculdade Unipê em João Pessoa. Conhecido por ser um clube formador de jogadores, o CSP também segue negociando no mercado novos atletas tanto para serem emprestados ou vendidos para clubes do Brasil e do exterior, assim também como a chegada de novos valores para serem lapidados pelo "Tigre" da capital paraibana.

Tendo recentemente fechado uma parceria com o ex-jogador luso-brasileiro Deco - craque que vestiu e venceu a Champions League por Barcelona e Porto, além

de ter servido a Seleção de Portugal - que hoje trabalha como empresário dentro do mundo do futebol, o CSP espera abrir ainda mais as portas dentro do mercado europeu, especialmente após o recente sucesso do atacante Soares - que também virou ídolo da torcida do Porto e agora está jogando no futebol da China pelo Tianjin Teda.

Segundo Josivaldo Alves, presidente do CSP, a agremiação segue ativa e trabalhando para estar pronta para os próximos desafios assim que eles forem confirmados. Além de esperar pelas definições da FPF, o clube também segue estudando a possibilidade de emprestar atletas para clubes que estão em atividade, assim como de participar de competições em outros estados ou até mesmo organizar alguma disputa para manter seus atletas ativos.

"Não é uma situação comum na vida do CSP, nós estamos acostumados a disputar várias competições ao longo da temporada e desde o ano passado, por conta da pandemia, acabamos não tendo essa oportunidade que é fundamental para o desenvolvimento dos atletas. Diante disso, estamos buscando alternativas com equipes parceiras e vendo a possibilidade de organizarmos alguma competição ou participarmos de outras que venham a ocorrer nos próximos meses", explicou.

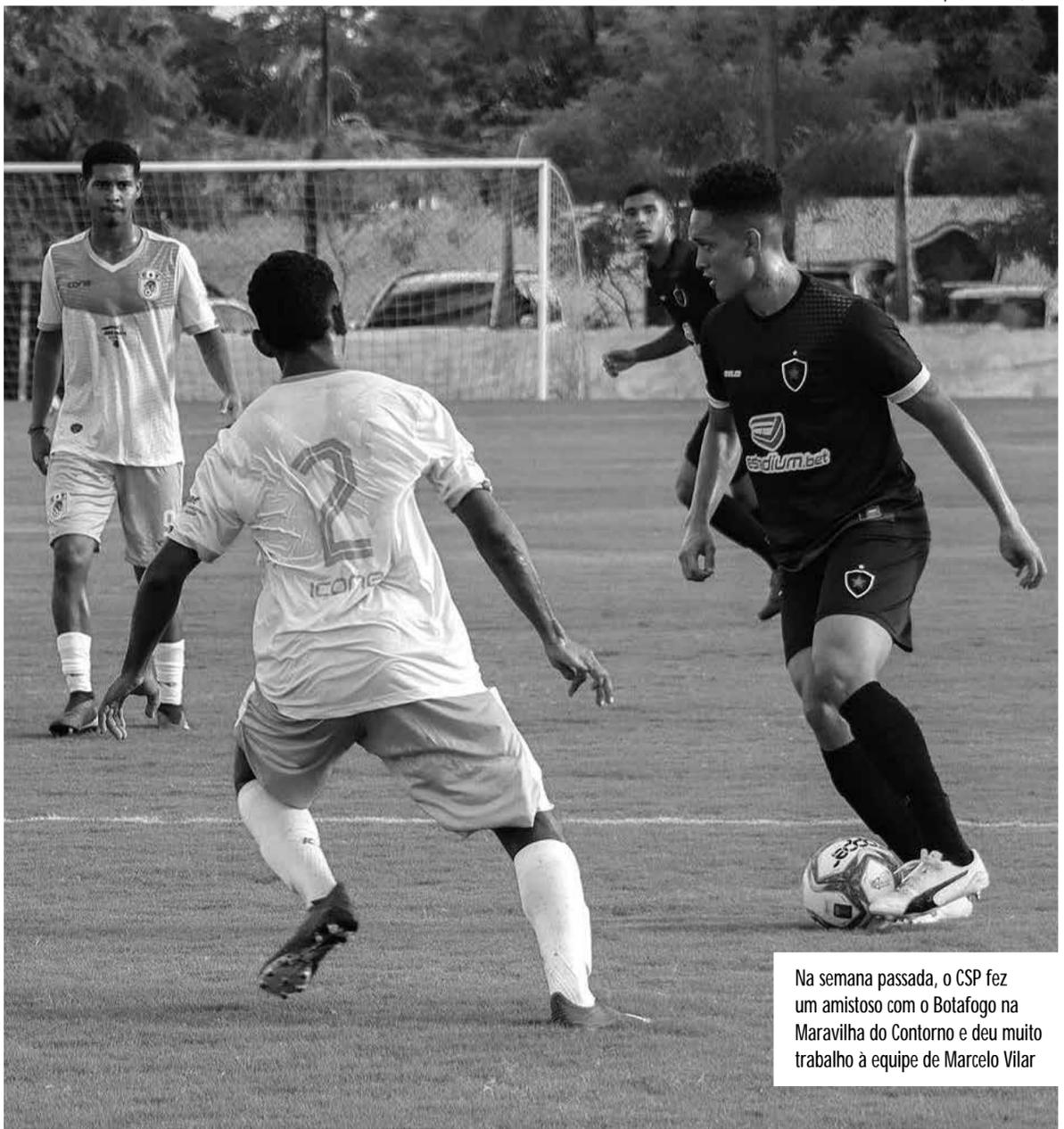


Foto: Raphael Vinicius/FutPB

Na semana passada, o CSP fez um amistoso com o Botafogo na Maravilha do Contorno e deu muito trabalho à equipe de Marcelo Vilar

Pandemia reduz pela metade volume de dinheiro movimentado nas transferências de jogadores

Agência Estado

O número de transações internacionais de jogadores de futebol durante a janela de transferências de janeiro caiu 36,2% e o montante de dinheiro envolvido nesses negócios despencou para quase a metade, em comparação com o mesmo período de 2020. Os dados constam em relatório elaborado pela Fifa e confirmam o impacto da pandemia do novo coronavírus na economia do futebol.

Em janeiro, a Fifa registrou 2.690 movimentos de jogadores de um país para outro, o número mais baixo dos últimos seis anos. Outro sinal de que os clubes estão apertando os cintos é o valor total destas operações, que diminuiu 49,1%. Se há um ano as transações da janela de janeiro chegaram a US\$ 1,1 bilhão (R\$ 5,9 bilhões na cotação atual), agora caíram para US\$ 590 milhões (R\$ 3,1 bilhões).

Apesar de não ter fornecido o número detalhado de cada transferência, a Fifa anunciou que a contratação do jovem marfinense Amad Diallo (da Atalanta



Foto: Rodrigo Fatturi/Grêmio

Diego Rosa, do Grêmio, foi vendido sem fazer nenhum jogo pela equipe profissional e agora pertence ao Manchester City

ao Manchester United) foi a mais cara de todas, seguida pela do brasileiro Diego Rosa (do Grêmio ao Manchester City) e do franco-marfinense Sébastien Haller (do West Ham ao Ajax).

Campeão mundial sub-17, Diego Rosa foi vendido sem nem ter jogado pelo time profissional do Grêmio. O negócio já estava definido desde o meio do ano passado, mas só foi contabilizado pela Fifa

em janeiro. O Manchester City pagou 5 milhões de euros (R\$ 32,5 milhões), mas se o atleta atingir metas estipuladas pelos ingleses o negócio pode render mais 24 milhões de euros (R\$ 156 milhões).

Os números da janela de transferências de janeiro confirmam uma tendência de queda no mercado do futebol. Em 2020, o número de transferências já havia caído 5,4% em relação a

2019. Foi a primeira queda em uma década, segundo outro relatório divulgado pela Fifa em janeiro.

A expectativa é de que as transações voltem a ganhar força no meio do ano. O defensor austríaco David Alaba, do Bayern de Munique, por exemplo, já anunciou que deixará o clube alemão. Capaz de atuar na zaga, na lateral ou no meio de campo, ele estaria nos planos de Real Madrid e Barcelona, segundo a imprensa alemã.

O jogador teve papel importante nas últimas conquistas do Bayern de Munique, onde chegou há 13 anos. Com a equipe alemã conquistou duas Liga dos Campeões da Europa (2013 e 2020), dois Mundiais de Clubes, nove edições do Campeonato Alemão e seis da Copa da Alemanha.

O próprio Bayern de Munique contratou o zagueiro francês Dayot Upamecano, do RB Leipzig. O jogador integrará o grupo do atual campeão mundial a partir da próxima temporada e, segundo a imprensa alemã, custou 43 milhões de euros (R\$ 280 milhões).

Richarlison em defesa da bandeira das causas sociais

Atacante da Seleção Brasileira mexe com uma legião de seguidores ao pedir mais educação, comida na mesa do brasileiro e cobrar mais ação dos governantes no país

Wallace Graciano
Agência Estado

Um dos jogadores que se firmaram na seleção brasileira de Tite nos

últimos anos, o atacante Richarlison também consegue se destacar em outras frentes na carreira. No Everton, seus gols ajudam muito o time a se posicionar no Campeonato Inglês. Mas é

fora de campo que ele mexe com uma legião de seguidores das redes sociais e torcedores pelo seu sucesso.

Richarlison tem levantado algumas bandeiras incomuns en-

tre seus colegas de futebol, mais animados com games e fones no ouvido, crescidos em bolhas e por agentes que repetem o tempo todo que jogador deve pensar apenas

em jogar futebol. O atacante quebra essa máxima, pede mais educação e comida na mesa do brasileiro e cobra governantes em entrevista dada com exclusividade ao Estadão.

A entrevista

Você cativou um público de forma espontânea nas redes. Peguei umas métricas de comentários em jogos do Everton e da seleção no Twitter e, salvo engano, em duas oportunidades você não esteve entre os cinco mais comentados durante o período. Como é isso para você? Te balança? Dá vontade de pegar o celular e ficar rindo das mensagens que te mandam?

Eu gosto muito de interagir com os torcedores e com os fãs. Quando era mais novo, nunca tive a oportunidade de ver um ídolo meu de perto, muito menos trocar ideia com ele. Então, tento fazer um pouquinho disso para quem gosta de mim e acompanha o meu trabalho, como uma forma de retribuir. As redes sociais ajudam muito nessa aproximação.

Nesse sentido, ainda teve o número de celular vazado pelo Neymar... Isso te complicou muito? Já conseguiu trocar e voltar para o grupo dos amigos ou ele ainda está te devendo essa?

Só naquele dia, recebi mais de 50 mil mensagens. Tive de desinstalar o WhatsApp e trocar de número porque meu celular estava travando e não conseguia fazer mais nada (risos). Mas ele acabou me ajudando, estava mesmo precisando trocar de número fazia tempo.

Teve troco on-line com o Neymar?

A Twitch derrubou a conta dele por uma semana por causa daquilo (risos). Ele ficou me zoando na seleção, dizendo que a culpa era minha, mas ele que deu mole (risos). Não teve troco, ele mostrou o número sem querer, foi tudo na brincadeira.

Aliás, on-line, quem é camisa 10 e mete a faixa? Quem merece um banco ou sequer deveria ser convocado para sua seleção?

Meu grande rival no PubG é o Jemerson, zagueiro do Corinthians, mas eu sempre ganho dele. Não tem mais graça (risos). Mas ele é bom, joga bem. Tem muita gente que joga comigo, mas vou mais pela resenha. Na competição mesmo, tem a molecada do time que apoio, o R7, que é fera. Eles são 10 e metem a faixa (risos).

Voltando às redes, um dos motivos que cativaram essa relação com o público foi seu envolvimento em causas sociais. Muitos dizem que o jogador tem um perfil alienado e ver alguém ser engajado de forma tão espontânea aumentou seu vínculo com as pessoas, que se sentem representadas. Como você vê isso?

Muita gente acha que é falta de vontade dos caras de se posicionar, mas não é bem assim. De onde a gente vem, ninguém nunca quis saber o que a gente tinha para falar. E quando o nosso trabalho faz com que as nossas vozes sejam ouvidas, muitos jogadores já não querem mais esse desgaste. Cada um tem suas feridas, sabe o tanto que ralou para chegar aonde chegou e as pessoas precisam entender isso. É difícil você encontrar um jogador que não ajuda sua comunidade ou não faz um trabalho social. Ajudam o quanto podem. É claro que seria ótimo se todos quisessem também falar

e cobrar atitudes de quem está no comando e de quem deveria fazer alguma coisa para mudar a realidade do Brasil, porque é muito importante e o alcance dos jogadores é muito grande, mas isso é uma coisa pessoal de cada um.

Você tem dimensão que, mais do que um ídolo em campo, é uma voz para milhões de brasileiros, que sentem em você um grande espelho? Como espera que sua voz chegue a eles?

Espero que minha voz chegue cada vez mais alta. Se não for para fazer barulho e ajudar, eu nem vou (risos). Vou continuar do lado de quem mais precisa, porque já estive lá e minha comunidade tinha muitas necessidades. Sei que isso cobra um preço do jogador, qualquer coisa errada que fizer vai ter uma repercussão maior e algumas pessoas vão cair matando, mas é um preço que eu estou disposto a pagar.

Quando tivemos o #BlackLivesMatter, você foi categórico ao dizer que "poderia ser comigo". Já passou por situação semelhante? Se sim, como foi e onde encontrou forças para superá-la?

Eu morava em uma comunidade pobre, diversos amigos que tinha quando era criança foram por um caminho ruim. Muitos foram presos, outros morreram e outros perderam o rumo mesmo. Sou grato às pessoas que me ajudaram, porque sei que poderia ter sido vítima de algo

ruim, mesmo sempre indo pelo caminho certo. Já fui confundido com um traficante quando estava voltando do futebol com meus amigos (no Espírito Santo), já vi muita coisa errada acontecer na minha frente. Tudo que podia fazer era me afastar daquilo e foi o que eu fiz. Sempre digo que o futebol me salvou, outros não tiveram a mesma sorte que tive. E não é só nessa questão de violência física que a coisa é complicada, é no tratamento também. As pessoas te olham diferente, trocam de calçada para não passar perto de você com medo de serem roubadas ou de você pedir alguma coisa. Vejo algumas pessoas dizendo que não existe racismo no Brasil, mas é só você analisar qual a maior parcela da população pobre do país para notar que existe e é muito grande.

Outro caso marcante foi sua participação no caso da Mari Ferrer (influenciadora que moveu processo de estupro em Santa Catarina). Acha que com pessoas como você dando luz ao que temos de mais obscuro, aos poucos podemos discutir mais alguns temas e conseguir mais justiça social?

Eu espero que sim, porque é uma questão de humanidade e muito óbvio. Sobre o caso da Mari Ferrer... Eu tenho irmã, mãe, primas, avó, amigas... Minha família é cheia de mulheres, cara. Eu ficaria maluco se acontecesse algo assim com elas e nem consigo imaginar como elas ficariam. Nós, homens, precisamos parar de minimizar as coisas que acontecem com as mulheres, parar de culpar quem é vítima. Uma menina que é estuprada ou sofre assédio nunca mais vai esquecer. Isso é muito triste. E só vai mudar quando quem fizer esse tipo de coisa for para a cadeia e ficar por lá um bom tempo, independentemente de ser pobre ou rico. Sobre Manaus, foi horrível ver aquilo acontecendo. Ver as pessoas na fila para tentar buscar oxigênio para seus familiares Como disseram: faltou ar no pulmão do mundo. Eu acho que a gente não pode se acomodar com essas coisas, passar a tratar absurdos como coisa normal.

Na cabeça do Richarlison, o que precisamos mudar para ter um mundo em que sua família e entes queridos vivessem em paz? E em que avançamos?

Eu acho que temos de olhar com carinho para quem precisa mais. O Brasil é um país que produz e exporta comida para o mundo inteiro, mas tem gente passando fome. Tem crianças que não conseguem ir para a escola porque precisam trabalhar ou ir pedir dinheiro no semáforo, porque os pais não conseguem emprego nem sustentar a família. E algumas dessas crianças escolhem o caminho errado, porque é teoricamente mais fácil. Penso que um país sem saúde e educação para todos - e nisso entra o esporte também, que é muito importante, porque ensina coisas boas e faz bem para a saúde - e sem comida na mesa não vai para frente. Acho que todo mundo deveria estar buscando por isso, não pelas besteiras que ficam brigando e discutindo o dia inteiro.

Sobre a seleção sabemos que seu objetivo (e de quem está no radar do Tite) está no Catar, em 2022. Como é para um atleta mostrar serviço em apenas uma semana? Como vem sendo para você esse ciclo até o Mundial?

Na verdade, vejo isso um pouco diferente. Eu acho que temos de mostrar serviço todos os dias. O Tite conversa com os nossos treinadores nos clubes e sabe exatamente como estamos rendendo não apenas nos jogos. Isso faz com que precise estar bem também no dia a dia. Eu estou dando a vida para poder estar lá no Catar em 2022, quero mais do que tudo. Para isso, sei que preciso manter meu nível aqui no Everton e continuar mostrando serviço quando estiver na seleção, mesmo com tão pouco tempo. Qualquer vacilo, posso perder espaço, porque temos muitos atacantes de qualidade no radar.

Sente que a pandemia pode impactar em algo, já que terá calendário mais apertado, que poderá afetar até mesmo um período de convivência, como a Copa América, quando teve mais tempo de entender melhor as ideias do Tite e o jogo dos seus companheiros?

A coisa ainda está muito doida, então a gente não sabe como tudo será. Espero que até lá tudo esteja mais calmo e controlado, que a vacina comece a chegar para todo mundo, enfim. Apesar disso, acredito que a gente precisa trabalhar forte e assimilar o que o professor Tite espera da gente com o tempo que tivermos para treinar e jogar.

/// A coisa ainda está muito doida, então a gente não sabe como tudo será. Espero que até lá tudo esteja mais calmo e controlado, que a vacina comece a chegar para todo mundo ///

Fred busca a REDENÇÃO

Zagueiro do Belo volta a treinar com bola após cirurgia e quer dar volta por cima para acabar com a fama de vilão

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

De capitão a vilão e sem chance de redenção: esse pode ser um resumo do que ocorreu com o zagueiro Fred depois que o futebol foi retomado em 2020 após a pausa por conta da pandemia da covid-19 e um conjunto de erros do atleta dentro de campo e que ele não teve tempo de corrigir após uma grave lesão no joelho esquerdo que o afastou dos gramados desde então. Agora, já tendo retornado com os trabalhos com bola, o atleta de 35 anos entra na reta final de sua recuperação e espera poder voltar a defender as cores do Botafogo e mostrar que pode contribuir com o time dentro e fora do campo de jogo para dar a volta por cima em sua trajetória no Belo.

Com passagens por clubes como Internacional, Grêmio-RS, Novo Hamburgo, Juventude, Goiás e Vitória, Fred chegou ao Botafogo como uma das principais contratações para a Série C de 2019, da qual, após a grande campanha na Copa do Nordeste daquele ano, onde o clube foi vice-campeão, se tinha imensa expectativa para o acesso que, no entanto, acabou mais uma vez não ocorrendo. Ainda assim, o zagueiro foi um dos escolhidos para seguir no clube para a temporada de 2020 já com a condição de capitão e um dos líderes de um dos elencos mais caros já montados pelo clube e cujo orçamento rondava a casa dos R\$ 400 mil mensais.

Em sua segunda temporada pelo clube, após permanecer no elenco e com a braçadeira de capitão confiada à ele pelo então treinador,

Evaristo Piza, o zagueiro viu sua trajetória de líder do grupo e atuações regulares, especialmente na Copa do Nordeste, serem consumidas tal qual as esperanças do clube pela pausa no futebol que, no caso botafoguense, ainda foram agravadas pela crise política que permeou toda a temporada e quase levou o clube ao rebaixamento para a Série D.

Foi após o retorno do futebol e já sob o comando de Mauro Fernandes - que assumiu o lugar de Evaristo Piza, demitido dias antes da paralisação do esporte por conta da pandemia -, que Fred viu sua passagem no Botafogo virar ao avesso. Parte de um time nitidamente desorganizado, o zagueiro protagonizou um gol contra na semifinal do Estadual diante do Treze - principal rival botafoguense - que abriu o caminho para que o clube fosse eliminado da competição depois de sete finais consecutivas.

“As coisas haviam mudado no clube e isso teve influência na queda de desempenho e em tudo que ocorreu ao longo da temporada. Para mim, as coisas ocorreram todas de forma muito rápida, mas em nenhum momento me faltou comprometimento ou vontade em defender o clube, pelo contrário. Quando fiz o gol contra na semifinal, o que ocorreu foi uma falha de gesto técnico, pois eu deveria ter tentado afastar a bola com a perna esquerda e não com a direita” //

“Quando fiz o gol contra na semifinal, o que ocorreu foi uma falha de gesto técnico, pois eu deveria ter tentado afastar a bola com a perna esquerda e não com a direita” //

ocorreram todas de forma muito rápida, mas em nenhum momento me faltou comprometimento ou vontade em defender o clube, pelo contrário. Quando fiz o gol contra na semifinal, o que ocorreu foi uma falha de gesto técnico, pois eu deveria ter tentado afastar a bola com a perna esquerda e não com a direita, mas não baixei a cabeça e segui no jogo batendo e convertendo depois uma cobrança das penalidades, algo que muitos jogadores teriam se negado a fazer, mas como a classificação não veio, realmente o que fica marcado é o erro”, afirmou Fred.

Sem tempo para organizar a casa e já com novo treinador, dessa vez o interno Warley Santos, o Botafogo foi para a estreia contra o Ferroviário-CE e no primeiro tempo, minutos após o time cearense ter um jogador expulso, Fred levou o segundo amarelo e também teve que sair do jogo. Irritado como lance, o atleta jogou a braçadeira de capitão no chão

em um episódio que acabou azedando de vez a relação da torcida, que já vinha irritada pela falha nas semifinais, com ele.

“Em nenhum momento foi minha intenção desrespeitar a torcida, o clube ou muito menos a função de capitão, algo que eu jamais havia exigido ou imposto, mas que entendia a importância. Ali foi uma situação que, somada ao que já vinha acontecendo, eu sabia que tínhamos a vantagem numérica no jogo e que com minha saída o time perderia essa condição favorável. Na época eu me desculpei com o grupo e inclusive com a torcida, sei que muitos torcedores ficaram chateados, alguns me entenderam outros não, acabei recebendo muitas críticas e xingamentos nas redes sociais, mas sei que isso faz parte e felizmente estive mentalmente fortalecido para lidar com situações como essa”, explicou.

O problema é que, além de todo o contexto de crise que havia no clube, Fred teve muito pouco tempo para tentar se redimir dos dois erros seguidos e o time seguia em má fase. Cumprindo suspensão automática, ele perdeu o jogo da segunda rodada da Série C em que o Belo empatou em 0 a 0 com o Manaus, no Almeidão, e retornou justamente na derrota, também em casa, para o Santa Cruz, nesse momento, o treinador já era Rogério Zimmermann que, no jogo seguinte barrou o zagueiro que nem viajou para jogar no novo empate contra a Jacuipense pela quarta rodada da Série C.

Na partida seguinte, contra o Imperatriz no Maranhão, o atleta voltou ao time titular, mas ainda aos 20 minutos da primeira etapa o jogador sofreu uma ruptura no ligamento do joelho esquerdo que resultaria no fim da temporada para ele. Ao longo dos meses seguintes, Fred assistiu, durante a sua recuperação, a

queda da diretoria do clube, o retorno de Evaristo Piza e Marcos Aurélio e o sofrimento até a última rodada para que a equipe pudesse escapar do rebaixamento e seguir na terceira divisão para 2021. No novo ano, outra mudança técnica com a chegada de Marcelo Vilar e a montagem de um novo elenco do qual ele ainda faria parte.

Ainda com a impressão deixada por 2020, Fred teve seu contrato renovado automaticamente por conta da estabilidade garantida para ele devido à lesão ocorrida durante o seu trabalho, mesmo sob questionamentos de parte da torcida. No entanto, o jogador garante que, mais

que nunca, está empenhado em finalizar sua recuperação e retornar a defender as cores do Botafogo. Segundo ele, a meta é poder voltar a estar apto em cerca de um mês e se disse confiante para auxiliar com sua experiência no elenco comandado por Marcelo Vilar e que acredita que 2021 será um ano diferente para ele e para o clube.

“Tivemos muitas mudanças no clube do ano passado para cá, o elenco hoje conta

com jogadores mais jovens e que tem vontade de mostrar seu potencial, para mim, como um dos mais experientes, sei que posso ajudar bastante o grupo fora do campo também, mas meu objetivo é retornar o mais rápido, pois quero voltar a jogar em alto nível e estou disposto a brigar por posição e pela confiança do treinador. Já falei com o professor Vilar e ele confirmou que conta comigo e eu vou buscar com muita humildade, trabalho, foco, tranquilidade e paciência” //

vamos lutar pelos objetivos do clube nessa temporada, especialmente pelo acesso meta que me trouxe para esse clube e espero cumprir”, complementou Fred.



O zagueiro Fred, aos 35 anos, está confiante em recuperar o prestígio junto ao torcedor do Botafogo depois de virar vilão nas semifinais do Campeonato Paraibano de 2020 na decisão contra o Treze, em Campina Grande



O parque que é coração da cidade

Batizada Solon de Lucena, a Lagoa dá forma (e rima) a João Pessoa

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O Parque da Lagoa já teve várias nomenclaturas ao longo de sua história, entre elas, Lagoa, Lagoa Solon de Lucena, Lagoa dos Irerês e Parque Solon de Lucena, em 1924, através do Decreto Lei nº 110. No início da década de 1920, era praticamente um charco e fazia parte de um sítio que pertencia aos jesuítas. Em 1922, foi transformada em Parque Público e recebeu o nome Parque Solon de Lucena, uma homenagem ao governador da época.

Aos poucos, por volta dos anos 30, a área foi ganhando ares de urbanização, e sua inauguração oficial ocorreu em 1939. A área passou a contar com jardins projetados pelo renomado paisagista Burlle Marx, incluindo belas palmeiras imperiais trazidas do Jardim Botânico (RJ) e, bem no meio da Lagoa, uma fonte luminosa. Fazem parte ainda dessa paisagem diversas espécies de árvores, entre elas, os ipês amarelos que são um espetáculo à parte, formando um tapete amarelo sobre a grama, especialmente no mês de dezembro.

Por estar no Centro da cidade, a Lagoa passou a ser considerada um bom local para a realização de festas como a das Neves, São João, Natal e até comícios, além de manifestações sociais. Em 1985, foi realizada a recuperação e reordenamento, mas antes disso, entre 1935 e 1940, houve um plano de remodelação e extensão da cidade, executado pelo arquiteto francês George Munier.

O artigo 'História e Urbanização: liminaridades no Parque Solon de Lucena, João Pessoa/PB', de Maria da Conceição Pereira Paulino, graduada em Licenciatura em História, na UFPB, conta um pouco da história do lugar e cita, inclusive, entrevista publicada no Jornal A União,



Foto: Arquivo IBGE

Antes mesmo de ser parque, a Lagoa já fazia parte da formação da capital paraibana. Seus jardins projetados, nos anos 1930, pelo paisagista Burlle Marx guardam nossa história, têm papel determinante nos fluxos de comércio e estão presentes na memória afetiva de cada pessoense que lá viveu momentos marcantes de passeios, encontros e reencontros

na edição de 29 de março de 1940, na qual Burlle Marx revelou entusiasmo pela cidade. "Elementos constitutivos da nossa flora vão predominar em nossos jardins, e com algumas modificações, as praças e jardins de João Pessoa, vão ficar uma maravilha", declarou. E acrescentou que, pela sua situação privilegiada, a área da Lagoa iria se constituir o ponto de maior atração da cidade. O artigo foi apresentado no I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (I Enanparq), em 2010.

953

Árvores no Parque da Lagoa. 738 árvores nativas e 215 palmeiras.

35 mil m²

Área aproximada do Parque da Lagoa, mais de dez praças, ciclovia, pista de cooper, pista de skate, além das áreas dos quiosques.

Patrimônio histórico

Por sua importância na história da cidade, a Lagoa é protegida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), desde 26 de agosto de 1980.

Uma ilha de lazer no caos urbano

Foto: Evandro Pereira



Almir Silva não mora em João Pessoa, mas quando vem à cidade aproveita para brincar com a filha e desfrutar momentos de lazer

Poucas cidades têm o privilégio de manter um espaço verde no seu Centro, um lugar onde é possível fazer uma caminhada, pedalar ou simplesmente sentar no gramado, à sombra das árvores, para apreciar a paisagem. João Pessoa tem esse diferencial, o Parque da Lagoa, e nem parece que ao seu redor ferve o comércio e há o movimento incessante de veículos e transporte coletivo. Bem ali, entre prédios comerciais e o burburinho das lojas, o espaço também é usado para momentos de

lazer em família e, por ser cartão-postal da cidade, é ponto obrigatório de visitação para turistas.

Quem tem criança sabe que o Parque da Lagoa oferece, além da beleza natural, uma área para diversão dos pequenos. Almir Silva dos Santos mora no município de Conde, a 24,9 km de distância da capital, mas, sempre que vem a João Pessoa, faz uma visita ao parque. "Minha filha, Lívia, tem 4 anos e adora brincar. Eu acho que ficou excelente para criança se divertir. Tem muita opção também nos

finais de semana. É um espaço para a família, seguro, de lazer e descanso, além de ser muito bonito", elogiou.

É o que também pensa a aposentada Maria José da Silva. Enquanto acompanhava o neto Marcos, de 4 anos, na gangorra, ela afirmou que, apesar de considerar o espaço importante para a cidade e para a população, tem ido pouco. "Eu gostaria de vir mais, ter mais tempo para apreciar a beleza daqui. Realmente, é muito bom ter essa área aqui no Centro", pontuou.

Páginas da história entre palmeiras e ipês

Para os casais de namorados, a paisagem é acolhedora e remete a cenários de filmes. "A gente vem bastante. É bom para descansar, conversar, apreciar a natureza", relata a estudante Elisângela Irineu. O namorado, Nathan Galdino, reforçou que a beleza do parque acaba atraindo as pessoas. "Quem vem resolver alguma coisa, sempre acaba parando por aqui para descansar, tomar uma água, fazer um lanche, namorar também", observou.

Preservar

Após passar por uma grande reforma, o Parque Solon de Lucena ainda poderá ter algumas melhorias, de acordo com a Secretaria de Planejamento de João Pessoa (Seplan) mas ainda não há uma data para que isto aconteça. Por isso, por enquanto, estão sendo feitos ações intercaladas de algumas secretarias. De acordo com secretário da pasta, José William Montenegro, a Lagoa é símbolo da cidade e precisa ser preservado, e não depredado. "É um patrimônio da cidade e de toda a população", ressaltou.

Os problemas

Problemas de infraestrutura do parque surgiram desde os anos 1975, como resultado da crescente urbanização e tráfego de veículos, conforme relata o artigo 'História e Urbanização: liminaridades no Parque Solon de Lucena, João Pessoa/PB'. Sucessivas intervenções foram feitas em 1993, 1997 e em 2016, mas a tensão entre a urbanização e preservação dos elementos naturais ainda é uma tensão.

A tragédia

O dia 24 de agosto de 1975 marca uma tragédia que teve como cenário a Lagoa e ficou na história da Paraíba. Era domingo e muitas pessoas comemoravam Dia do Soldado. Na época, além da exposição de objetos e veículos do Exército, havia também passeios dentro da Lagoa. A embarcação superlotada, com cerca de duas centenas de pessoas, acabou naufragando. E o resultado foram 35 mortos, dos quais 29 crianças.

O caso teve repercussão nacional e, um dia que era para ser de felicidade com as famílias, acabou ficando na história como um dia trágico.

Alfio Ponzi

Páginas italianas no jornalismo da Paraíba

Alexandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

Escritor, jornalista e jurista, o paraibano Alfio Ponzi se destacou no universo das letras e também da notícia, ultrapassando as divisas da Paraíba. Foi colaborador assíduo do Jornal A União, trabalhou no Jornal do Brasil, nos Diários do Comércio e de Pernambuco, entre outros veículos. Ao falecer, no dia 2 de outubro de 1985, aos 70 anos, vítima de um ataque cardíaco, o jornalista estava residindo no Rio de Janeiro, em São Conrado. Na época, mesmo já aposentado, atuava como chefe do Contencioso do Ministério da Aeronáutica. A função era exercida a pedido da Presidência da República.

Após a morte de Alfio, colonistas de A União lamentaram a perda do ilustre paraibano, que foi descansar em terras cariocas. Um deles foi Carlos Romero, na coluna Letras. "Nesse caríssimo bairro, muito sofisticado por sinal, Alfio levou um pouco do Nordeste para o seu apartamento: rede, pássaros, produtos artesanais. Foi o que me contaram", registrou Romero, em 12 de outubro de 1985. No mesmo texto, ele afirma que Ponzi era um cronista e um homem de "estilo leve", que fazia da "térinha seu pouso preferido. Contemplando o verde de Tambaú, esquecia o cinzento da cidade grande. Bom de conversa, adorava mexer com o passado, relembrar tempos, episódios da tradicional Faculdade de Direito do Recife, onde se titulou".

Escritor

Como escritor, Alfio Ponzi deixou obras como o livro *De Binóculo na Varanda e Presença Italiana na Paraíba*. "Minha referência de Alfio Ponzi era de que ele era uma pessoa muito culta. Li crônicas e artigos dele no jornal Correio da Paraíba. Ponzi escrevia sobre política, o dia a dia, fatos culturais, reflexões sobre a vida", relembrou o escritor e jornalista paraibano Hildeberto Barbosa.

Guardião de uma rica biblioteca, sobretudo de autores paraibanos, Hildeberto lamenta que, atualmente, seja tão raro encontrar um exemplar de Ponzi. "Quando vejo uma obra de autor paraibano, sempre costume comprar. Mas ainda não vi nada de Alfio Ponzi. Faça um apelo aos familiares para que essas obras dele sejam reeditadas, porque elas são muito raras", declarou.

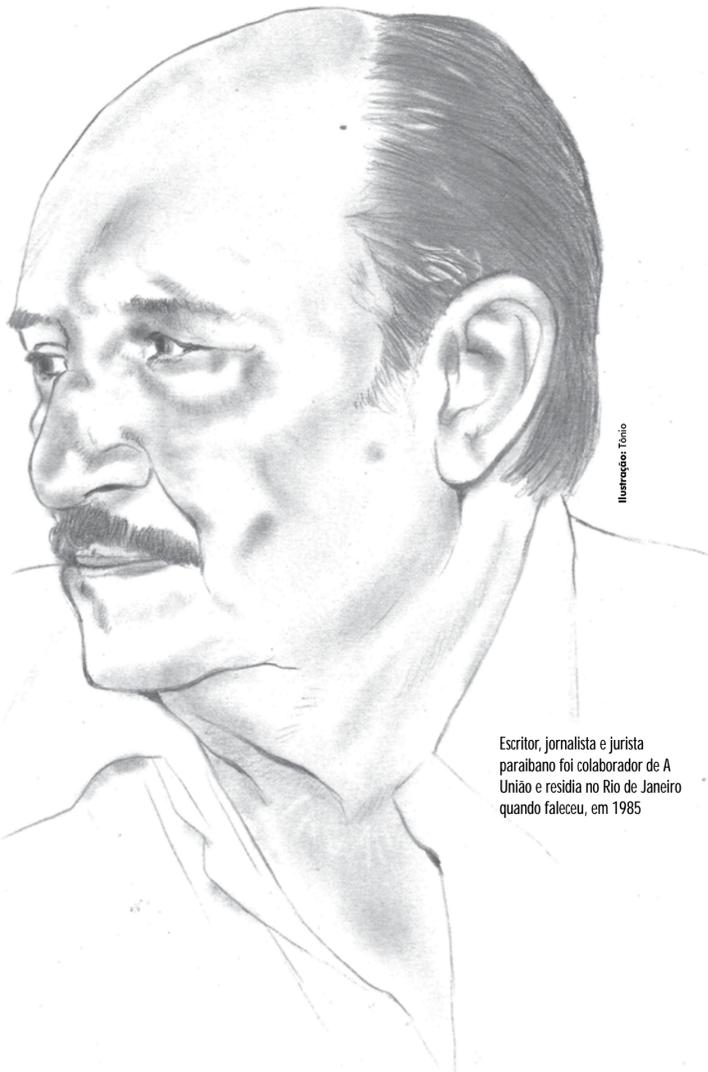


Ilustração: Tônio

Escritor, jornalista e jurista paraibano foi colaborador de A União e residia no Rio de Janeiro quando faleceu, em 1985

PUBLICAÇÕES

Ao pesquisar uma obra do escritor Horácio de Almeida chamado "Contribuição para uma bibliografia paraibana", onde Almeida lista livros de autores da Paraíba, Hildeberto Barbosa cita quatro obras de Alfio Ponzi. Confira abaixo:

- Um Caso de Inadimplemento Contratual - 1952 (estudos sobre inadimplência)
- Revisão dos Contratos de Empreitada, 1954
- De Binóculo na Varanda - (memórias/publicado pela União), 1986;
- Presença Italiana na Paraíba - publicado pela Achiamé, 1989;

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Meio de vida: leitor profissional de notícias

"Relator público" ou leitor de notícias. Esta é a profissão do capitão Jefferson Kyle Kidd, vivido por Tom Hanks no filme "Relatos do Mundo" (disponível na Netflix). Cinco anos depois da Guerra Civil Americana (1861 a 1865), o ex-militar percorre cidades dos Estados Unidos exercendo o ofício de narrador dos fatos publicados pelos jornais.

A inusitada profissão serve como pano de fundo para a história principal, que é o encontro do capitão Kidd com a pequena Johanna (interpretada por Helena Zengel), uma menina de dez anos capturada por uma tribo nativa americana Kiowa e criada como se tal fosse. O filme, um faroeste diferente, tem direção de Paul Greengrass e foi adaptado do livro homônimo publicado em 2016 pela poeta e romancista estadunidense Paulette Jiles.

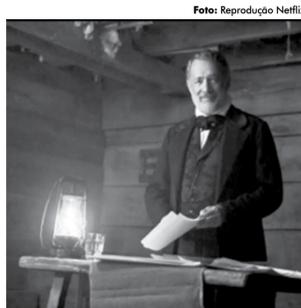
Chama a atenção na obra a necessidade de que as pessoas têm de obter notícias sobre o mundo. Crianças, mulheres, homens, pessoas idosas se reúnem em um galpão (ou outro local) e pagam para ver e ouvir os relatos do capitão Kidd. A

apresentação, claro, envolve todo um *mise en scène* próprio. O ex-militar seleciona notícias que, ao seu ver, interessam ao público e vai narrando histórias publicadas por diferentes jornais. "Senhoras e senhores, essas são histórias de homens e mulheres parecidos com vocês".

Ao selecionar os fatos que serão lidos, o veterano da Guerra Civil Americana também age como um editor: escolhe histórias sobre atos administrativos do governo que vão afetar a vida da comunidade, mas também aquelas que despertam a empatia do público.

Relatos sobre surtos de meningite e cólera ou de pessoas que sobreviveram a tragédias se misturam a fatos do grande mundo, ou de Estados vizinhos. Atento a tudo, está um público ávido por novidades; também por saber o que ocorre para além de sua aldeia. "Senhoras e senhores, eu me chamo capitão Jefferson Kyle Kidd. Estou aqui para contar histórias de todo canto do mundo".

Em um dado momento da história, o clima fica tenso e a máxima "portador não merece pancada" é colocada à prova.



Tom Hanks dá vida ao capitão Kidd em "Relatos do mundo", narrando fatos publicados por jornais dos EUA

Noutro, é difícil não fazer relação com o fenômeno das fake news: quem pode mais tem o direito de forjar as notícias? O público tem o direito de decidir que tipo de notícia deve ser lida? - e mais sobre o enredo do filme não antecipo, para não me acusarem de "dar spoiler".

Desde o início do filme, fiquei curiosa em saber se o ofício exercido pelo veterano da Guerra de Secessão existiu de fato. Pesquisei, porém não encontrei nada que me mostrasse se tudo não passou de uma bela história criada por Paulette Jiles ou se, realmente, houve tal profissão. Se você, caro leitor, for mais feliz em suas

pesquisas sobre o tema, por favor, compartilhe seus achados comigo.

Bolsa Elizabeth Neuffer — Até o dia 25 de fevereiro, a *International Women's Media Foundation* está com inscrições abertas para a Bolsa Elizabeth Neuffer. A oportunidade é exclusiva para jornalistas mulheres de qualquer lugar do mundo. As selecionadas poderão participar de um programa de sete meses de treinamento nas redações do Boston Globe e do New York Times, além de terem oportunidades acadêmicas em universidades de Boston. As candidatas devem enviar um formulário de inscrição e materiais suplementares em iwmf.submittable.com/submit.

Bolsa Joan Shorenstein - Jornalistas, políticos e acadêmicos de todo o mundo podem se inscrever para a bolsa de estudos *Joan Shorenstein* até 1º de março. É necessário ter, no mínimo, cinco anos de experiência profissional e comprovar fluência em inglês usando resultados dos testes *Toefl* ou *Ielts*. Devido à pandemia de covid-19, o programa será totalmente on-line em 2021. Os aprovados recebem uma bolsa de US\$ 30.000 (R\$163.185,00), paga em parcelas durante quatro meses. As inscrições podem ser feitas por meio do link <https://shorensteincenter.org/join-us/fellowships/fellowship-application/>

Um cronista de binóculos

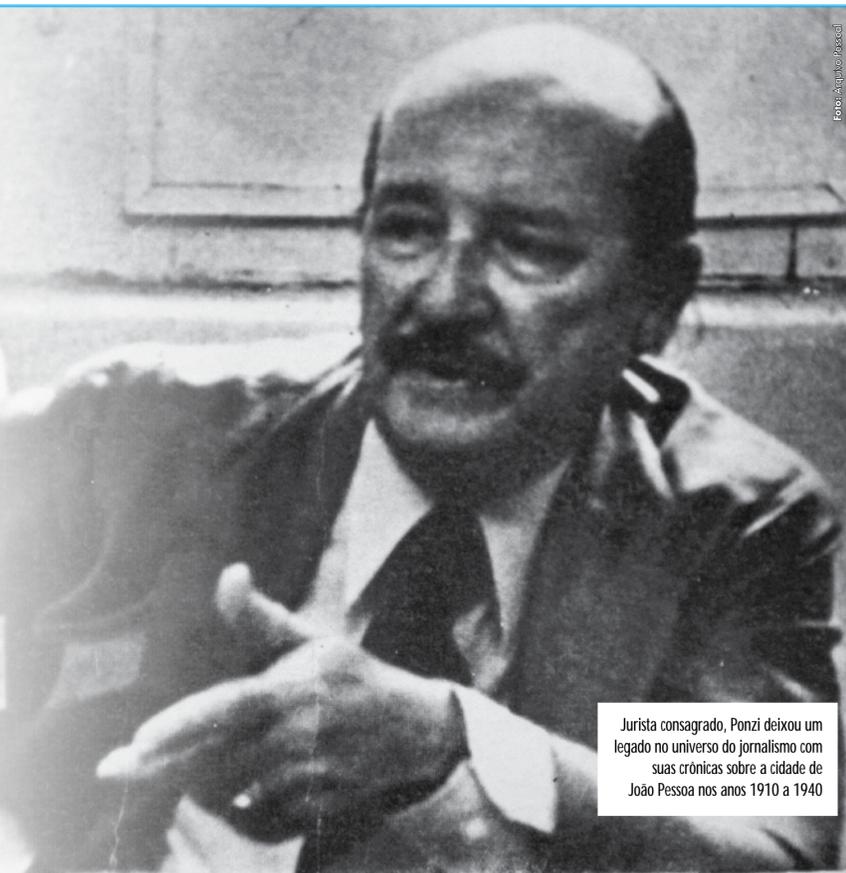
O historiador José Octávio de Arruda Mello destacou, entre as obras de Alfio Ponzi, o livro *De Binóculo na Varanda* (impressa e editada pela A União). "É um livro de memória, que fala menos sobre ele e mais sobre a época de Ponzi", frisou. A obra trata dos costumes da época que vai, aproximadamente, de 1910 a 1940. Um dos enfoques que a publicação traz é sobre o governo João Pessoa, que encontrou na capital uma situação desfavorável no comércio local, devido à presença dos empresários de Recife.

"As firmas pernambucanas não pagavam impostos aqui na Paraíba. Por isso, podiam vender seus produtos por um preço mais barato do que os comerciantes paraibanos, que tinham de pagar impostos. Então, era uma concorrência desleal. Inclusive a firma do pai de Ponzi foi prejudicada por conta disso", frisou José Octávio.

O historiador lembra que a família Ponzi, descendentes de italianos, morava na Rua Visconde de Pelotas, centro da capital, numa casa onde Alfio ficava com um binóculo observando a Lua. Daí surgiu a inspiração para o título do livro.

Já a obra *Presença Italiana na Paraíba* (Achiamé/1989), que traz depoimentos e costumes dos descendentes dos italianos que formaram uma colônia na Paraíba, José Octávio afirmou que é um livro "dedicado e esforçado, mas que não chega ao nível de *Binóculo na Varanda*, porque não foi aprofundado".

A obra, fala dos italianos que vieram ao Brasil e, conseqüentemente chegaram à Paraíba, fugidos da terra natal por motivos políticos, em busca de melhores oportunidades de vida, mas chegando aqui se estabeleceram e se tornaram brasileiros de coração.



Jurista consagrado, Ponzi deixou um legado no universo do jornalismo com suas crônicas sobre a cidade de João Pessoa nos anos 1910 a 1940

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos – Parte 2 A Popularização da Valsa

No universo da música clássica, talvez tenha sido a valsa que mais popularizou entre nós a também chamada música erudita. É bem verdade que o conhecido "Bolero" (1828), de (Maurice) Ravel, prestou a sua colaboração, embora essa belíssima marcha não tenha nada a ver com o bolero, como o conhecemos hoje, e que será objeto de uma nossa futura Coluna.

No plano dito popular, uma das valsas que jamais será esquecida e que tem uma história própria é *Fascination*, uma canção francesa, escrita em 1905 por Maurice de Féraudy (1859-1932) e Dante Pilade "Fermo" Marchetti (1876-1940), de que não se tem conhecimento de nenhuma gravação. Em 1932, a letra foi traduzida para a língua inglesa por Dick Manning, houve uma conversão rítmica e, posteriormente, foi gravada por Jane Morgan (1965), com trilha sonora do filme *Love in the Afternoon* / Amor na Tarde, estrelado por Audrey Hepburn; também a gravaram Al Martino (1965), Dinah Shore (1957), os maestros Percy Faith (1946) e Paul Mauriat (1970), o saxofonista italiano Fausto Papetti (1963). Mas a gravação que se popularizou entre nós foi a de Nat King Cole (1957) que, podemos seguramente dizer, a tornou assim uma música atemporal. No plano universal, há um destaque: *I Me Mine* (1970), do LP/CD *Let It Be*, um misto de rock/valsa, composição de George Harrison, que a interpreta sem a voz de

John Lennon que preferiu, nos estúdios, ensaiar uns passos com Yoko Ono.

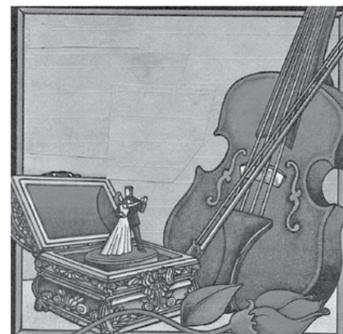
Entre nós, a primeira gravação, versão integral, ocorreu em 1943, com interpretação do cognominado "Rei da Valsa", Carlos Galhardo, com letra (não tradução do original) de Armando Louzada. Galhardo, com a evolução da tecnologia de gravação, ainda a gravou mais uma vez, em 1958, em versão simplificada (sem o recital poético da primeira gravação). Em versão emotiva, não gravada, consta o dueto entre Galhardo e Roberto Carlos, no especial deste, em 1979. A popularidade de *Fascination* é atestada por outras gravações/interpretações: Gil e Nana Caymmi (novela homônima - 1998), Elis (novelas "O Casarão" - 1976 e "O Profeta" - 2006, versão do LP/CD "Falso Brillante"). Outra que fez história foi a Valsa do rio-grandense Tonheca Dantas; com Augusto Calheiros, (*Les Pâtineurs*), original de Émile Waldeufel, citado em Coluna anterior e que, entre nós, foi popularizada em uma gravação de Roberto Paiva (1945), com letra de João de Barro, o Braguinha.

Em nível nacional, algumas valsas merecem destaque e valem a pena serem ouvidas: com Patápio Silva, "Primeiro Amor" (1904); "Royal Cinema" (1913), composição do norte-rio-grandense Tonheca Dantas; com Augusto Calheiros, "Revendo o passado" (1933) e "Ave Maria" - (*Cai a tarde tristonha e serena...* - 1939);

com Francisco Alves, "A mulher que ficou na taça" (1934), "Eu sonhei que tu estavas tão linda" (1941), "Valsa da Despedida" (1941); ainda com Galhardo, "E o destino desfolhou" (1937), "Será" e "Bodas de Prata" (1945), "Italiana" (1955), "Rapaziada do Brás" (1960); com Orlando Silva, "Rosa" (1937), belíssima melodia de Pinguinha (1917), cuja letra, com rebuscado toque parnasiano, foi escrita por Otávio de Souza (*Tu és divina e graciosa / Estátua majestosa...*) e "Lábios que eu beijei" (1937); com Silvio Caldas, "Velho Realejo" (1940) e "Suburbana" (1943). Não se podem esquecer os consagrados "Bailes da Saudade", em que Francisco Petróni nos faz reviver não somente antigas valsas, mas também canções de uma época que já se foi... Dessa fase, para os saudosistas, ainda recomendamos algumas valsas: "Branca" (1917) e "Tardes de Lindoia" (gravação de Alberto Calçada - 1963), ambas de Zequinha de Abreu, "Abismo de Rosas" (1917 - gravação de Dilermano Reis) de Américo Jacomino; "Pisando corações", gravada pelo seresteiro Carlos José (1968) e "Saudades de Ouro Preto", gravada por Dilermano Reis (1968), ambas de Antenógenes Silva e "Saudades de Matão", popularizada pelo talento sertanejo de Raul Torres (gravação da dupla Tonico & Tinoco - 1988).

Mais recentemente, foram feitas algumas incursões do universo da valsa, com destaque para as seguintes: "Valsa de uma Cidade", composição de Antônio Maria e Ismael Netto, gravada por Lúcio Alves (1954) e Cae-

tano (1987); com Chico Buarque, "Valsa" (1971), também gravada por Mônica Salmaso (1999); com Edu Lobo e Chico Buarque (1993), "Valsa Brasileira", também gravada por Zizi Possi, Bethânia e Djavan (não confundir com a homônima composição de Villa-Lobos); a valsa semierudita, a que o autor, Antônio Gismonti, deu o nome de "Ruth" e que tem uma história interessante: trata-se de composição dedicada à filha dele, de mesmo nome, no caso, Ruth, a mãe de Egberto Gismonti, que a gravou (1995) para o LP/CD "Alma"; por fim vêm "Oh! Meu imenso amor" (1969) e "Despedida" (1974), da dupla Erasmo/Roberto, a primeira com R. Carlos demonstrando ainda uma voz incipiente, sendo, creio que por isso mesmo, acompanhado por um coral adequado.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Influência africana na culinária brasileira

Os africanos, quando foram trazidos para o Brasil, já eram dotados de uma vasta sabedoria na culinária. Alguns dos produtos que podemos destacar como marcantes na influência da culinária brasileira, o azeite de dendê, é sem dúvida uma das maiores contribuições para a comida brasileira. É indispensável em inúmeros pratos típicos do Brasil tanto diretamente, como ingrediente, como indiretamente na confecção deles.

Pratos tipicamente brasileiros, como a feijoada fruto da adaptação do negro às condições adversas da escravidão, que com sobras de carnes-juntamente com a sabedoria da culinária africana, já que vários foram os povos africanos que foram trazidos ao Brasil. Daí vários conhecimentos culinários, adaptaram-se àquela situação resultando num dos pratos típicos mais apreciados em todo o país. Na culinária africana não podemos deixar de mencionar

a utilização de frutos do mar, como parte da alimentação.

A culinária do Brasil é fruto de uma mistura de ingredientes europeus, indígenas e africanos. Muitas das técnicas de preparo e ingredientes são de origem indígena, tendo sofrido adaptações por parte dos escravos e dos portugueses. Esses faziam adaptações dos seus pratos típicos substituindo os ingredientes que faltassem por correspondentes locais. A feijoada, prato típico do país, é um exemplo disso. Os escravos trazidos ao Brasil desde fins do século XVI, somaram à culinária nacional elementos como o azeite de dendê e o cuscuz. As levas de imigrantes recebidas pelo país entre os séculos XIX e XX, vindos em grande número da Europa, trouxeram algumas novidades ao cardápio nacional e concomitantemente fortaleceu o consumo de diversos ingredientes.

A alimentação diária, feita em três refeições, envolve o consumo de café com leite, pão, frutas, bolos e doces, no café da manhã, feijão com arroz no almoço, refeição básica do brasileiro, aos quais são somados, por vezes, o macarrão, a carne, a salada e a batata e, no jantar, sopas e também as várias comidas regionais. As bebidas destiladas foram trazidas pelos portugueses ou, como a cachaça, fabricada na terra. O vinho é também muito consumido, por vezes somado à água e açúcar, na conhecida sangria. A cerveja por sua vez começou a ser consumida em fins do século XVIII e é hoje uma das bebidas alcoólicas mais comuns.

Viva o povo africano. Eles são um dos maiores influenciadores na nossa gastronomia brasileira e nordestina, como também de mitos criados na culinária nordestina (que vamos detalhar em um outro momento).



Foto: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Cordeiro à Paraíba fusionado

Picanha de cordeiro grelhada com molho especial, queijo de coalho, acompanhado de arroz da terra de alho e purê de macaxeira com hortelã.

Ingredientes

- 01 picanha de cordeiro temperada de sal e pimenta
- 02 rodelas de abacaxi em cubos pequenos
- Folhas de hortelã
- 100ml de cachaça
- 01 cebola roxa picada
- 02 colheres de sopa de manteiga de garrafa
- 02 colheres de geleia de abacaxi
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 01 xícara de arroz da terra
- 01 macaxeira pequena (para o purê)
- Alho torrado industrializado
- Açafrão da terra
- 02 colheres de queijo de coalho ralado
- 300ml de leite

Modo de preparo da carne e molho:

- Grelhe a picanha já temperada com manteiga e reserve. Para preparar o molho acrescenta a manteiga e a cebola, dê uma leve refogada e acrescenta o abacaxi. Em seguida coloque a cachaça e o restante dos ingredientes, deixe reduzir um pouco e sirva.

Montagem do prato:

- Coloque o arroz refogado no alho e na manteiga com toque de açafrão da terra. Ao lado o purê de macaxeira que já foi cozido e temperado com sal e pimenta do reino e folhas de hortelã. Coloque as duas fatias de picanha enfileiradas e ao lado o molho chutney de abacaxi por baixo. Por fim, coloque uma fatia de queijo de coalho por cima da picanha de cordeiro e sirva.

QUENTINHAS

EXTRA TEM ESPECIAL PEIXARIA E AZEITE

Para começar a semana da quaresma tem preço especial. O Extra preparou ofertas imperdíveis nas categorias de peixaria e azeites. A ação é válida em todas as unidades de Mercado e Hipermercado Extra do Estado. Para quem preferir fazer as compras sem sair de casa, é possível aproveitar os preços no site www.clubeextra.com.br e no aplicativo Clube Extra. Quem optar pelo site ou app ainda terá frete grátis para compras a partir de R\$ 199,00.

Quem não conhece precisa conhecer os hamburguers artesanais de Carlos Jr. Lanches. Além de ter uma variedade de hamburgues de vários sabores e gostos tem o tradicional carro chefe que Jampa ama: o famoso cachorro quente. O Instagram de lá @carlosjranches

A distribuidora de sorveste e açaí Glacai, empresa 100% paraibana não para de investir em novos produtos. Dessa vez a novidade veio em forma de bombom de sorvete, o Glacial Bom. É uma casquinha de chocolate recheada com gelato italiano. O bom é que eles vendem no atacado e no varejo. Mais detalhes no Instagram [deles@glacial_e_glacai](https://www.instagram.com/deles@glacial_e_glacai)

Sabia que você pode me contratar para fazer um almoço ou um jantar especial na sua casa? Pois é, pode ser para casal ou um número bem maior de convidados, posso levar minha equipe e fazer seu dia mais gostoso. Para isso basta entrar em contato por email chefwalterulysses@hotmail.es ou por minha rede social no Instagram @waltinhoulysses e aí te mando o orçamento e da forma como você queira.

PITADAS A GOSTO

A cebola roxa tem um sabor mais suave e adocicado, é mais calórica e por conta de sua cor, é rica em antocianina, poderoso antioxidante que auxilia no combate aos radicais livres..

Já a cebola amarela, também chamada de pera, tem um sabor mais forte, é rica em minerais e menos calórica. A branca, que tem esse nome por conta da cor da sua casca, é maior e possui um sabor mais acentuado. Por isso, tanto a amarela quanto a branca são, preferencialmente, consumidas refogadas, enquanto a roxa é perfeita crua em saladas.

Irremediável despedida

Para uns, definitiva... Para outros, passagem da existência

Alexandra Tavares

lekaip@hotmail.com

Em poucos momentos da história da humanidade se viu e ouviu falar tanto em mortes como no último ano. E esse cenário persiste neste início de 2021, demonstrando se prolongar ainda mais. A pandemia do novo coronavírus, que já tirou a vida de mais de 2 milhões de pessoas pelo planeta, reacende o debate sobre a perda e, com ela, o luto. Mas não se abordará aqui apenas e não menos relevante e irremediável a “despedida” de um parente ou amigo, mas a vivência dessa partida: definitiva para alguns, uma passagem de plano espiritual para outros; essencial para a reorganização social conforme alguns estudiosos e indissociável da própria existência.

O luto, para algumas ciências, é um fenômeno cultural e social que reorganiza os pensamentos interpessoais e também está atrelado às manifestações coletivas. A antropóloga Ednalva Maciel Neves, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que o velório e o luto integram momentos fundamentais para recompor as experiências pessoais e familiares a partir da morte de um ente querido. De modo que, culturalmente, não se pode pensar na morte sem pensar na vida, e o valor atribuído ao fim da existência na Terra está ligado ao ato de estar vivo.

O velório e o luto, de acordo com ela, compõem os rituais, organizados pelas culturas – por isso, variam conforme cada sociedade, cuja função social é mediar as reações diante da ameaça que é a morte, garantindo o fortalecimento das famílias e o suporte das redes de relações das famílias. “Se o velório é o momento de reverenciar o falecido, o luto é o momento de reconhecer a ausência e recompor sentimentos e emoções pessoais e de rearranjos familiares”, salientou.

Dependendo da posição social

da pessoa que faleceu, é evidente que a coletividade é mais atingida. “Mas o impacto é maior quando se trata de um pai ou uma mãe, que são chefes de família”, acrescentou a antropóloga.

Apesar de estar envolvido, geralmente, de muita tristeza e dor, há lições que podem ser tiradas com essa experiência. A professora afirmou que o luto mostra que é preciso vivenciar as reações emocionais e psicológicas relacionadas às perdas, às ausências e à morte. Isso significa que, enquanto sociedade, precisa-se permitir e construir modos de cuidar, para garantir que as pessoas possam viver o luto. “Precisamos garantir esse tempo de recomposição dos sentimentos e das emoções pelas pessoas, e não impedir sua expressão”, alertou.

É justamente sobre a necessidade de se vivenciar todas as etapas do luto que a psicóloga Renata Toscano enfoca que o luto cura e liberta. “Os sentimentos precisam ser sentidos, expressados. Segurar, reprimir e guardar o sofrimento, a angústia é algo que pode nos levar a um adoecimento físico ou emocional”, contou.

A psicóloga declarou que a melhor forma de encarar a morte é se preparando para ela. Mas como se preparar para algo tão inerente à vida e ao mesmo tempo inesperado? Não se pode responder quando, onde, de que forma vai ocorrer. Renata Toscano conta que se vive numa cultura de negação, onde se sabe que vai morrer, tendo essa certeza ao nascer, mas pouco se fala dessa realidade. No entanto, é preciso enfrentar a morte de frente.

“Para quem ainda não perdeu ninguém, ame hoje, perdoe hoje, viva hoje, pois não sabemos do amanhã. Para que não haja sentimentos negativos: remorso e arrependimentos. A dor da perda precisa ser sentida, faz parte do processo de recuperação”, ensina Toscano.

“Os sentimentos precisam ser sentidos, expressados. Segurar, reprimir e guardar o sofrimento, a angústia é algo que pode nos levar a um adoecimento físico ou emocional”

Renata Toscano



Foto: Arquivo pessoal

Mobilização dos afetos diante do momento de perda

A socióloga Kristyna Araújo da Silva Barbosa enfoca que o luto está ligado não apenas à morte, mas também à importância que se dá à vida. Etimologicamente, a palavra em latim “lucto” significa um sentimento profundo de tristeza e pesar pela morte de um outro ser. E sociologicamente, o luto está relacionado com a forma como a sociedade mobiliza os afetos em relação a esse momento.

Muitas vezes, ouve-se a expressão “estou de luto” para representar o estado de espírito por enfrentar experiências infelizes, mas que não estão ligadas ao fim da vida de outro indivíduo, mas a outras perdas, como a de um lar onde se passou toda a infância, a de um relacionamento de longa data que acabou por motivo de divórcio, por exemplo.

De acordo com Kristyna

Araújo, não se tem luto em relação à perda de um bem material, de um objeto. “O sentimento em relação a isso pode ser de decepção, frustração, mas não de luto”, ressaltou.

Do ponto de vista antropológico, porém, se considera essas experiências de perdas como uma espécie de luto. A antropóloga Ednalva Maciel Neves conta que se aprende com as perdas em vários níveis da vida pessoal e social. Esses afastamentos ajudam a pensar sobre a morte e o morrer como fenômeno que integra a vida: a vida como um ciclo ou fases.

“No entanto, como a morte se tornou um tabu para nossas sociedades ocidentais, nem sempre sabemos lidar com essas perdas, por isso precisamos de suporte emocional ou psicológico para entender, aceitar e suportar essas situações”, salientou Ednalva.

Costumes vividos em diferentes sociedades

Existem sociedades em que o sepultamento definitivo se realiza apenas após a decomposição do corpo, quando restam apenas os ossos. Algumas sociedades expõem os corpos dos falecidos para que possam se decompor de forma mais rápida, e poder ser sepultados em definitivo.

Em diferentes sociedades, as pessoas se automutilam diante da morte de um integrante, num ritual de catarse coletiva. Há casos em que se limita o consumo de certos alimentos ou mesmo a vida pública por um certo tempo.

No México, a homenagem dos mortos no ‘Dia de Finados’, em 2 de novembro, é considerada um momento de festividade, quando se vai compartilhar alimentos e bebidas que relembram os mortos.

“Se o velório é o momento de reverenciar o falecido, o luto é o momento de reconhecer a ausência e recompor sentimentos e emoções pessoais e de rearranjos familiares”

Ednalva Maciel Neves



Foto: Arquivo pessoal



Rituais de despedida e a vivência da morte e do luto

Cerimônias, introspecção, reflexão, cânticos e homenagens

Alexandra Tavares

lekajp@hotmail.com

A forma como se vivencia a morte, os rituais de despedida e até a vivência do luto variam segundo cada religião. Há desde cerimônias mais contidas, envoltas em introspecção e reflexão até aquelas mais expressivas, com cânticos e homenagens.

No Catolicismo, o padre Paulo Cordeiro, da Paróquia São Francisco de Assis Jardim São Paulo, no bairro dos Bancários, em João Pessoa, destaca que os indivíduos aprendem desde cedo o ciclo da vida: nascer, crescer e constituir uma família, ou seja, se reproduzir e depois morrer. Segundo ele, negar a morte, é negar a própria vida.

“Porque essa é uma companheira inseparável. Quando partimos para a dimensão espiritual, na Bíblia aprendemos com o próprio Cristo que, ao se encarnar, nos deu a própria vida. E nos resgatou. Ele deixou clara sua missão que foi nos resgatar, redimir, e deixar certo que retornaria para o pai”.

Dessa forma, quando se fala sobre vencer o luto, o padre reforça que é preciso pensar que não se está sozinho, porque o ser humano é um ser que agrega, é social e solidário. “Então, uma das formas de vivenciarmos o luto é encontrar no outro e na palavra de Deus o apoio, a solidariedade, a compaixão. E depois se permitir expressar a nossa dor. É importante encontrar no líder religioso o apoio, a escuta e a partilha. E quando o luto se torna patológico, procurar a psicoterapia para obter a superação”.

Já no Candomblé, a morte é vista como o retorno ao orum (palavra da língua iorubá que define, na mitologia iorubá, o céu ou o mundo espiritual). Nos ritos fúnebres, não há espaço para choros e melancolia.

Nesse caso, o luto, assim como a morte, não é motivo para a tristeza. “A morte não é uma tristeza. É a certeza de que o ancestral estará cuidando de nós, é esperança do retorno à Terra, é um reencontro com a ancestralidade. Entregamos e oferecemos o corpo a Omulu, dono

da Terra, de onde viemos e voltaremos”, declarou Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque (ialorixá), presidente da Federação Independente dos Cultos Afros Brasileira do Estado da Paraíba.

O ritual, feito com cânticos e uso de instrumentos como atabaques, demora sete dias, sendo celebrado pela ialorixá (mulher) ou babalorixá (homem). O branco é a cor usual e participam da cerimônia os filhos e filhas de santo e outros sacerdotes convidados. Se o falecido for o responsável pela Casa de Axé (onde se pratica a religião), o local terá de 90 dias até a um ano de fechamento.

Diferentemente, nos pressupostos do Espiritismo, a morte é um momento em meio a um caminho infinito. É uma transformação e não um ponto final. “Morrer é continuar vivendo em outra dimensão – a espiritual – com os sentimentos adquiridos, com a visão espiritual expandida, com os amores, as alegrias e saudades e tudo o que o ser adquiriu no seu autodesenvolvimento através da sua passagem pela Terra”, explicou Marilourdes Queiroz, psicóloga, integrante da Diretoria do Departamento da Família da Federação Espírita Paraibana.

Marilourdes Queiroz conta que na separação de um ente querido através da morte física há de se enfrentar a finitude da vida física e o sentimento de impotência diante da partida de quem se ama. Por isso, é comum surgir um misto de emoções dentro de cada praticante da religião.

Segundo ela, o sofrimento nesse momento varia conforme cada pessoa, dependendo do que se acredita que existe depois da morte. Marilourdes afirmou que, ao longo do luto, há fases em que se destacam a negação, a raiva, a interiorização e, por fim, a aceitação. De acordo com ela, essa última fase celebra a vitória de nós mesmos. “É o entendimento de que há coisas na vida que nos escapam ao alcance, pois insondáveis são os desígnios de Deus”.

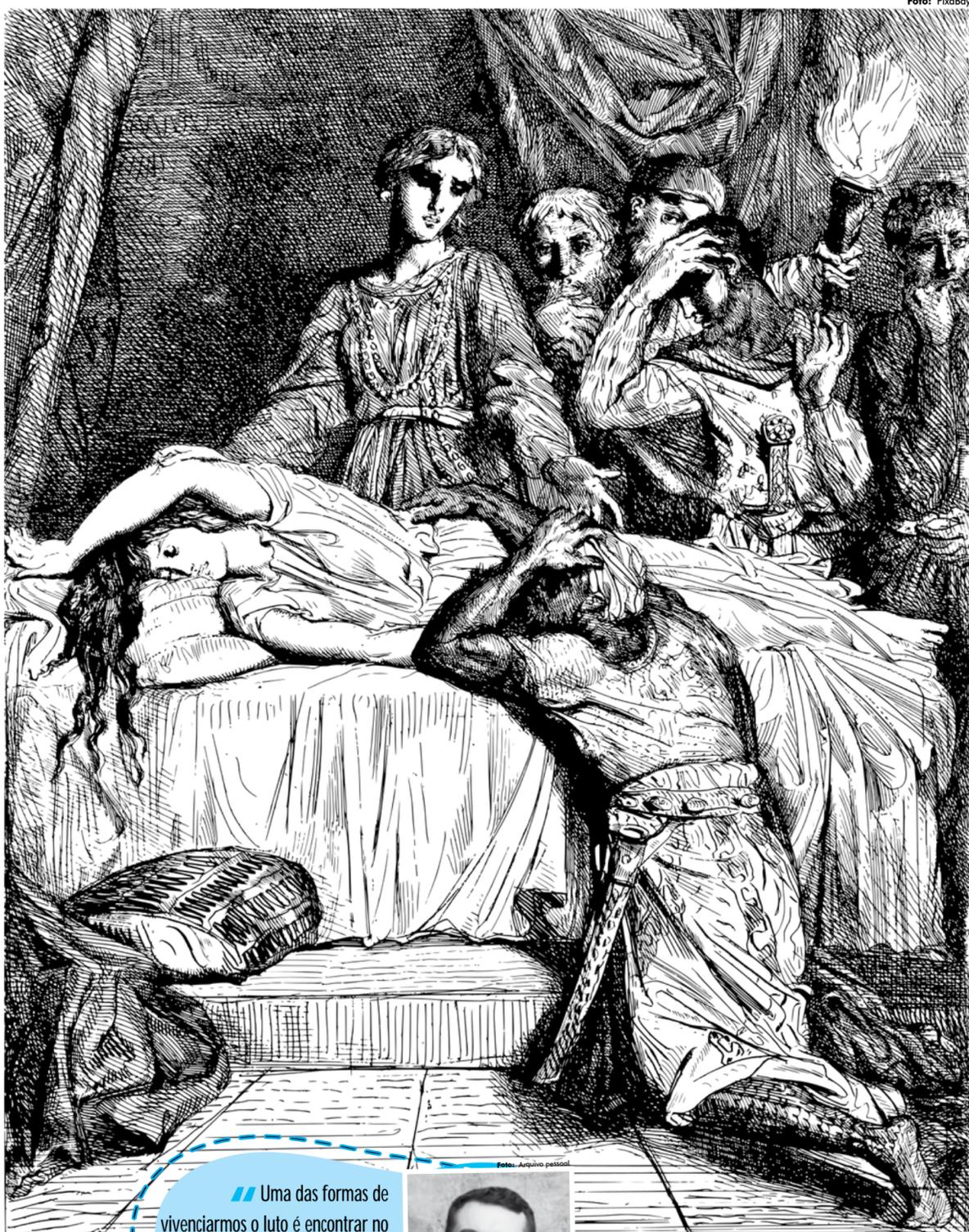


Foto: Pixabay

“ Uma das formas de vivenciarmos o luto é encontrar no outro e na palavra de Deus o apoio, a solidariedade, a compaixão. E depois se permitir expressar a nossa dor (...) Quando o luto se torna patológico, procurar a psicoterapia para obter a superação

Paulo Cordeiro

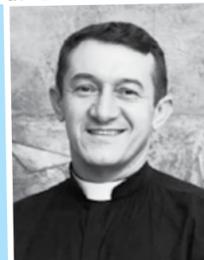


Foto: Arquivo pessoal

“ A morte não é uma tristeza. É a certeza de que o ancestral estará cuidando de nós, é esperança do retorno à Terra, é um reencontro com a ancestralidade. Entregamos e oferecemos o corpo a Omulu, dono da Terra, de onde viemos e voltaremos

Renilda Bezerra



Foto: Arquivo pessoal

“ Morrer é continuar vivendo em outra dimensão – a espiritual – com os sentimentos adquiridos, com a visão espiritual expandida, com os amores, as alegrias e saudades e tudo o que o ser adquiriu no seu autodesenvolvimento através da sua passagem pela Terra

Marilourdes Queiroz



Foto: Arquivo pessoal

Manifestações coletivas e o minuto do silêncio

Geralmente, o velório é uma experiência privada, onde estão reunidos familiares e amigos próximos da pessoa que se foi. Mas em casos de personalidades da sociedade, como autoridades e artistas de destaque, há uma espécie de comoção coletiva. A forma de “despedida” costuma reunir milhares de pessoas, noutras vezes há comoção nacional. Segundo a antropóloga Ednalva Maciel Neves, nessas situações é possível se observar alguns “padrões” nos ritos e homenagens.

“Há exposição do corpo em espaço público e o cortejo fúnebre passa por vias que permitam a presença do público”, afirmou. Entre os símbolos utilizados nessas cerimônias, ela cita o uso da bandeira nacional ou do time esportivo sobre o caixão, por exemplo.

Na sociedade atual, ainda é comum observarmos, antes da realização de eventos públicos, a frase: “Vamos fazer um minuto de silêncio”. Mas o gesto só ocorre quando se trata de pessoas públicas que faleceram. A antropóloga conta que, sobre esse ato, há informações que apontam controvérsia sobre o seu surgimento da homenagem. Há quem aponte que o ato surgiu em Portugal, em 1912, quando o parlamento recebeu a notícia da morte do Barão do Rio Branco, diplomata brasileiro.

“Existe outra variante que atribui a origem desse costume no Reino Unido, tendo sido adotado pelo rei George V, em homenagem aos mortos da Primeira Guerra Mundial, inspirado no artigo de um jornalista australiano num jornal londrino” contou.

Segundo ela, as duas versões apontam que a iniciativa do “silêncio” pode ser usada para homenagear a memória de uma pessoa ilustre ou mesmo os vários anônimos que faleceram em determinadas situações críticas, como um grande conflito ou numa pandemia como a da covid-19.

Visão bíblica provoca a não aceitação da morte:

culpa do pecado original?

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O ser humano não está acostumado a perder. A morte ainda é um mistério, assim como a melhor forma de lidar com ela. Por séculos, filósofos, pensadores e religiosos tentam encontrar a melhor forma de explicá-la e talvez as incertezas em volta dela seja o principal motivo do sofrimento.

Não há como saber se a perda dos entes queridos é para sempre, ou se ainda poderão ser vistos. Durante o luto, a revolta pode ser uma característica. Na perspectiva bíblica, a morte veio como um castigo do pecado cometido por Adão e Eva e esse é o motivo do ser humano não aceitar a morte com tranquilidade. Já para a mitologia grega, a morte entrou no mundo com a abertura da caixa de pandora.

Independente do motivo que faz com que o ser humano não aceite a morte e entre em processo de luto com a perda, o fato é que essa fase é essencial e precisa ser vivida para evitar piores sofrimentos futuros. De acordo com a psicóloga Alessandra Pereira, não há um tempo ou forma ideal de como viver o luto. “É algo bem subjetivo, não tem como a gente definir até quando uma pessoa pode vivenciar o luto. Ela vivencia até onde ela consegue elaborar bem esse luto, até que depois disso não tenha sofrimento, mas a lembrança. É quando ela começa a dar sentido, a ressignificar”, disse.

A psicóloga ressaltou que nem sempre a intervenção das pessoas ao redor pode ser algo bom. O luto precisa ser vivido de forma plena, “até a última lágrima”, como ela definiu. “Tem que deixar a pessoa vivenciar. Como diz, chorar até a última lágrima para depois enxugá-las e seguir em frente. Não tem como a gente forçar a pessoa a vivenciar esse processo em semanas, um mês, três meses”.

As consequências para quem não vivencia o luto pode ser o prolongamento do sofrimento. É o luto definido pela psicologia como patológico. “O luto patológico é aquele que a gente carrega pela vida, nos colocando naquele lugar de vítima. É preciso, e algumas pessoas necessitam da psicoterapia, dessa ajuda profissional para que elas entendam que o luto é normal e que ela precisa vivenciar para poder dar continuidade”.

Não se pode estabelecer um tempo específico para o luto acabar. A especialista ressaltou que cada indivíduo deve ser tratado de forma pessoal, sem comparações, e com o seu tempo de luto sendo respeitado. “Vai muito da resiliência de cada um. Algumas pessoas vão passar de forma mais rápida. Outros mais prolongados. Outras vezes pode ser necessária a ajuda de um profissional da psicologia, para que ela possa entender o que significa essa perda na vida dela. E como ela pode ressignificar essa perda”.

Após atravessar o luto, não há normalidade. A psicóloga explicou que na Psicologia é preferível falar de naturalidade. Ela explicou que não há como voltar a ser o que era antes após o luto ou qualquer outra vivência desse tipo “É aquela capacidade de atravessar as dificuldades da vida e sair. É muito comparado ao bambu que quando vem uma tempestade se enverga todo e depois volta ao seu estado ereto ou normal, digamos assim, se é que existe uma normalidade. Na Psicologia a gente prefere falar de naturalidade do que normalidade”.

Além disso, Alessandra explicou que há diversas formas de sofrer o luto. “Não é só a perda de um ente querido. Mas pode ser também a perda de algo. O término de um ciclo também. Muitas vezes é vivenciado de formas subjetivas. Cada um tem a sua forma de vivenciar esse luto. Na Psicologia o luto é visto dessa forma. Como um momento de perda”.



Um sentimento subjetivo

Segundo o psiquiatra Kubler Ross, há cinco fases do luto. Nem sempre elas são vivenciadas por todos, ou na mesma ordem, já que esse é um sentimento subjetivo e vivido de forma específica por cada um, mas as fases definem bem o que é vivenciar o luto. Abaixo confira as fases explicadas pela psicóloga Alessandra Pereira:

1ª Negação: quando a pessoa nega esse processo que chega para ela. Em que ela não reconhece essa perda, ou seja, não aceita.

2ª Raiva: quando a pessoa geralmente fica indignada por ter tido essa perda. É uma fase de muita euforia. De assimilação do que está acontecendo. Como ela não pode expressar isso de outra forma, ela sente essa raiva.

3ª Barganha: quando a pessoa tenta, de alguma forma, fazer uma troca para que não tenha essa perda ou para que ela possa ser revertida de alguma forma. Mesmo sabendo que, em muitos casos, como na

perda de um ente querido, não tem como barganhar a volta desse ser que se foi. Mas existe essa fase em que a pessoa entra nesse estado de barganha, tentando, de alguma forma, negociar para que não haja essa perda.

4ª Depressão: quando realmente a pessoa se conecta com essa perda e entra num estado de tristeza, que não é a depressão em si como um fator patológico. Mas é um estado deprimido de melancolia e de muita reflexão. É aquela fase em que a pessoa se dá conta do que aconteceu e ela se entristece por tudo isso. Porque ela consegue enxergar e ter uma visão de tudo o que está acontecendo.

5ª Aceitação: quando a pessoa começa de verdade a aceitar que aquele fato ocorreu e que é preciso dar continuidade à vida. Não há como barganhar ou fazer com que isso retroceda. Não tem como voltar atrás. A pessoa aceita e aí começa a construir estratégias para seguir em frente e dar sentido à vida.

O luto dos sobreviventes

Perder um familiar ou pessoa próxima já não é algo fácil. Mas, e quando isso ocorre através de um suicídio? A psicóloga Alessandra Pereira explica que a dor dessas pessoas é chamada pela psicologia como “Luto dos Sobreviventes”. Muitas vezes eles são envolvidos por dúvidas e questionamentos do que poderiam ter feito ou ajudado aquele ser que se foi.

De acordo com a especialista, não há como se culpar por algo feito pelo outro. Ela ressaltou que cada indivíduo é dono de suas escolhas. Apesar da depressão ser uma doença e precisar do apoio familiar e de amigos, nem sempre os que estão ao redor podem fazer algo para evitar a morte de alguém. “Nesse luto, a pessoa fica sempre com aquele sentimento do que poderia ter feito para evitar isso. Mas é algo muito do outro. Por mais que a gente faça e tente ajudar de alguma forma, há o livre arbítrio, o poder de escolha, o querer continuar ou o não conseguir mais continuar”.

A psicóloga explicou que para sobreviver a esse luto é importante que haja uma ajuda profissional, que faça com que o enlutado compreenda que o suicídio não é um ato de coragem, mas também não é de covardia e nem falta de Deus. “A gente sabe que é uma dor emocional muito grande que a pessoa perde o sentido de viver. Por isso que a gente fala do luto dos sobreviventes, porque é difícil quando a gente tem uma pessoa doente em que a gente está se preparando para essa perda. Nunca vamos estar totalmente preparados. É muito difícil, porque é o luto daqueles que sobreviveram a isso, os familiares, amigos. E há sempre aquela pergunta: como eu não percebi, como eu não ajudei de alguma forma?”.



“É algo bem subjetivo, não tem como a gente definir até quando uma pessoa pode vivenciar o luto. Ela vivencia até onde ela consegue elaborar bem esse luto, até que depois disso não tenha sofrimento, mas a lembrança. É quando ela começa a dar sentido, a ressignificar”



Alessandra Pereira

Foto: Arquivo pessoal



Após estágios de sentimento de perda, vem a esperança

Uma vida melhor do que a atual?

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

De acordo com a Psicologia, aqueles que proferem uma fé, independente da crença, conseguem passar pelos estágios do luto com mais facilidade. Morrer pode ser uma espécie de lucro para alguém? Para algumas religiões a morte não é sinônimo de perda, mas de esperança. Crer que haverá vida após a morte pode trazer não apenas conforto, mas, dependendo da religião, a expectativa de uma vida ainda melhor do que a atual.

Mas será que é possível encontrar tanta esperança em meio a algo tão doloroso como a morte? A psicóloga Alessandra Pereira explica que a crença traz um sentido na vida, um propósito e algo em que se crer, o que ajuda o ser humano a passar por momentos difíceis. "A espiritualidade ajuda. Você estar conectado com a sua crença ajuda muito com a resiliência e dá sentido à vida. É você ter no que acreditar, isso fortalece a gente a continuar. É importante você manter essas dimensões alinhadas e equilibradas para que ela venha como um suporte, não só nas fases ruins, como de conquistas também", ressaltou a especialista.

De acordo com o pastor evangélico da Igreja Batista Bancários (IBB), em João Pessoa, Mazinho Lima, o luto vivenciado pelos cristãos protestantes não é isento de dor. No entanto, também acompanha o sentimento de esperança. "Não tem como não ser algo doloroso, mas ao mesmo tempo é uma esperança. O luto

em si não é uma perda simplesmente. A gente perde aquilo que a gente não vai encontrar mais e, para nós, haverá um reencontro", disse.

O líder religioso explicou que esse sentimento de conforto está atrelado à crença de uma vida eterna. "Temos a certeza de que o morrer é em Cristo, estar em Cristo, ou seja, é uma partida desse mundo para estar com Jesus. Isso é claro que suaviza a dor e conforta em saber que não é uma ruptura eterna, mas um até logo, um breve adeus".

A crença cristã acredita em três perspectivas que ajudam a entender o sentimento de esperança durante o luto. "Há três perspectivas importantes do que cremos. Primeiro é que Jesus veio, ele morreu e ressuscitou. A ressurreição de Cristo nos dá a certeza de que nós também ressuscitaremos. É uma promessa dele e isso para nós é a maior alegria. Segundo porque ele voltou para o pai para preparar um lugar, ou seja, ele ressuscitou, voltou para o pai e disse que prepararia um lugar para nós. E terceiro ele disse que voltaria para estar conosco. São essas perspectivas da esperança do povo cristão evangélico. Jesus nos dá essa certeza que estaremos com ele por toda a eternidade".

A religião também ajuda a entender alguns questionamentos humanos. Como, por exemplo, o porquê da morte. Durante a pandemia, o mundo vivencia uma espécie de luto coletivo, que faz muitos refletirem sobre a finitude humana. "Vivemos e ainda estamos enfrentando um luto

universal. Tudo se tornou ainda mais vulnerável. Mas ainda assim cremos na mão de Deus, no controle de Deus. É difícil, claro, explicar a vontade de Deus vendo uma pessoa tão jovem morrer e outra pessoa com cem anos, por exemplo, pegar covid-19 e se recuperar. Como explicar a vontade de Deus para isso? Não há outra explicação se não a soberania de Deus, crer de fato que Deus é soberano e que ele exerce um comando sobre o dia da partida de todos nós".

“ Não tem como não ser algo doloroso, mas ao mesmo tempo é uma esperança. O luto em si não é uma perda simplesmente. A gente perde aquilo que a gente não vai encontrar mais e, para nós, haverá um reencontro

Mazinho Lima



Sem esconder nada

O luto nas crianças

Apesar das crianças terem uma forma diferente de se expressar e de vivenciar o luto, elas também passam por essa fase de forma tão intensa ou até mais do que os adultos. De acordo com a psicóloga clínica Ewelyne Vieira, especialista em psicologia infantil, é um erro esconder a morte dos pequenos. Ela enfatizou que o luto é algo que deve ser vivenciado por todos. "Por mais que falar de morte seja uma dificuldade até para adultos, por realmente não ser um assunto confortável, é importante pensar que esconder isso da

criança pode causar algo no futuro dela", disse.

A especialista ressaltou que todas as experiências da infância têm consequências para o futuro e com o luto não é diferente. Mesmo que a notícia seja contada de forma subjetiva ou alegórica para o entendimento da criança, é importante que a mensagem seja passada de forma clara. "É muito importante que esse luto seja vivenciado da maneira mais verdadeira possível. No sentido da criança entender. Quando o adulto tenta proteger a criança para que ela não tenha acesso a isso, acaba subestimando o próprio

sentimento dela. Porque ela está sentindo alguma coisa, ela percebe a ausência".

Assim como o adulto, há diversas formas da criança vivenciar um luto. Seja com a mudança de escola ou a perda de um bichinho de estimação. "O que vai caracterizar o luto é a reação emocional diante de uma perda, isso independe se é uma perda de algum ente querido ou de algo que venha a ser significativo para aquela criança. Podem ser mudanças, como pessoas do convívio que se mudam, várias circunstâncias podem desencadear esse sentimento".

“ Por mais que falar de morte seja uma dificuldade até para adultos, por realmente não ser um assunto confortável, é importante pensar que esconder isso da criança pode causar algo no futuro dela

Ewelyne Vieira



Entendimento por faixa-etária

A forma como a criança vivencia o luto e entende a morte varia de acordo com a sua faixa-etária, segundo explica a psicóloga.

Dos 3 aos 5 anos, a morte tem relação ao estado de sono. Ela acredita que os seus pensamentos e desejos podem vir a curar ou evitar a morte. É muito comum ter sentimentos de culpa diante da morte. Den-

tro da cabecinha delas, elas pensam de uma certa forma que tem um pouco de responsabilidade dela daquilo estar acontecendo.

Dos 5 aos 7 anos, a criança consegue entender como algo irreversível. Algo mais concreto que tem essa coisa da finitude e que faz parte da complexidade do corpo humano. É mais real essa ques-

tão da morte para elas.

Dos 8 aos 11 anos, ela consegue ter uma compreensão mais completa do que é o processo da morte e, consequentemente, começa a pensar nessas possibilidades da causalidade da morte, como o que pode ter acontecido. Nada muito desse imaginário como se fosse algo da responsabilidade dela.

